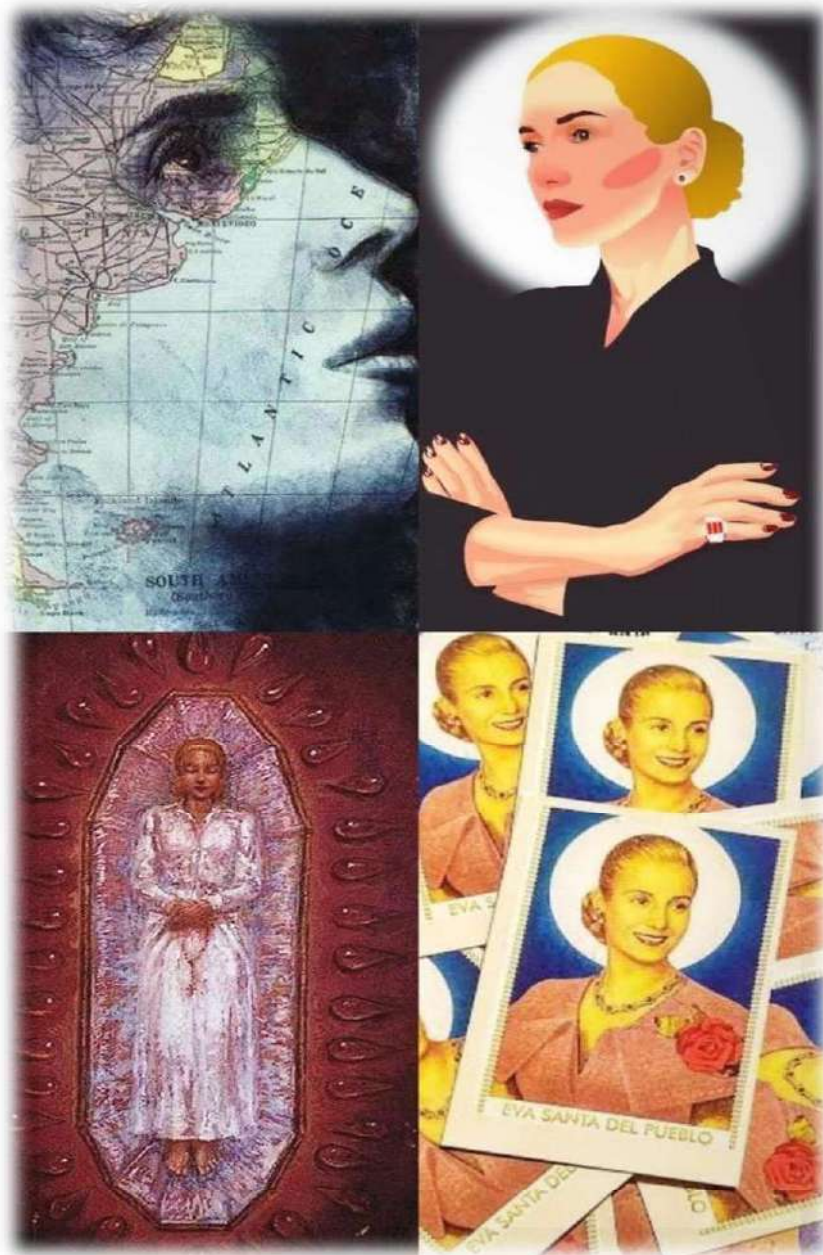


Programa de Pós-Graduação em História (PPH)

**EVA PERÓN, A MORTE, A MEMÓRIA E OS CRIVOS ANTIPERONISTAS NO
JORNAL *TRIBUNA DA IMPRENSA* (1952-1964)**

Ivana Aparecida da Cunha Marques



Maringá, 2025

IVANA APARECIDA DA CUNHA MARQUES

EVA PERÓN, A MORTE, A MEMÓRIA E OS CRIVOS
ANTIPERONISTAS NO JORNAL *TRIBUNA DA IMPRENSA* (1952-
1964)

Tese apresentada por Ivana Aparecida da Cunha Marques ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de Doutora em História, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ivana Guilherme Simili.

Maringá
2025

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

M357e

Marques, Ivana Aparecida da Cunha

Eva Perón, a morte, a memória e os crivos antiperonistas no jornal *Tribuna da Imprensa* (1952-1964) / Ivana Aparecida da Cunha Marques. -- Maringá, PR, 2025.
148 f. : il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Ivana Guilherme Simili.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Eva Perón - Primeira-dama . 2. História - Argentina. 3. Tribuna da Imprensa. 4. Mito. 5. Monumentalização. I. Simili, Ivana Guilherme, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História.

CDD 23.ed. 982

Marinalva Aparecida Spolon Almeida - 9/1094

FOLHA DE APROVAÇÃO

IVANA APARECIDA DA CUNHA MARQUES

EVA PERÓN, A MORTE, A MEMÓRIA E
OS CRIVOS ANTIPERONISTAS NO JORNAL *TRIBUNA DA IMPRENSA* (1952-
1964)

Tese apresentada ao Programa de Pós-
graduação em História da Universidade
Estadual de Maringá (UEM), como
requisito obrigatório para a obtenção do
título de doutora em História.

Maringá, 26 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Ivana Guilherme Simili (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof^º. Dr^º. Ângelo Aparecido Priori (Avaliador
interno) Universidade Estadual de Maringá
(UEM)

Prof^º. Sezinando Luiz Menezes (Avaliador
interno) Universidade Estadual de Maringá
(UEM)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia da Silva (Avaliadora
externa) Universidade Federal de Alfenas
(UNIFAL)

Prof^º. Dr^º. Éder da Silva Novak (Avaliador externo)
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Prof^º. Dr^º. Ricardo Tadeu Caires da Silva (Avaliador externo)
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

AGRADECIMENTOS

Nada é apenas sobre mim. Foi isso que Emicida me ensinou quando escreveu "Eu sou os sonhos dos meus pais, que eram os sonhos dos avós, que eram sonhos dos meus ancestrais." Eu sou porque eles foram e são, eu sou porque nós somos. Ubuntu!

Essa é a minha singela maneira de dizer obrigada à todas e todos que existem em mim, me moldando, sonhando meu sonho e enfrentando adversidades históricas para que eu pudesse desfrutar da experiência e privilégio de poder pesquisar.

Quando meus avós - e amores da minha vida - se foram, esta narrativa ganhou um outro tom. Quando escrevi sobre Getúlio Vargas, lembrei de minha avó, que me esperava chegar da faculdade todos os dias, até depois da meia-noite. Em uma daquelas madrugadas, contei-lhe sobre o que tinha aprendido sobre o getulismo, e como resposta, ela me ensinou acerca de suas vivências e me falou empolgada sobre o apelo social que tivera o "Pai-Nosso do Getúlio", como ela mesma o denominava, especialmente depois do suicídio do presidente. Resolvi incluir esta oração na tese para sempre a lembrar.

Quando narrei sobre Evita, pensei em como a morte pode ser a reinvenção de algo e o começo do novo. Foi assim que, de fato, percebi o que este trabalho representa: um presente, uma renovação.

Dedico este texto à Ivana do passado, que resolveu tentar; a do presente, que penou, chorou muito e tem buscado se reinventar; à Ivana do futuro, a quem eu desejo que esteja me aguardando com gratidão e alegria.

Porém, repito que esta tese não é sobre mim, apesar de ter sido escrita por minhas mãos. É sobre meus/minhas professores/as, em especial à Ivana orientadora que acolheu minhas dores e soube ser assertiva, mas doce; e sobre esta banca, que aceitou – com tanto carinho - o meu trabalho: aos membros avaliadores, minha imensa gratidão;

É sobre meus pais, tios/as e primos/as, que nunca desistiram de mim e não deixaram que eu mesma me esquecesse de quem eu sou. Obrigada por me ninarem e limparem os meus machucados até hoje.

Às minhas amigas – que eu mentalizo os nomes e rostos enquanto escrevo - que nunca me disseram que, caso eu desistisse, tudo ficaria bem, porque para elas, desistir não era uma opção aqui.

É também sobre a Capes, que me concedeu a bolsa que custeou esta pesquisa, para que, a partir disso, ela pudesse tomar forma e conteúdo, uma vez que a vida material existe e

precisa ser considerada.

Fazer pesquisa durante parte de um governo que simboliza o ode à ignorância, me fez entender que ciência é, antes de qualquer coisa, enfrentamento, posicionamento e uma arma, mas não a do tipo que eles defendem. Não sou ingênua o bastante para achar que eles se foram de vez, mas estou contente por minha pesquisa existir, **apesar** deles.

Por fim, este texto é, acima de tudo, sobre os meus avós (João da Cunha, Aparecida Ricardo da Cunha, Devair Marques e Adalgiza Andrade), que, embora tenham partido antes de me verem alçar esse voo, escreveram cada uma das linhas desta trajetória, sonharam comigo, me ensinaram a ser gente, me deram ímpeto e vontade, e me fizeram enxergar que, independentemente da morte, a vida sempre vence.

Obrigada!

*As biografias são apenas as roupas e os
botões da pessoa.*

*A vida da própria pessoa não pode ser
escrita*

Mark Twain

RESUMO

Maria Eva Duarte (1919-1952) desempenhou alguns papéis no cenário artístico, mas foi a partir de sua inserção no universo político, ocorrida por intermédio de seu casamento com Juan Domingo Perón (1895-1974), em 1945, que Evita, como passou a ser carinhosamente reconhecida pelos/as trabalhadores/as, exerceu a sua principal função: a de primeira-dama da Argentina. Sua atuação voltada, entre outras coisas, para a ajuda social e a conquista de direitos políticos para as mulheres, garantiu-lhe grande admiração e popularidade, de modo que a sua morte, sucedida em 1952, gestou uma ferida no país, a qual corporificou a mitificação que vinha se processando sobre a sua personagem desde antes mesmo de seu falecimento. Dotando de rosto e beleza o peronismo, Eva converteu-se em símbolo desse projeto político, o qual buscou torná-la imortal por meio do embalsamento e da rememoração. Por outro lado, o antiperonismo - que, assim como a devoção à Evita -, atravessava fronteiras e disseminava-se pelo Brasil, mediante o jornal *Tribuna da Imprensa* (1949-1964), tentava à todo custo, descredibilizar a imagem dessa primeira-dama, vinculando a sua figura à devassidão, imoralidade e corrupção, especialmente após 1955, ano do golpe militar argentino que alijou Perón do poder e buscou apagar todo remanescente peronista do país. Posto isto, examinou-se como estes ataques à Evita significavam, na verdade, uma forma de deslegitimar o peronismo, pois fazendo isso, parecia possível vilipendiar o getulismo, grande adversário político do veículo comunicacional em questão. Então, pensando nos intercâmbios entre Brasil e Argentina, analisou-se o protagonismo de Evita no peronismo - o que explica as ofensivas direcionadas à ela -, e, para isso, realizou-se um estudo acerca da trajetória de vida de Eva, atentando-se para algumas releituras sobre esta primeira-dama, como é o caso das narrativas dos pesquisadores Nicholas Fraser e Marysa Navarro em *Eva Peron: la verdad de un mito* (1982); e dos jornalistas Tomás Eloy Martínez, em *Santa Evita* (1996), e Alicia Dujovne Ortiz, em *Eva Perón: a madona dos descamisados* (1997), as quais foram confrontadas com o conteúdo do jornal supracitado, no intuito de compreender os elementos político-sociais que foram medulares na criação e solidificação do 'mito Evita', e na monumentalização da memória sobre essa primeira-dama.

Palavras-chave: Eva Perón. Tribuna da Imprensa. Primeira-dama. Mito. Monumentalização.

ABSTRACT

Maria Eva Duarte (1919-1952) played some roles on the artistic scene, but it was after she entered the political sphere, through her marriage to Juan Domingo Perón (1895-1974) in 1945, that Evita, as she became affectionately known by the workers, played her main role: first lady of Argentina. Her work, among other things, focused on social aid and achieving political rights for women, earned her great admiration and popularity, so that her death in 1952 created a wound in the country, which embodied the mythologizing that had been taking place about her character even before her passing. Giving Peronism a face and beauty, Eva became a symbol of this political project, which sought to make her immortal through embalming and remembrance. On the other hand, anti-Peronism—which, like the devotion to Evita, crossed borders and spread to Brazil through the newspaper *Tribuna da Imprensa* (1949-1964)—sought at all costs to discredit the image of the First Lady, associating her figure with debauchery, immorality, and corruption. This intensified especially after 1955, the year of the Argentine military coup that ousted Perón from power and aimed to erase all remnants of Peronism from the country. Given this, it was examined how these attacks on Evita were, in fact, a way to delegitimize Peronism. By doing so, it seemed possible to vilify Getulism, the major political adversary of the media outlet in question. Thus, thinking about the exchanges between Brazil and Argentina, Evita's leading role in Peronism was analyzed - which explains the offenses directed at her - and, to this end, a study was conducted about Eva's life trajectory, paying attention to some reinterpretations of this first lady, such as the narratives of the researchers Nicholas Fraser and Marysa Navarro in *Eva Peron: la verdad de un mito* (1982); and journalists Tomás Eloy Martínez, in *Santa Evita* (1996), and Alicia Dujovne Ortiz, in *Eva Perón: la madona de los descamisados* (1997), which were confronted with the content of the aforementioned newspaper, in order to understand the political-social elements that were key in the creation and solidification of the 'Evita myth', and in the monumentalization of the memory about this first lady.

Keywords: Eva Perón. *Tribuna da Imprensa*. First lady. Myth. Monumentalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartaz de Eva Perón no filme La Prodigia – Museu Evita	24
Figura 2 - Eva Loira, início dos anos 1940 – Museu Evita	25
Figura 3 - Evita posa para a foto, ainda com seus cabelos negros – Museu Evita	31
Figura 4 - Eva Duarte na Revista Radiolândia	31
Figura 5 - Eva Perón na escola de enfermeiras da FEP - 1950	40
Figura 6 - Eva Perón discursando para integrantes do PPF	43
Figura 7 - Eva Perón ao lado de trabalhadoras da FEP – Museu Evita	45
Figura 8 - Evita faz pronunciamento para visitantes estrangeiros	46
Figura 9 - Eva Perón da residência presidencial	48
Figura 10 - Eva no Vaticano, onde seria recebida pelo Papa Pio XII – 1947	50
Figura 11 - Eva Perón e seus cabelos loiros soltos – Museu Evita	52
Figura 12 - Argentinas choram ao redor do caixão De Eva Perón	56
Figura 13 - Monumento à Eva Perón - Buenos Aires	65
Figura 14 - Multidão toma às ruas durante velório de Evita	66
Figura 15 - Argentinos/as tentam se proteger da chuva durante o velório de Eva Perón	67
Figura 16 - Matéria sobre a ‘Carta Brandi’ no TI	79
Figura 17 - O cadáver de Eva Perón	87
Figura 18 - Eva abraça Perón	94
Figura 19 - Eva passeia pelas ruas de Buenos Aires durante a posse de Perón	95
Figura 20 - Homenagem à Eva Perón - 1952	103
Figura 21 - Eva Perón doente	115
Figura 22 - Ato Político em 17 de outubro de 1951, Dia da Lealdade. Eva é segurada pela cintura por Perón enquanto saúda o povo	116
Figura 23 - Museu Evita, Buenos Aires	117
Figura 24 - A proximidade da primeira-dama com as crianças	120
Figura 25 - Eva com o cabelo e o sorriso em destaque – Museu Evita	122
Figura 26 - Projeto do Altar da Pátria	125
Figura 27 - Túmulo de Evita em Buenos Aires	127
Figura 28 - A arquitetura grandiosa de La Recoleta	128
Figura 29 - Foto Colorida do Almanaque da Fundação Eva Perón, 1953	131

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A MELHORA QUE PRECEDE A MORTE: A BREVE HISTÓRIA DE UMA MULHER PÚBLICA	21
2.1	Sob o olhar da imprensa	22
2.2	O pulsar político	30
2.3	A beleza à serviço do poder político	47
3	A MORTE NO PALCO DA VIDA SOCIAL E A SANTA NO ALTAR DO PERONISMO	54
3.1	Memória como terreno da imortalidade	57
3.2	Pau que bate em Chico, tem dever de bater em Francisco? Carlos Lacerda e o combate ao ‘peronismo getulista’	70
3.3	As simbologias de um corpo	89
4	O PREÇO DA IMORTALIDADE: MITO, MONUMENTO RELIGIOSIDADE	99
4.1	Nega-se a santa	100
4.2	Um nome perigoso, um símbolo fagulhante: 1955 e os meandros de um cadáver	106
4.3	Evocar a lembrança, construir um mito: a vida após a morte	114
4.4	Monumentalização sem monumento	125
4.5	O patrimônio político dos mortos	133
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
6	REFERÊNCIAS	140
6.1	Fontes Consultadas	140
6.2	Referências Bibliográficas	140

1 INTRODUÇÃO

“Aos 33, Jesus na Cruz, Cabral no mar aos 33. E eu, o que faço com esses números?” cantava a banda Engenheiros do Hawaii, expressando que apesar de, em muitos casos, ‘números serem apenas números’, podem também ser representativos de algo mais. Os 33, idade com que Maria Eva Duarte de Perón (1919-1952) morreu de câncer de útero, e Juan Domingo Perón (1895-1974) se casou pela primeira vez, aparece, então, como um tempo de sacrifício e construção. Não como uma escolha, mas como uma combinação, o falecimento de Evita¹ amalgamou ambas as coisas: foi tempo de martírio, mas também de recomeços.

Com protagonismo e firmeza, Eva obteve sucesso em quase todos os embates significativos que estabeleceu, como os que travou contra a pobreza, os preconceitos e o anonimato. Contudo, no combate mais importante, que era o da luta pela própria vida, ela foi derrotada, deixando um vazio representacional para as argentinas de seu contexto, e agregando grande parte de seu país numa cortina de luto e sofrimento.

O trabalho em questão fala de e da morte, e como esse evento pode fazer a vida se desdobrar (Ariès; Elias; Gayol, Kessler; Reis; Sant’Anna; Schmitt). E nesse intuito, tenta alcançar um equilíbrio entre os estereótipos que fazem com que a figura de Eva seja quase sempre compreendida por meio de maniqueísmos reducionistas e hiperbólicos. No caso de Evita, a narrativa deste texto não se construiu apenas a partir do fato de seu falecimento, mas no luto que se instaurou com ele, o qual, paulatinamente, fora se ressignificando em revolta, luta e/ou melancolia.

Com isso, o trabalho de Sigmund Freud (2011) colaborou para facilitar a compreensão dos acontecimentos que decorreram da morte de Eva, ao esclarecer que, com exceção do impacto negativo na autoestima, o luto se aproxima da melancolia patológica, a qual envolve a perda de interesse pelo mundo, a incapacidade de sentir e direcionar amor, e a interrupção das atividades da vida, de modo que toda a atenção do sujeito é, dolorosamente, voltada ao objeto amado e tudo que à ele se refere. Nesse sentido, diferente do ser amado, o ego segue vivo, e, então, morosamente, depois de um tempo de superação, ele percorre o caminho oposto àquele que se fora.

No que concerne à melancolia, também pode estar vinculada à perda do objeto amado, mas a diferença é que o sujeito nem sempre consegue decodificar, conscientemente,

¹ O epíteto *Evita* refere-se à um apelido carinhoso dado pelos/as trabalhadores/as peronistas à Eva Perón. Logo, este termo só será utilizado ao mencioná-la durante a sua trajetória política como primeira-dama, no período pós 1946.

o que significa esta perda, a qual, nesse caso, esvazia o ego e desfaz as relações da libido. E as recriminações que, num primeiro momento, parecem ser formas de inferiorização e autopiedade, são, na verdade, majoritariamente, acusações e depreciações ao/à amado/a. Assim, o luto argentino que surgiu diretamente da perda da primeira-dama, se transformou numa melancolia cotidiana gerada pela ausência de elementos identitários que foram se pulverizando a partir do falecimento de Eva.

A melancolia, então, pode ser desencadeada por uma perda simbólica do objeto, na qual amor e ódio se misturam na mesma trama, de maneira que o objeto só pode ser ‘morto’ a partir da compreensão de sua inferioridade e desimportância, especialmente quando comparado ao alto valor do ego.

O presente texto, que parece ter natureza quase fúnebre, se trata do seguimento de um trabalho de mestrado, que analisou as relações entre moda e política no corpo de Eva Perón por meio da utilização da propaganda peronista. Esta tese, na contramão do estudo anterior, se vale do discurso de um veículo antiperonista brasileiro, o *Tribuna da Imprensa*, jornal carioca fundado em 1949 pelo jornalista e político Carlos Lacerda (1914-1977), e o faz objetivando entender como a primeira-dama argentina fora retratada - pela oposição do peronismo - em solo brasileiro.

Para tanto, foi preciso voltar o foco, também, para o contexto brasileiro entre os anos 1952 e 1964 (recorte temporal estabelecido para esta tese), de modo a perceber em meio à quais acontecimentos e reviravoltas Carlos Lacerda se expressava – seja diretamente, por meio de sua assinatura, seja por intermédio de sua anuência à textos alheios. Sobre isso, é necessário esclarecer que apenas algumas matérias deste jornal eram assinadas e, quando acontecia de serem, os nomes dos respectivos autores foram referenciados nas citações.

Por intermédio do estudo da figura de Lacerda como um homem mergulhado nas questões político-sociais de seu tempo, percebe-se que a narrativa vilipendiosa do *Tribuna da Imprensa* contra Eva Perón e seu cadáver era um tiro que mirava muito mais no ex e futuro presidente Getúlio Vargas (1882-1954), do que, de fato, no peronismo. Todavia, pela interpretação lacerdista, se o peronismo, tido como inspiração ideológica para o getulismo, fosse descredibilizado, a sua versão ‘à brasileira’ também seria.

Vale ressaltar, de antemão, que tal periódico disseminava constantemente notícias não verificadas, já que se tratavam, declaradamente, de “boatos”, “rumores”, “fontes informadas”, etc. Isto é, em muitos casos as matérias não eram comprovadas, e tinham conteúdo parcial e tendencioso, o que demonstra os interesses e posicionamentos políticos

dos redatores do jornal. Entretanto, parte-se da percepção de que a utilização da imprensa para a pesquisa é sim uma alternativa profícua, uma vez que este tipo de fonte oferece informações cotidianas, acompanhando o desenvolvimento dos fatos. Além disso, tais acontecimentos são historicizados, uma vez que são datados, e, deste modo, podem ser analisados de acordo com o macro contexto que os rodeia. Todavia, nestas pesquisas é preciso considerar que o estudo deve ser feito também de maneira interna, não negligenciando os vieses político-ideológicos dessas fontes e dos órgãos a partir dos quais elas surgem. Ou seja, os veículos de comunicação não apenas reproduzem notícias de acordo com a realidade, mas agem como filtros que processam as informações conforme seus interesses e tendências, tudo isso realizado por uma linguagem singular que dá identidade ao canal (Zicman, 1985), e foi de acordo com essa concepção que o termo ‘crivo’ fora incluído no título deste trabalho.

Além do *Tribuna da Imprensa*, o livro *Eva Peron: la verdad de un mito* (1982), dos pesquisadores Nicholas Fraser e Marysa Navarro, o romance histórico *Santa Evita*², lançado em 1995 e escrito pelo jornalista Tomás Eloy Martínez, e a obra da também jornalista Alicia Dujovne Ortiz, *Eva Perón: a madona dos descamisados*³, de 1997, foram escolhidos para integrar o rol de fontes da presente pesquisa, especialmente por permitirem o acesso a enredos, imaginários, indivíduos e ideologias.

Considerando a falta de fotografias no jornal *Tribuna da Imprensa*, as figuras apresentadas ao longo deste trabalho foram obtidas, em sua grande maioria, na produção *Eva Perón en Los Libros*, projeto resultante de uma exposição organizada em 2013 pela Biblioteca Nacional da Argentina e o Instituto Nacional de Pesquisas Históricas Eva Perón- *Museu Evita*, a qual reuniu diversas imagens dessa primeira-dama, disseminadas na imprensa antes e depois de sua ascensão ao universo político.

A análise das fotografias foi realizada a partir do entendimento de que as imagens estão emergidas numa historicidade específica, sendo produto de uma época, própria daqueles que a fabricaram, mas também dos sujeitos que a consumiram, a preservaram, ou ainda, daqueles que se esforçaram para apagá-las. Isso resulta na discussão sobre a não total objetividade da fonte, a qual não deve ser tomada por sua pura razão de ser, mas como decorrente da tessitura das relações sociais e das problematizações realizadas acerca do passado (Mauad, 2016).

² Por meio de estruturas temporais, este livro representa a história a partir da utilização de personagens e acontecimentos reais, que se misturam com a construção narrativa fictícia.

³ Numa escrita romaneada e cheia de detalhes, essa biografia traça a linha da história de vida de Evita, desde seu nascimento ao sumiço de seu corpo morto.

A viagem da pesquisadora para Buenos Aires, realizada em janeiro de 2024 serviu, de certa forma, como um trabalho etnográfico, ou seja, a experiência de campo de um trabalho teórico que já durava, até aquele momento, dez anos. As fotos registradas pela autora alimentam a tese e partem da perspectiva de uma turista que estava na capital argentina pela primeira vez, mas que sentia como se não estivesse visitando a terra de Eva Perón pela primeira vez.

Sobre o debate acerca das imagens, e as que foram capturadas pela autora, em específico, vale considerar as do Museu Evita. Isto porque as fotos e textos contidos neste espaço se apresentam no sentido de preservar uma narrativa teleológica e linear, que visa fazer o/a espectador/a entender que Eva Perón nasceu e batalhou – degrau por degrau - para chegar aonde chegou, isto é, ao reconhecimento na esfera política.

Ou seja, as obras citadas, e tomadas como fonte, são fruto dos interesses que se têm sobre quem foi Evita, e demonstram a importância dessa primeira-dama por meio da construção de enredos para os fatos de sua vida e morte. Essas imagens e fontes literárias serão analisadas a partir de sua confrontação com o jornal Tribuna da Imprensa, o qual permitirá contextualizá-las e buscar nelas formas de ampliação do entendimento dos sentidos da realidade histórica⁴.

Pensando os discursos por intermédio das historicidades, o filósofo Michel Foucault, em “A Arqueologia do Saber”, ressaltou que os conceitos são dinâmicos, de tal modo que a noção política do século XIX não pode ser equiparada às dos séculos XVII e XVIII, por exemplo. Nesta tese, então, Eva será analisada a partir da sua imersão na política do século XX, na qual, entre outras coisas, o matrimônio para as mulheres desempenhava um papel decisivo em seus percursos, do mesmo modo que a filantropia era – ou continua sendo - determinada como uma função social para as primeiras-damas (Mott; Silva, Marques; Simili).

De maneira semelhante, ao falar de um livro, Foucault entende que ele não está isolado, mas “[...] está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede.” (Foucault, 2008, p. 26). Evita – como uma obra completa - também se enrosca na teia dos acontecimentos, relações e princípios que a rodearam e perpassaram, de modo que se torna quase impossível qualquer tentativa de reduzi-la à interpretações inflexíveis.

Da mesma forma, parece um equívoco estabelecer suposições apenas por meio dos

⁴ Ferreira, 2009.

escritos de um jornal. No caso do livro – assim como de outra fonte -, é preciso compreendê-lo enveredado pelo movimento dos eventos político-sociais e pela bússola de suas ideologias, ou ainda, pelas “determinações históricas a que estava preso” (Foucault, 2008, p. 27). Foucault percebeu que dada unidade discursiva não se apresenta completamente à primeira vista, mas demanda, em muitos casos, investigações que podem desvendar interpretações tácitas, as quais são capazes de revelar contradições subterrâneas que se vinculam a outros conjuntos discursivos.

Isso não quer dizer, porém, que este consista num trabalho de escavação para entender *todas* as relações implícitas – e de diferentes naturezas - que possam dar conta de compreender o impacto político-social da morte de Eva Perón, e de perceber como esse acontecimento fora interpretado e consumido em solo brasileiro por meio do *Tribuna da Imprensa*. Mas sim, de dizer que os discursos desse veículo comunicacional não podem ser percebidos fechados em si mesmos, sem conexões com as circunstâncias e os contextos. E dessas entranhas é que surge a necessidade do recorte ‘territorial’ a ser analisado, uma vez que “Fora de cogitação, entretanto, está o fato de se poder descrever, sem limites, todas as relações que possam assim aparecer” (Foucault, 2008, p. 33).

E este recorte é pontual quando estabelece o 1952 como o pontapé, já que consiste no ano do falecimento de Eva Perón; e percorre o caminho até 1964, quando o Brasil – e Lacerda e seu periódico – vivia o Golpe Civil-Militar. Partindo disso, buscou-se no jornal-fonte desta pesquisa o que se falava sobre o peronismo, e, principalmente, como Eva Perón era compreendida e tratada, o que parece ser uma sugestão de Foucault, quem indicou “[...] que consideremos o conjunto dos enunciados através dos quais essas categorias se constituíram - o conjunto dos enunciados que escolheram como ‘objeto’ o sujeito dos discursos (seu próprio sujeito) e que se dispuseram a desenvolvê-lo como campo de conhecimentos [...]” (Foucault, 2008, p. 33).

A partir do contato da presente pesquisadora com fontes peronistas (no mestrado) e antiperonistas (no doutorado), a ideia é a de, acima de tudo, construir um trabalho que ressalte a face política da personagem Eva Perón, percebendo as paixões e investidas ideológicas que a envolvem, e considerando a propaganda como um veículo disseminador de princípios e valores de grupos político-sociais específicos.

O objetivo é entender o processo de construção do ‘mito Evita’, uma vez que ele é criado por acometidas de agrupamentos que alimentam interesses nesse engendramento, mas só é completamente mantido a partir da adesão popular. Com isso, busca-se, não ratificar o

mito, mas entender o seu caráter material e político, e a forma com que ele costuma ser efeito de uma disputa simbólica que pode gerar polarizações, as quais manipulam os fatos e distorcem e romantizam a História.

A tese é a de que a morte de Eva, como um evento central em seu percurso, pode ser vista como criadora de sentidos, principalmente no que se refere à fabricação e reavivamento de memórias (Abreu; Halbwachs; Le Goff; Nora, Khoury; Pollak; Portelli). Neste ponto, o processo de recordar pode ser espontâneo ou forjado, tendo, no segundo caso, a imprensa como elemento medular na costura de imaginários que atravessam as experiências singulares, impactando os tecidos sociais e sendo imprescindíveis nas formas dos sujeitos lembrarem e/ou esquecerem (Baczko; Pesavento).

Os mitos se erguem a partir da ligação entre imaginação e elementos do real, num espaço/tempo determinado, onde se encontram tais embates sociais e políticos que atravessam a vida dos sujeitos, e por meio dos quais se criam os símbolos e imagens, fortemente fomentados pela circulação de matérias e imagens mediante os veículos de comunicação. Interessante considerar que, com o passar do tempo e dos fatos, os escritores do *Tribuna da Imprensa* deixaram transparecer que pareciam ter entendido que Eva possuía importância e significado naquela organização política, especialmente porque, mesmo morta, seu corpo e legado foram instrumentalizados durante três anos pelo peronismo para que o presidente pudesse se conservar no poder.

Dessa maneira, embora falecida, Evita manteve Perón, e isso faz parte da construção mitológica que abrangue a ideia da vida amalgamada ao corpo morto (Corrêa; Duno-Gottberg; Gandin; Hoffman, Martino, Marques). Os mitos ganham significados por meio de sua ‘aplicação’ cotidiana, ou seja, de seu emprego na prática, tanto de modo racional, quanto sentimental. Entre outras coisas, estão intrinsecamente conectados às subjetividades e às identidades – e coesões – sociais. Sendo assim, apesar do simbólico partir do inconsciente, adquire sentido nas representações conscientes dos indivíduos.

A construção do mito Evita se deu por meio da história de vida dessa personagem, já que os elementos que compuseram a trajetória dela até julho de 1952 foram rearticulados para fazer lembrar, fortalecendo o papel da mulher e da primeira-dama no governo Perón. Essa construção mitológica parte do que Eva fez, como fez, a forma com que viveu, ao que se dedicou, etc., ou seja, relaciona-se às suas qualidades e virtudes, as quais, após a sua morte, foram significadas e ressignificadas.

Partindo das incongruências entre tangível e o que transcende o físico, se tratando das

disputas pela memória e pelo legado de Eva, existem diferenciações entre movimentos populares e investidas estatais, especialmente no que concerne os interesses e as instâncias de poder. No caso argentino, o Estado peronista se valeu da devoção do povo por Evita, utilizando-se da figura da primeira-dama falecida para representá-la atuante e, desse modo, manter vivo o projeto do peronismo.

Pensando na exaltação de Eva por parte do peronismo, e da tentativa de exclusão do nome dela do debate público a partir de 1955, ano do golpe militar argentino, destaca-se que a memória abrange aspectos biológicos e psicológicos, mas no que se refere às esferas das Ciências Humanas e Sociais, a comunicação, como domínio da linguagem, desempenha papel fundamental. E, nesse sentido, o silêncio pode resultar na perda de memória coletiva que significa o recalque da memória hereditária, e essa supressão pode estar relacionada à censuras, manipulações, interesses, necessidade de controle, a luta de forças sociais divergentes, etc. (Le Goff, 1990).

Símbolo político, a partir de 1952 o rosto corado e viçoso de Eva não mais sorria e não tinha os olhos voltados ao povo, o que podia atestar o fracasso do regime que assistia seu alicerce se quebrar. Nessas circunstâncias, o antiperonismo do *Tribuna da Imprensa* trabalhou no sentido de enterrar Evita que, apesar de incorruptível pelo embalsamamento, precisava desaparecer da memória dos argentinos.

Vale destacar que esta tese não é sobre Juan Perón (1895-1974), mas o inclui, uma vez que a fonte consultada, o *Tribuna Da Imprensa*, parece tê-lo como o centro de tudo, autor das negociatas e senhor das transformações. Essa não é uma exceção, uma vez que, apesar da História e da historiografia considerarem Eva como uma figura pioneira, principalmente no que tange a participação de mulheres na política ('oficial' e institucionalizada), ela aparece, na maioria dos casos, como uma personagem secundária e coadjuvante quando comparada ao seu esposo. A sua morte, porém, foi um momento chave para que o mundo a enxergasse sob holofotes, já que quem morre ganha maior notabilidade nos dias de sua morte e seu funeral.

A morte de Eva ultrapassou fronteiras, configurando-se num fato internacional, noticiado pela imprensa, visto tratar-se de uma primeira-dama, e esta ser Evita. No *Tribuna da Imprensa*, os redatores vilipendiaram o corpo da primeira-dama argentina antes mesmo dele ser roubado (o que só aconteceu em 1955), já que ela era retratada, em grande parte das vezes, como uma figura dispensável e vulgar.

Este jornal tinha circulação nacional e, apesar da baixa tiragem, seu discurso obtinha

expressivo alcance (Santos, 2015), o que explica, de certo modo, o destaque político alcançado por Lacerda, que se tornou vereador, deputado federal e governador da Guanabara. Entre outras coisas, a escolha da fonte se deveu ao fato deste jornalista ser declaradamente antigetulista e antiperonista, o que se expressava nas matérias, possibilitando a compreensão da maneira com que tal periódico processava os eventos argentinos – relacionando-os ao contexto brasileiro – e interpretava e disseminava as notícias sob o peronismo, especialmente as que se referiam à figura de Eva Perón.

A pesquisa fora realizada com os arquivos encontrados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, e o resultado de tais acessos foi o aparecimento de 470 citações com o nome ‘Eva Perón’ entre 1949 e 1959, e 199 ocorrências entre 1960 e 1969. Apesar desse recorte temporal, o trabalho tratará, pontualmente, de períodos anteriores à 1949, visando contextualizar a chegada de Eva às entranhas do poder, e entender o processo de construção de sua figura política e histórica, já que por meio dela é possível demonstrar as motivações que levaram grande parte da Argentina à divinizar essa primeira-dama. Embora a pesquisa em questão analise como o *post-mortem* de Evita se tratou de uma projeção da sua trajetória em vida, ela é, essencialmente, uma narrativa funerária, ou seja, um texto que examina como a memória mesclada à religiosidade política fez com que Eva Perón, apesar de morta, se mantivesse presente no cenário argentino, tanto por meio do imaginário coletivo, quanto através das lutas populares que requisitavam saber do paradeiro de seu corpo.

O primeiro capítulo, intitulado “A melhora que precede a morte: a breve história de uma mulher pública” faz um apanhado acerca dos principais fatos da vida de Eva, e as formas com que ela atuou e se movimentou em meio à eles. Leva-se em conta a sua trajetória antes do casamento com Perón, assim como sua ascensão ao poder e seu percurso em prol da ajuda assistencial e à favor da conquista de direitos políticos para as mulheres, além de sua beleza e o poder de sua aparência e da moda na criação de noções identitárias.

O segundo capítulo, denominado “A morte no palco da vida social e a santa no altar do peronismo” parte do pressuposto de que a morte do corpo de Eva não interrompeu a continuação de sua história, a qual se manteve especialmente por meio da memória, avivada pela participação da imprensa – tanto peronista, quanto antiperonista - e seus respectivos interesses político- sociais. Para isso, analisa-se a importância do corpo feminino embalsamado de Evita, o qual deve ser tomado como espaço inaugural de narrativas e rituais.

Nesta parte do texto, examina-se o contexto brasileiro, e, considerando a morte de Getúlio Vargas em 1954, João Goulart (1919-1976), seu sucessor político, ganhou

protagonismo na narrativa – assim como havia obtido no espaço público. Apelidado como Jango, por onde pisava, levava consigo o que parecia ser a herança do trabalhismo getulista. E por isso mesmo, para Lacerda, onde Goulart estivesse, Getúlio permaneceria, e se ele sobrevivesse, o peronismo não morreria.

Já a terceira parte deste trabalho, chamada de “O preço da imortalidade: mito, monumento e religiosidade” trata da questão da monumentalização da memória, e de como Eva se ergueu como uma figura sacra pela devoção popular, o que explica, em partes, a separação entre peronismo e catolicismo, duas forças sociais que tinham seus próprios/as santos/as.

Nesses termos, pode-se dizer que política e religião se amalgamaram, uma vez que o roubo do corpo – embalsamado - de Eva por parte dos militares, buscava, também, dessacralizar a sua imagem. Todavia, na contramão das intenções dos golpistas e das narrativas produzidas pelo antiperonismo, exemplificadas pelo *Tribuna da Imprensa*, essa iniciativa fez com que a morte da primeira-dama virasse tema de conversas cotidianas e pauta dos rituais e homenagens realizados para Eva, pelos/as argentinos/as.

O cadáver embalsamado, símbolo da imortalidade de Eva e do peronismo, se transformou no monumento mais importante do projeto peronista. Porém, para além disso, Evita se imortalizou por seu legado imaterial, tornando-se perene por meio de sua história e legado, os quais também se monumentalizaram (Ballarotti; Barbosa; Freitas).

Eva caminhava nos meandros e possibilidades dos determinismos e acasos de seu contexto histórico, e esta narrativa percorreu a esteira da análise dos paradoxos de um discurso jornalista marcadamente tendencioso, com o questionamento acerca da suposta coesão das produções memorialísticas - e por que não dizer, museológica, considerando o Museu Evita. Todo este dinamismo parte do pressuposto do historiador Benito Schmidt (2004), que propõe ser um tanto pretensioso querer desvendar as complexidades e contradições da vida de sujeito, e ainda tentar escrever sobre esse disruptivo de maneira totalmente cognoscível e linear.

Sem deixar de fazer parte de uma biografia, este texto não segue o essencialismo da coerência e encadeamento temporal de fatos e eventos. Contraditoriamente, a lógica dos capítulos está no movimento, na fragmentação, impermanência e na descontinuidade da identidade de Eva, que se reinventou ao longo dos seus 33 anos, existindo para além do próprio peronismo.

2 A MELHORA QUE PRECEDE A MORTE: A BREVE HISTÓRIA DE UMA MULHER PÚBLICA

Começar este texto a partir do episódio da morte da primeira-dama argentina Eva Perón (1919-1952), temática e figura central da presente tese, seria uma opção, inclusive cogitada pela autora. Porém, considerando a vida e a morte como estágios conectados de um mesmo percurso fluído, percebeu-se que o morrer e seus processos só se tornam inteligíveis quando se recorre à compreensão dos sentidos que o sujeito atribui para sua trajetória de vida.

Assim, o capítulo em questão faz uma análise acerca de como Eva Perón ascendeu ao poder, a forma como sua atuação se centrou no trabalho de ajuda social e na conquista de direitos políticos para as mulheres argentinas, e como a sua estética, elegância e bem-vestir foram ingredientes essenciais na composição de sua figura pública. Sendo assim, esta parte da tese evidencia os principais – ou mais notáveis – acontecimentos da vida de Eva, dando ênfase aos eventos políticos, os quais compreendem o período de 1946, ano da vitória de Juan Perón nas eleições presidenciais argentinas, à 1952, quando ocorreu o falecimento da primeira-dama. O modo com que Eva conduziu suas ações, obtendo protagonismo na esfera política, transformou essa primeira-dama numa líder de massas, cuja figura despertava amores e antipatias, o que justifica, pois, a forma dicotômica com que ela vem sendo tratada nas produções que buscam representá-la de variadas maneiras.

Quando Eva morreu, em 26 de julho de 1952, no auge dos seus 33 anos, vítima de um câncer de útero, já não era mais possível vê-la como uma pessoa desassociada de seus ideais políticos, sociais e estéticos, os quais pareciam multiplicar-se rapidamente, seja para serem aceitos e reverenciados, seja para serem criticados e repudiados. Então, a repercussão de sua morte esteve vinculada ao impacto que tivera sua vida, uma vez que as multidões que lotaram seu velório não surgiram magicamente, mas foram sintomáticas das dimensões alcançadas por aquela que havia tomado as rádios e os palanques da Argentina.

2.1 Sob o olhar da imprensa

Mais do que os fatos da história de Eva Perón, as releituras, apropriações e desdobramentos realizados sobre eles são atrativos e polêmicos para os/as argentinos/as. Assim, queira ou não, cada argentino/a é empurrado/a para este extenso debate que arrasta todos/as a tomarem uma posição acerca da ideia de peronismo. “É impossível para um argentino ser neutro em relação ao peronismo, o movimento político mais importante da

Argentina moderna” (Fraser; Navarro, 1982, p. 09).⁵

De acordo com a escritora Beatriz Sarlo (2005), considerando a vida de Evita antes da política, o fracasso quase completo de Maria Eva Duarte em relação às artes mudou em 1943, ano do golpe militar argentino que teve em Juan Perón um de seus articuladores. O novo governo tecia relações intervencionistas com as radiocomunicações e, seguindo esse *modus operandi*, realizava visitas frequentes às emissoras, como é o caso da radioteatro *Belgrano*, lugar onde Evita nunca havia alcançado protagonismo. Com os encontros formais dela com Juan, e a injeção de verbas empreendida pelos militares, Evita se sobrepôs em fins daquele ano, sendo alçada à chefia da rádio supramencionada.

De fato, “[...] a ascensão de Evita teve os apoios mais poderosos: amor, governo e empresários audaciosos estavam excepcionalmente unidos.” (Sarlo, 2005, p. 85), e ocorreu num inesperado e triunfal movimento que a levava das trincheiras da invisibilidade artística para o núcleo do turbilhão da vida política.

A rádio *Belgrano* foi fundada em 1924 e, em 1936, já se destacava popularmente por promover atividades distintas das demais emissoras: entre outras coisas, empreendia festivais nos teatros e desenvolvia competições automobilísticas, concentrando um significativo elenco de atores e atrizes.

Conforme apontou a jornalista Doris Fagundes Haussen (1992), com o golpe de 1943, os militares se valeram das radiocomunicações como um mecanismo de governo, de modo que elas tivessem seus discursos adequados com o programa político do regime de então. Com a vitória de Perón nas eleições de junho de 1946, esse aparato foi, estrategicamente, fixando apoio ao novo mandatário, durante um processo paulatino de estatização dessas empresas. A primeira aparição artística de Eva Duarte, em Buenos Aires, teria sido, ainda em 1934, no programa “Aonde vão os mortos?”, na rádio *Belgrano*. Não obstante, apenas em 1939 a companhia que a futura primeira-dama liderava com o ator de cinema e rádio Pascual Pellicciotta (1905-1985), fora contratada pela rádio *Mitre* (Haussen, 1992).

Mas foi só em 1942 que Evita ganhou certa estabilidade e proeminência no cenário artístico, ano em que a sua Companhia Juvenil de Radioteatro passou a ser transmitida pela *El Mundo*, rádio mais famosa daquele período. Em 1943, entretanto, o cenário artístico foi tomado pelo universo político. De acordo com Haussen (1992), a intervenção dos militares fez com que Evita conhecesse o coronel Imbert e Oscar Nicolini, os quais teriam colaborado

⁵ Tradução minha para: “Resulta imposible para um argentino mostrarse neutral com respecto al peronismo, el movimiento político más importante de la Argentina moderna”.

para que ela conseguisse fechar um acordo contratual com a rádio *Belgrano* para um programa de transmissão diária.

À revelia da interpretação de que o encontro dos líderes argentinos teria se dado nas rádios portenhas, Haussen (1992) defende a leitura de que, na verdade, Eva e Perón só se conheceram em 22 de janeiro de 1944, num evento beneficente, no estádio de Luna Park, organizado em prol das vítimas do terremoto ocorrido na província de San Juan.

Ou seja, considerando que Eva já teria uma carreira artística relativamente consolidada nesse período, Perón não poderia ter influenciado em suas conquistas profissionais até então. Essa leitura destoa do que foi proposto por Sarlo (2005) que, como apresentado, corrobora que o crescimento artístico de Eva seria fruto da investida de Perón em sua trajetória.

Assim como faz Haussen, o jornalista Nicholas Fraser e a historiadora Marysa Navarro (1982) defendem que, a partir do trabalho de direção compartilhado com Pascual Pelicciota, numa companhia de teatro radiofônico criada em 1939, Eva Duarte foi sendo, paulatinamente, reconhecida pelo público. Nesse ponto, considera-se a importância do rádio na carreira de Evita durante os seus primeiros anos em Buenos Aires, o que lhe deu a formação necessária para obter fluidez ao se dirigir ao povo peronista de todos os rincões argentinos, quando já ocupava o posto de primeira-dama do país.

Os fabricantes de rádios enviavam caminhões com equipamentos especiais de som para as cidades mais remotas que não tinham eletricidade nem rádios. Todas as pessoas iam ver os caminhões e ouvir a mensagem que chegava da cidade, conversar com elas sobre as coisas do campo (Fraser; Navarro, 1982, p. 50).⁶

O nascimento político de Evita se deu em 1945, durante a prisão de Perón em Martín García. Na ausência de seu esposo, ela “[...] esteve em Buenos Aires, organizando seu regresso triunfal, trabalhando eficazmente em seu lugar, como sua representante e apoiadora” (Fraser; Navarro, 1982, p. 103).⁷

É justo dizer, então, que Eva não aceitou a resignação da espera do desenrolar dos acontecimentos, mesmo que esse papel político não fosse socialmente atribuído à ela, especialmente por ter sido deixada, naquele contexto, como a herdeira das inimizades de Perón. “Como amante de um político caído em desgraça, Evita não contava com

⁶ Tradução minha para: “Los fabricantes de rádios enviaban a los pueblos más alejados que no tenían ni electricidad ni rádios, camiones con equipo especial de sonido. Todo el Pueblo iba a ver los camiones y a escuchar el mensaje que les llegaba de la ciudad, para hablarles de cosas del campo.”

⁷ Tradução minha para: “[...] estaba en Buenos Aires, organizando su regreso triunfal, trabajando eficazmente en su lugar, como su representante y valedora”

nenhuma consideração. Ela era odiava quase tanto quanto Perón. Ela não desfrutava mais da proteção policial e se encontrava sozinha e assustada” (Fraser; Navarro, 1982, p. 104).⁸

Haussen (1992, p. 171) analisou um programa radiofônico que estreou em 17 de junho de 1944, no qual Eva, ao tratar dos acontecimentos do golpe, ocorrido no ano anterior “[...] fazia o papel de uma mulher do povo que conclamava os argentinos a responder à revolução”. Nesse sentido, era como se Eva, por intermédio de sua atividade nas artes, já lançasse as sementes do seu florescer político vindouro.

Atuou no filme *La Prodigia*, num papel que anteriormente seria da renomada atriz argentina Mecha Ortiz, e isso só teria sido possível devido às conexões de Eva com Perón (Haussen, 1992). Por meio de sua trajetória artística, levou para a política um tanto do melodrama de suas estruturas discursivas.

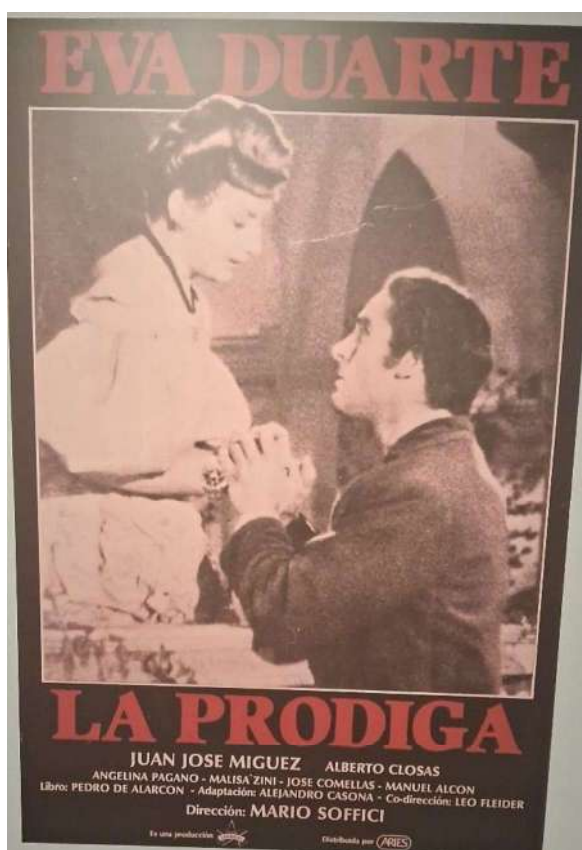
Essa produção, de 1945, na qual sua personagem se desprendia de sua fortuna e a utilizava para ajudar as populações carentes, pressagiou, por meio das artes cinematográficas, os adjetivos que Evita viria conquistar ao longo de sua vida política: santificação, benemerência e defesa dos pobres.

A mulher foi chamada de pródiga por sua imensa e despreocupada generosidade. De sua casa espaçosa e solitária, ela ajudava os aldeões, gastando sua grande fortuna em boas obras. Tinha uma personalidade melancólica e apaixonada, chamavam-na de ‘mãe dos pobres’ e ‘a irmã dos aflitos’ e a consideravam ‘santa’ (Fraser; Navarro, 1982, p. 84).⁹

Figura 1 - Cartaz de Eva Perón no filme *La Prodigia* – Museu Evita

⁸ Tradução minha para: “Como amante de um político caído em desgracia, Evita ya no contaba com ninguna consideración. Se le odiaba casi tanto como a Perón. Ya no gozaba de las ventajas de la protección policial y se encontraba sola y asustada”

⁹ Tradução minha para: “A la mujer se le daba el calificativo de *La Pródiga* por su inmensa y despreocupada generosidad. Desde su casa, espaciosa e solitaria, ayudaba a los aldeanos, gastando su gran fortuna em buenas obras. Tenía una personalidad melancólica y apasionada, la llamaban ‘la madre de los pobres’ y ‘ça hermana de los afligidos’ y la tenía por ‘santa’”



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

Esse contexto balizou, entre outras coisas, a mudança visual de Eva, o que abrangia novas formas de vestir-se, pentear-se e comportar-se perante ao público. Juntamente disso, boatos espalhavam-se sobre sua figura, questionando, inclusive, por quais vias ela havia alcançado a posição social da qual desfrutava (Fraser; Navarro, 1982).

Figura 2 - Eva loira, início dos anos 1940 – Museu Evita



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

O passado de Eva nas artes, representado pela imagem acima, fez com que a gama de adjetivos sexualizados que foram dispensados à sua figura ainda naquele período (fins dos anos 1930 e início dos 1940), remontasse ao caráter machista dessas veiculações, uma vez que quem mais difundia a ideia de ligação entre as mulheres do universo artístico e o meretrício, eram homens (Fraser; Navarro, 1982). Isso se relaciona ao modo como uma jovem interiorana, que se mantinha sozinha na capital portenha e tinha aspirações artísticas, era vista e compreendida pela perspectiva masculina.

Vale refletir, também, que essa moral sexual tradicional, conectava-se ao preconceito de classe, uma vez que “[...] presumia-se que a prostituta predadora pertencia às classes populares. Estas suposições foram aplicada à Evita de maneira imediata [...]” (Fraser; Navarro, 1982, p. 82).¹⁰ Num contexto em que a carreira artística feminina era comparada à prostituição, Eva parecia quebrar protocolos ao ser uma mulher pobre e bastarda se expressando da/esfera pública. Para a historiadora Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel (2011), que trata dos vínculos entre as mulheres e a música no Brasil, as histórias das cantoras foram apagadas do cenário musical (eminentemente masculino), considerando que, no

¹⁰ Tradução minha para: “[...] se dava por supuesto que la prostituta predadora pertenecía a las classes inferiores. Estos supuestos le fueron aplicados a Evita de manera imediata [...]”

contexto dos anos 1950-1960, ao feminino era reservado o cuidado com o doméstico, de modo que a mulher que cantasse fora do lar, estaria profanando a sua verdadeira natureza.

Sobre essa discussão, de acordo com a historiadora Michelle Perrot (2007), no século XIX, as meninas deveriam ser disciplinadas com base nas expectativas e ideais de feminilidade do período, mas não instruídas ao ponto de serem cultas, já que “A leitura abre as portas perigosas do imaginário. Uma mulher culta não é mulher.” (Perrot, 2007, p. 93).

Nesse processo de educa-las conforme o que era esperado do feminino, ou seja, a agradabilidade e a utilidade, destacava-se nas famílias aristocráticas, o domínio do que Perrot (2007) chamou de “artes do entretenimento”, que consistiam em atividades que eram ensinadas para as mulheres visando torná-las mais encantadoras. Nesses termos, o canto, por exemplo, era um aprendizado usado para que elas pudessem agradar os convidados.

No caso de Eva Perón, a sua voz, já na esfera política, fora utilizada por ela visando arrebatá-las as massas, (en)cantando as/às mulheres ao defende-las e trabalhar por causas que as beneficiassem. Entretanto, foi a partir de seu casamento com Juan Perón (1895-1974), ocorrido em 1945, e sua conseqüente conversão em figura política, que Evita rompeu com os padrões sexuais tradicionais (Sebreli, 2000), especialmente no que concerne ao que se aguardava de uma primeira-dama naquele contexto.

Sobre o controle da imagem que difundia-se de/sobre Eva, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato (1998) defende que, apesar do peronismo não se enquadrar como um movimento de caráter nazifascista, a imprensa argentina, sob os governos de Perón, valeu-se da influência dos modelos de comunicação alemão e italiano. Nesse sentido, na propaganda política peronista é possível identificar características sintomáticas da manipulação de massas e da tentativa de efervescência das paixões sociais.

Para a historiadora Renata Alves Melki de Souza (2023), a propaganda peronista vinculava-se intrinsecamente aos sentimentos dos/as cidadão/ãs, e era por meio deles que o justicialismo/peronismo conseguia se propagar como uma ideologia de exaltação nacional. Com esse propósito, Eva se deixou utilizar como uma figura central e sensibilizadora, o que a fez obter proeminência política e ser, gradativamente, apropriada pelo público como uma personagem maternal e acessível, responsável por levar as demandas populares até o líder Perón.

Por meio do controle dos meios de comunicação, a imprensa do peronismo exerceu impactos sobre o imaginário coletivo e sobre a opinião pública, entendida pelo historiador Jean- Jacques Becker (2003) como tendências que são mensuradas em importância a partir

de seu peso quantitativo e qualitativo, já que, em muitos casos, algumas ‘minorias’ atuantes podem exercer maior impacto sobre os acontecimentos do que certas ‘maiorias’ resignadas. Segundo ele, para entender a noção de opinião pública, é preciso situá-la num determinado contexto, considerando a condição das mentalidades, sem, porém, traçar qualquer tipo de padrão ou definição para sua manifestação, uma vez que “[...] a história da opinião pública, para retomar uma expressão de Fernand Braudel, é uma ‘micro-história’, ‘atenta ao tempo breve, ao indivíduo, à história’. Por tempo breve, deve-se entender a reação imediata a um acontecimento preciso e num momento estritamente delimitado.” (Becker, 2003, p. 189).

Pensando, então, sobre como o peronismo concebia a manifestação dessa opinião pública, Capelato (1998) aponta as especificidades do caso argentino, se atentando aos fatos de que, quando Perón ascendeu ao poder em 1946, o contexto era o da derrota do nazifascismo na Segunda-Guerra, e que, pelo menos em termos formais, o presidente manteve a liberdade de expressão como uma normativa constitucional. Porém, em níveis práticos, “[...] para a realização do controle institucional dos meios de comunicação, foram criadas a ‘Subsecretarias de Informaciones’ e a ‘Secretaría de Prensa y Difusión’, inspiradas na organização nazi-fascista para o controle dos meios de comunicação.” (Capelato, 1998, p. 83).

No alto escalão da hierarquia da Subsecretaria, estava Raul Apold (1898-1980), responsável por toda a organização da propaganda do governo, e, conseqüentemente, pela utilização dos meios de comunicação à serviço do poder. Foi ele quem

Criou o concurso da Rainha Nacional do Trabalho; foi autor da famosa frase “Perón cumple, Evita dignifica”, estampada em enormes cartazes colocados na frente das principais obras do governo; organizou jogos infantis; mandou fabricar relógios cujos números foram substituídos pelos nomes de Perón e Eva, editou milhares de almanaques profusamente ilustrados com a figura do líder e de sua esposa, além de distintivos generosamente distribuídos; montou uma gigantesca exposição fotográfica na rua Florida, uma semana antes da eleição de 1951; organizou o primeiro Festival Internacional de Cinema em Mar del Plata, para o qual foram convidados artistas como Gina Lollobrigida e Errol Flyn (Capelato, 1998, p. 83).

Na pretensão da criação de uma identidade nacional, o sistema educacional acabou se convertendo em um mecanismo propagandístico, de modo que esse território simbólico fora sendo colonizado e transformado em espaço doutrinário do peronismo. “Os esforços para associar a imagem do regime e sua doutrina à imagem e à doutrina da religião católica foram de tal ordem que em vez de ‘catolicizar’ o peronismo, ‘peronizou-se’ o catolicismo [...]” (Capelato, 1998, p. 252).

Pode-se dizer, então, que o peronismo buscou fortalecer e legitimar suas bases por

intermédio da conquista de campos simbólicos, inclusive de santificação, entre os quais se destaca a esfera da propaganda, e Eva fora um elemento indispensável neste processo, uma vez que ela foi uma mulher sagaz que soube se utilizar, de maneira estratégica, do seu lugar privilegiado de primeira-dama.

2.2 O pulsar político

Pobre e provinciana, Maria Eva Duarte nasceu na cidade de Los Toldos, à aproximadamente 300 quilômetros da capital argentina, em 07 de maio de 1919. Era a filha caçula entre cinco irmãos, quais sejam eles, Blanca, Elisa, Juan e Erminda. Para Fraser e Navarro (1982), no que se refere ao relacionamento ‘secreto’ que Juana Ibarguren, a mãe de Eva, mantinha com o pai dela e de seus irmãos, o estancieiro Juan Duarte, não havia preocupação com a discrição. Pelo contrário, dona Juana fazia questão de adotar um estilo ‘chamativo’ e invejável, características que seriam projetadas futuramente em Eva Perón.

Outro atributo que parece ter sido herdado de sua mãe, e que ainda habita o âmbito das especulações sobre Maria Eva, seria o do estabelecimento de vínculos com outros/vários homens, buscando nessas relações a sua sobrevivência – e a de sua família, no caso de Juana. “Corria o boato, por exemplo, de que dona Juana mantinha relações íntimas com um tal Carlos Rosset, e que este não era o seu único protetor” (Fraser; Navarro, 1982, p. 18).¹¹

Juana também teria sido a responsável por plantar nas filhas a consciência acerca das condições injustas às quais estavam inseridas, percepção que teria influenciado as decisões e posicionamentos políticos de Eva, especialmente frente à oligarquia argentina. Sobre Juana: “Foi ela quem transmitiu aos filhos a convicção de que eram pobres, não por nascimento, mas devido a outras circunstâncias injustas” (Fraser; Navarro, 1982, p. 21).¹²

Segundo a historiadora Ana Carolina Ferreira Silva (2004), Eva só chegou à Buenos Aires em 1935, aos 15 anos, buscando lograr sucesso no meio artístico. Todavia, exceto por um papel coadjuvante na rádio *Argentina*, veículo comunicacional pouco relevante no país daquele período, ela parece ter sido, durante anos, apagada do cenário das artes portenhas, “[...] havendo meses em que chefiava alguma companhia e períodos em que desaparecia por completo das notícias e da programação.” (Sarlo, 2005, p. 40).

Eva chegou à uma Buenos Aires que alcançava a marca de 2 milhões de habitantes

¹¹ Tradução minha para: “Corrió el rumor, por ejemplo, de que doña Juana mantenía relaciones íntimas com um tal Carlos Rosset, y que éste no era su único protector”

¹² Tradução minha para: “Fue ella quien transmitió a sus hijos el convencimiento de que eran pobres, no por nacimiento, sino debido a otras circunstancias injustas”

(Fraser; Navarro, 1982), se transformando na terceira maior cidade do continente americano. Numa cidade cosmopolita, formada, ao modelo parisiense, pela imigração estrangeira de diversas nacionalidades, a partir dos anos 1930 passou a receber sua nova população do interior da própria Argentina.

O país e sua arquitetura eram diretamente influenciados pela estética francesa, resumida em sua capital Paris. Isso se confirmava, inclusive, pela moda adotada pelos portenhos, ou, pelo menos, pela oligarquia de Buenos Aires, também inspirada nos modelos importados da França. Paradoxalmente à toda esta opulência, Fraser e Navarro relatam que, nos anos seguintes à 1936, Eva enfrentou uma vida financeira muito difícil em Buenos Aires, chegando a passar fome.

Pouco depois, trabalhou por algum tempo com uma companhia em que a atriz principal, Pierina Dealessi, a amava, e foi ela quem ensinou Evita a declamar no palco. Ela recorda que Evita passava fome, estava infeliz e não se cuidava; tinha as mãos frias e suadas, chegava cedo ao teatro porque lá fazia mais calor que em seu quarto, e não podia ir pra outro lugar. Ganhava menos do que antes, apenas cento e oitenta pesos por mês, e enviava uma parte para sua família em Junín (Fraser; Navarro, 1982, p. 47).¹³

A partir de 1939, ela começou a frequentar os edifícios da revista *Sintonía*, o que representava, na sua trajetória, uma forma de vitória pessoal, uma vez que crescera lendo aquela revista e se imaginando estampando-a. Então, Eva Duarte ocupou a página da revista da qual era fã e onde encontrava imagens que alimentavam seus desejos e projeções de sucesso. Na cidade de Junín, na década de 1930, aproximadamente

As meninas compravam *Sintonía*, uma revista argentina de cinema com fotografias, faziam recortes e trocavam fotos e sonhos sobre Hollywood e Paris. A estrela preferida de Eva Maria era Norma Shearer, que nasceu pobre em Montreal e foi para Hollywood, onde conheceu Irving Thalberg e atuou em dezenas de filmes da MGM, Maria Antonieta, entre outras (Fraser; Navarro, 1982, p. 26).¹⁴

Dessa forma, Eva se inspirava em modelos de sucesso que tiveram um passado de pobreza, mas alcançaram o crescimento se pautando numa imagem masculina, uma vez que tratava-se de uma época em que a força social motriz – de poder e status – estava monopolizada na figura do homem.

¹³ Tradução minha para: “Poco después, trabajó durante algún tiempo con una compañía en la que la primera actriz, Pierina Dealessi, la quería, y fue ella quien enseñó a Evita a declamar en el escenario. Ella recuerda que Evita pasaba hambre, era desgraciada y no se cuidaba; tenía las manos frías y sudadas, acudía temprano al teatro porque él se estaba más caliente que en su habitación, y no podía ir a ningún otro sitio. Cobraba menos que antes, sólo ciento ochenta pesos al mes, y enviaba una parte a su familia de Junín.”

¹⁴ Tradução minha para: “Las muchachas compraban *Sintonía*, una revista argentina de cine con fotografías, hacían recortes e intercambiaban fotos y sueños sobre Hollywood y Paris. La estrella preferida de Eva Maria era Norma Shearer, que nació pobre en Montreal y se fue a Hollywood, donde conoció a Irving Thalberg y actuó en docenas de películas de la MGM, Maria Antonieta entre otras”

Importante mencionar essa série de dificuldades vividas por Evita antes da sua ascensão à vida política, especialmente para entender o porquê Fraser e Navarro (1982) defendem que a transformação estética de Eva iniciou-se antes mesmo do encontro dela com Perón.

Figura 3 - Evita posa para a foto, ainda com seus cabelos negros – Museu Evita



Fonte: Figura da autora, jan./2014.

Para os pesquisadores supracitados, tais mudanças estéticas podem ser compreendidas como a expressão visível do desejo daquela jovem em romper com o seu passado de pobres, considerando que ela pintou seus cabelos de loiro para participar do filme *La Cabalgata del Circo* (1945).

Assim, na década de 1940, Eva foi escalada pelos estúdios *San Miguel* para participar do filme “A Cavalgada do Circo”, que contava com a participação da atriz Libertad Lamarque e do ator Hugo del Carril. O auge veio em 1944, quando Eva brilhou ao ocupar as capas de três edições da revista *Antena*, e uma da revista *Radiolândia*, veículos propagandísticos de reconhecimento e grande circulação na Argentina.

Figura 4 - Eva Duarte na revista Radiolândia



Fonte: González, 2013, p. 18.

Se Sarlo (2005) defende que entre 1942 e 1943 Eva quase não logrou nenhum êxito no cenário artístico, com exceção apenas de um pequeno trabalho na rádio *Argentina*, canal comunicativo de pouco destaque naquele período, Fraser e Navarro (1982) ressaltam que, em 1943, Eva já era uma das atrizes radiofônicas melhor remuneradas da época. Isso porque, quando seu irmão Juan se mudou para Buenos Aires, a carreira dela passou a ser patrocinada pelos Guerreno, fabricantes do *Jabón Radical*, empresa para a qual Juan já havia trabalhado quando ainda morava em Junín. Assim, não é possível dizer, como faz Sarlo, que a aproximação da atriz com Perón, que teria ocorrido a partir da intervenção dos militares nas radiocomunicações, foi o que deu combustível à carreira de Eva.

Pelo contrário, Fraser e Navarro (1982) explicam que, com o golpe militar argentino de 4 de junho de 1943 e a consequente censura dos meios de comunicação, Eva teceu estratégias para continuar trabalhando. Apresentou à Oscar Nicolini (1889-1956), auxiliar do coronel Aníbal Imbert, o qual era o oficial responsável pelo funcionamento das rádios, o projeto da série *Heroínas de La Historia*, cujo conteúdo foi aceito especialmente por se adequar à proposta ‘moralizante’ do novo governo.

Em setembro de 1943, a revista de rádio *Argentina* anunciava que ‘a célebre primeira atriz Evita Duarte, artista que havia ganhado ampla e merecida fama ao longo de sua extensa e variada carreira nas mais importantes emissoras de rádio’

iria protagonizar esta série em breve (Fraser; Navarro, 1982, p. 60).¹⁵

Partindo desta interpretação, foi só em janeiro de 1944 que Eva teria conhecido Juan Perón, e tal encontro teria ocorrido porque ele, como Secretário de Trabalho do governo de então, teria organizado um ‘festival artístico’ com a presença de atores e atrizes argentinos, em prol da arrecadação de fundos para as vítimas do terremoto que assolou a cidade de San Juan em 16/01/1944.

Perón era mais alto do que a maioria dos argentinos, musculoso e de rosto largo, com cabelo penteado para trás com gel. Tinha o sorriso de uma estrela de cinema com uma boca grande e dentes brancos e perfeitos, e sua presença, quase grosseira, conferia-lhe uma aura de virilidade em um país onde a masculinidade era venerada (Fraser; Navarro, 1982, p. 64).¹⁶

Assim, Perón apresentava características estéticas significativas da masculinidade, ou ainda, o que se esperava encontrar nas representações do masculino naquele contexto: era alto, parecia forte, carismático, viril e poderoso. Por isso mesmo, ao ascender à presidência, Juan emergiu como uma figura destemida e capacitada para resolver os problemas do país, deixados, inclusive, pelo governo do qual ele mesmo fazia parte.

Por outro lado, Sarlo (2005), que trabalha a excepcionalidade em Evita, ressalta, à revelia da força que viria a demonstrar na sua trajetória política, que ela apresentava um corpo esguio, rosto ingênuo e juventude aparente. Ou seja, perto de Perón, visualmente teria qualidades físicas para parecer secundária e acessória.

O sociólogo Pierre Bourdieu (2006) questiona a compreensão linear, organizada e sequencial dos acontecimentos da história de um indivíduo, isso porque, para ele, seria um equívoco analisar uma trajetória em retrospecto, buscando estabelecer relações de causa e efeito. O indivíduo é plural e socialmente construído, e se movimenta e desloca no devir histórico, de modo que a compreensão do sujeito só é possível a partir de sua inserção num espaço social.

Por isso é preciso entender Eva em suas multiplicidades, observando suas transformações, muito relacionadas ao seu amadurecimento pessoal e aos acontecimentos históricos. Ela ascendeu ao cenário político como primeira-dama juntamente de seu

¹⁵ Tradução minha para: “Em setiembre de 1943, la revista de radio Argentina anunciaba que ‘la célebre primera actriz Evita Duarte, artista que há ganado amplia y merecida fama a lo largo de su extensa y variada carrera em las más importantes emisoras de radio’ iba a protagonizar em breve esta serie.”

¹⁶ Tradução minha para: “Perón era más alto que la mayoría de argentinos, musculoso y de amplía faz, com cabelo peinado hacia atrás com fijapelo. Tenía la sonrisa de un galán de cine com uma boca grande y una dentadura blanca y perfecta, y su presencia, casi tosca, le daba una aureola de virilidade en un país em el que se rendia culto a la masculinidade”

esposo, Juan Perón, que se tornou presidente em 1946. Eles se casaram em 1945, e com a prisão de Juan, devido ao grande prestígio que ele vinha acumulando entre os altos escalões militares, nasceu a Eva política, ou a Evita (como ficou carinhosamente conhecida pelos seus admiradores peronistas), em meio aos estardalhaços do evento histórico do dia 17 de outubro daquele mesmo ano.

De acordo com o historiador Norberto Ferreras (2011, p. 229): “O 17 de outubro não é um dado menor nem anedótico – é a data de nascimento de Perón como líder de massas e da irrupção definitiva das massas na política”. Nesse dia, uma multidão ocupou a Praça de Maio exigindo que Perón fosse solto, e, desse modo, tal movimento significou a ascensão da burguesia industrial nacionalista que, com a ajuda dos/as trabalhadores/as, se sobrepõe ao tradicionalismo da velha oligarquia. Fora o momento de identificação das massas populacionais com as figuras de Juan e de Eva (Navarro, 1997 *Apud* Díaz, 2005, p. 49).

Essas mobilizações contaram com a participação direta das mulheres das camadas populares argentinas, as quais, inspiradas na figura de Eva, companhia constante - ao lado - de seu esposo, viriam a ser personagens essenciais na campanha pela eleição presidencial de Perón, mesmo que ainda não usufríssem do direito ao voto.

Dias depois da grande manifestação popular de 17 de outubro, que pedia a liberdade para Perón, no dia 22 daquele mesmo mês, Juan e Eva se casaram na igreja de São Ponciano, em La Plata, numa cerimônia íntima. “[...] os acontecimentos de 17 de outubro não permitiram adiar mais seu casamento, já que, nem então nem antes, era viável para um político argentino aspirar à presidência convivendo com uma mulher que não era sua esposa” (Fraser, Navarro, 1982, p. 123).¹⁷

Em 22 de outubro de 1945, no registro civil da cidade de Junín, Eva Duarte se casou com Juan Domingo Perón e, em 10 de dezembro, o fazem numa igreja da cidade da Plata. Nesses dias, Eva já acompanha Perón, que havia se candidatado à presidência da República, devido a seu afastamento da estrutura militar, em todos os eventos de sua campanha eleitoral (Díaz, 2005, p. 76).

Mais do que a crítica ao ‘concubinato’, havia uma pressão de certos setores argentinos, como o Exército e a Igreja, para que essa relação fosse adequada à determinados requisitos sociais tradicionais, e, por isso mesmo, após o casamento, tentou-se apagar vestígios materiais da carreira artística pregressa de Eva, considerando a relação entre ela e a ideia de promiscuidade. Era como se duas figuras distintas (a atriz e a esposa do coronel)

¹⁷ Tradução minha para: “[...] los acontecimientos del 17 de octubre no permitieron demorar por más tiempo su matrimonio, ya que, ni entonces ni antes, era factible que um político argentino aspirara a la presidencia viviendo com una mujer que no era sua esposa”

não pudessem coexistir, e, dessa forma, Evita

[...] reclamou e obteve todas as fotografias publicitárias que estavam em poder das emissoras de rádio em que havia trabalhado, e todos os negativos dos fotógrafos que a fotografaram. Seu último filme, a *Pródiga*, foi exibido em sessão privada para Perón e Evita em casa de Subiza, pelo proprietário do Pampa Films, e logo foi dado de presente para Evita (Fraser; Navarro, 1982, p. 124).¹⁸

A mulher política que nascia com aquele matrimônio, continuava podendo ser vista, mas era acessada de maneira diferente. Suas poses, gestos, vestimentas e comportamentos deveriam expressar o que se esperava da esposa do presidente – e não mais de uma atriz –, ou seja, austeridade e decoro. Porém, não era possível assassinar de vez a Eva do passado, que havia aprendido em meio às artes, entre tantas outras coisas, a sua retórica desenvolvida, a facilidade em se dirigir ao público, e o hábito de se valer das rádios para ser ouvida e conhecida em vários cantos do país.

Entretanto, como primeira-dama, a quem se relegava um papel secundário e desvanecido, chega, na contramão do esperado, ocupando o espaço político ainda como ‘amante’, liderando o movimento popular pela soltura de Perón, e seguiu participando ativamente de sua campanha para presidente, em 1946.

Até então, nenhuma esposa havia estado junto de seu esposo na campanha eleitoral, e Evita tornou-se famosa não só por esta razão, mas também pela sua popularidade nas províncias como atriz de rádio. A brancura de sua pele, seus cabelos loiros e seu casamento de conto de fadas, faziam dela uma figura atraente (Fraser; Navarro, 1982, p. 126).¹⁹

A atriz estava viva. A mulher política também.

Na década de 1940, em meio à consolidação do Estado-Nação, questões relacionadas à vida privada, como sexualidade e reprodução, foram tuteladas pelo próprio Estado, até como forma de controle social, mas também, consequentemente, como uma maneira de domínio sobre os corpos femininos (Halperin, 2000 *Apud* Díaz, 2005, p. 55).

Até 1926 – data da aprovação da reforma do Código Civil Argentino – as mulheres estavam juridicamente equiparadas à condição de menor, incapacitadas, e isso era mais grave para a mulher casada, que estava submetida ao controle total de seu marido, não podendo dispor de seus ganhos, nem exercer trabalho sem sua permissão. A mulher tampouco podia subscrever documentos públicos na qualidade de testemunha, nem demandar ante os tribunais. Não obstante, as mulheres pobres, há várias décadas eram requeridas como força de trabalho (Díaz, 2005, p. 57).¹⁹

¹⁸ Tradução minha para: “[...] reclamo y obtuve todas las fotografías publicitarias que obraban em poder de las emisoras de radio em las que había trabajado, y todos los negativos de los fotógrafos que la habían retratado. Su última película, *La Pródiga*, fue exhibida em sesión privada para Perón y Evita em casa de Subiza, por el propietario de Pampa Films, y luego le fue entregada a Evita como obsequio.”

¹⁹ Tradução minha para: “Hasta entonces ninguna esposa había estado junto a su esposo em la campaña electoral, y Evita se hizo famosa, no sólo por esta razón, si no por su popularidade em provincias como atriz radiofónica. La brancura de su tez, su pelo rubio y su boda de cuento de hadas hicieron de ella um figura

Na Argentina, o debate acerca do papel das mulheres no ambiente de trabalho nasceu com o empenho de anarquistas e socialistas, sendo que o segundo grupo possuía uma leitura romantizada e tradicionalista da função social feminina no espaço privado. De fato, a noção da luta pelo sufrágio só se corporificou a partir de 1926, com a reforma do Código Civil, e com isso, as mulheres argentinas se voltaram à conquista de direitos políticos.

Em 1932, frente ao Congresso da Nação, foi a primeira vez que se discutiu a criação de um projeto de lei direcionado ao voto feminino. “Assim, em 1932, criou-se a ‘Associação Argentina do Sufrágio Feminino’, e, a partir de 1936, a Federação Argentina de Mulheres Universitárias e a União Argentina de Mulheres [...]” (Díaz, 2005, p.59).

O golpe de 1943 interrompeu este processo, uma vez que a prioridade se tornou o combate ao caráter fascista do governo militar. Porém, segundo a pesquisadora Martha Susana Díaz (2005), Perón não renegou a questão da mulher. Ainda como Secretário de Trabalho, e Vice-Presidente, deixou claro o seu desejo em conferir o direito do sufrágio às mulheres, o que seria realizado por meio de um decreto-lei. Isso não agradava, todavia, grande parte dos grupos feministas, que desconsideravam a opção deste direito ser conquistado sob um governo de exceção.

Mesmo com essa aversão das sufragistas, majoritariamente pertencentes às camadas média e alta, o outubro de 1945 e a massiva e ativa participação feminina nos movimentos em prol da soltura de Perón, demonstraram que o peronismo incipiente já estava cooptando as mulheres dos setores populares.

O filantropo Torcuato Di Tella (2017) denominou de “maçonaria militar secreta” o *Grupo de Oficiales Unidos* (GOU), organização da qual Perón fazia parte e que fora responsável pelo golpe militar argentino de 1943, de caráter nacionalista, fascista e antidemocrático.

Esse regime se seguiu inicialmente na crença, mantida por algumas alas operárias e de esquerda, de que aquele governo ‘arrumaria a casa’ e prontamente devolveria o poder aos civis. Quando isso não ocorreu, esses mesmos grupos se tornaram oposição e sofreram perseguições

Houve uma sucessão de medidas repressivas: censura de imprensa, dissolução dos partidos políticos, intervenção de sindicatos, aprisionamento de dirigentes, intervenção nas universidades nacionais, busca de intelectuais notáveis simpatizantes do fascismo para posições chave (Di Tella, 2017, p. 285).

Nessa lógica, uma das primeiras medidas tomada pelo regime de então, foi a intervenção nos sindicatos, com atenção especial para as agremiações ferroviárias, grandemente comandadas por socialistas e comunistas. Nesse entremeio, Perón era o designado para o Departamento Nacional do Trabalho, que viria a se converter em Secretaria de Trabalho e Previdência Social, e a partir desse lugar, buscou atrair a simpatia do movimento operário.

Quando Perón se candidatou à presidência, Eva se realocou publicamente no lugar de mobilizar politicamente esta massa popular, dando atenção especial às mulheres, as quais veriam nela uma representante. Ela, já acostumada a se dirigir ao povo por meio das rádios, viajou com Perón pelo país, e nesse trajeto, distribuiu material de campanha e teve contato direto com o povo, obtendo apreço ainda maior do público feminino.

Com a vitória de Perón, Eva discursou pela primeira vez como primeira-dama e fez questão de ressaltar a preocupação peronista com os direitos das mulheres, as quais deveriam saber conciliar a vida pública com o seu verdadeiro dom, qual seja ele, o de gerir um lar. Logo, inserida no aparato estatal, Evita tomou a frente de tarefas na Secretaria de Trabalho e Previdência, especialmente às destinadas ao atendimento de trabalhadores/as e suas reivindicações (Díaz, 2005).

Eva iniciou formalmente o seu percurso político em 04 de junho de 1946, quando Perón foi eleito presidente da Argentina. Esta trajetória é primordialmente marcada pela sua atividade assistencial, centralizada na Fundação Eva Perón (FEP); e por sua liderança em prol da conquista do sufrágio feminino, direito assegurado pela denominada ‘Constituição Justicialista’, garantido pela lei 13.010 (de 23/09/1947), e promulgado em 1949, dois anos antes das mulheres votarem pela primeira vez no país (Palermo, 2007).

Em 1949 também foi o ano da formação do Partido Peronista Feminino (PPF), comandado e organizado por Evita. Com esse movimento e sua aprimorada capacidade retórica, Eva conseguiu, segundo aponta a historiadora Rachel Soihet (2000), grande adesão de mulheres para a causa peronista, desempenhando a tarefa de legitimar a doutrina que chefiava juntamente de seu esposo.

Para a pesquisadora Ivana Aparecida da Cunha Marques (2020), que tece uma análise da autobiografia de Eva Perón, *La Razón de Mi Vida* (1951), essa conquista, apesar de muito significativa no que concerne a igualdade formal entre homens e mulheres, teria ocorrido de maneira conservadora e paradoxal, uma vez que para Eva e o peronismo, era preciso ratificar os ideais de feminilidade e estabelecer que, mesmo que as mulheres exercessem direitos

políticos, a função primordial delas era a do cuidado com a casa, o marido e os/as filhos/as.

Considerando a questão do cuidado e do assistencialismo sob o peronismo, a Fundação de Ajuda Social Maria Eva Duarte de Perón foi criada em 08 de julho de 1948 por intermédio do decreto nº 20.564, convertendo-se em ‘Fundação Eva Perón’ apenas em 25 de setembro de 1950 (Stawski, 2008), e tendo vivido o ápice de sua atuação durante o período de seu surgimento até o falecimento da primeira-dama, em 1952. Ela somava forças com o Exército e a Confederação Geral do Trabalho (CGT) e servia como um elo entre o Estado e as camadas sociais mais carentes da Argentina, ou ainda, os *descamisados*²⁰, sendo Evita a personificação dessa mediação. Esta instituição era responsável pela criação e gerenciamento de “[...] hospitais, escolas, farmácias populares, enfermarias [...]” (Avelino, 2014, p. 55)

O Partido Peronista Feminino (PPF) e a Fundação Eva Perón (FEP) consistiam em organizações formadas por suas matrizes no centro metropolitano de Buenos Aires, assim como por núcleos distribuídos nas periferias. Por intermédio do Partido Feminino, foram escolhidas vinte e três mulheres que comandariam, a cada líder, uma província argentina “[...] como delegadas censitárias do recente PPF.” (Silvero, 2022, p. 06).²¹

Tais delegadas teriam a tarefa de angariar novos votos para o peronismo, bem como fazer um levantamento acerca da situação em que se encontravam as argentinas de todas as províncias, as quais teriam suas demandas atendidas pela FEP. Com isso, nota-se a ampliação do domínio peronista, cujo alcance se estendia por todo o território argentino.

As ações propostas pela FEP foram precedidas pelas atuações de outras entidades, como é o caso da Sociedade de Beneficência (SB) e da Federação das Associações Católicas de Empregados (FACE). Estas organizações contavam com o apoio de instituições privadas, no objetivo de zelar pela saúde e a educação dos/as argentinos/as, num contexto em que as oligarquias intentavam lograr predomínio político sobre a população (Silvero, 2022).

A Sociedade de Beneficência (SB), em específico, surgida em 1823, prezava por ações baseadas na meritocracia, isto é, segundo suas organizadoras, a assistência só deveria ser ofertada à quem a merecesse, ou ainda, para aqueles/as que seguissem os valores morais pautados na família, humildade e no trabalho.

Compor esta instituição fazia com que os adjetivos de seus membros fossem acentuados, dotando-os de prestígio, uma vez que a caridade e o altruísmo alçavam as

²⁰ População mais carente da Argentina. Os que em meio ao calor do evento histórico do 17 de outubro de 1945, arrancaram seus casacos e paletós, ficando apenas em ‘mangas de camisa’ (Díaz, 2005).

²¹ Tradução minha para: “[...] como delegadas censistas del reciente PPF.”

lideranças dessa associação à um alto escalão, fazendo, inclusive, com que essas mulheres conseguissem se inserir em círculos políticos, e assim “[...] elas compartilharam reuniões diárias com vários deputados e senadores.” (Silvero, 2022, p. 20).²²

Foi em instituições como as supramencionadas, que Eva se inspirou para desempenhar seu trabalho social, o qual viria a ser materializado pela FEP em 1948. Segundo Silvero (2022), a história - amplamente reproduzida - de que as damas da Sociedade de Beneficência teriam renegado Eva Perón devido ao seu passado, rixa que explicaria a futura extinção da SB e sua suplantação pela FEP, se configuraria numa narrativa mítica, já que

[...] a extinção da SB corresponde, na realidade, a um decreto criado pela Diretoria de Saúde Pública e Assistência Social do Ministério das Relações Exteriores e sancionado em 21 de outubro de 1943 pelo então presidente Pedro Pablo Ramírez. Estabelecia que instituições como a SB deveriam ficar sob a responsabilidade da Diretoria de Saúde Pública, então dependente do Ministério do Trabalho, dirigido pelo Coronel Perón (Silvero, 2022, p. 10)²³.

A FEP estabeleceu na Argentina a prática da beneficência pautada na reivindicação de direitos sociais, considerando a inserção das mulheres nos espaços de trabalho. Esta organização transformou a atuação filantrópica de caráter privado em ação assistencial pública e centralizada (na figura de Eva e sua Fundação), convertendo a benemerência no que a primeira-dama chamava de “ajuda social” (Silvero, 2021).

Não obstante, muito antes do peronismo, a Federação de Associações Católicas de Empregados (FACE), criada em 1922, já havia instrumentalizado as mulheres como força de trabalho, de modo que, por esses e outros fatores, é possível afirmar que a fundação dirigida por Evita inspirou-se na concepção de assistência proposta pelas instituições que a antecederam. Antes do peronismo, a filantropia se tratava de uma atividade desempenhada por mulheres da burguesia. Todavia, com ele, as camadas sociais médias e populares foram sendo incorporadas para o trabalho do cuidado com o outro, o qual abrangia tarefas designadas socialmente para o gênero feminino. No caso da Argentina, a função da enfermeira “[...] está associada a um trabalho feminino vinculado como sinônimo de determinadas tarefas: higienizar, cuidar, curar, ajudar, confortar. Portanto, interpreta-se que a enfermagem é uma ocupação predominantemente feminina.” (Cipolla,

²² Tradução minha para: “[...] y compartían cotidianamente reuniones con diversos diputados y senadores.”

²³ Tradução minha para: “[...] la extinción de la SB corresponde, en realidad, a un decreto creado por la Dirección de Salud Pública y Asistencia Social del Ministerio de Relaciones Exteriores y sancionado el 21 de octubre de 1943 por el presidente de ese momento, Pedro Pablo Ramírez. En él se establecía que instituciones como la SB debían pasar a estar a cargo de la Dirección de Salud Pública, que en ese momento dependía del Departamento de Trabajo, dirigido entonces por el coronel Perón.”

2021, p. 93).²⁴

Essa atuação vai ao encontro do que a historiadora Maria Lúcia de Barros Mott (2001), ao analisar a sociedade brasileira entre os anos 1930 a 1945, chamou de “maternalismo”. De acordo com ela, a concepção da maternidade como parte central da natureza feminina tem legitimado que as mulheres desempenhem, na esfera pública, funções relacionadas ao ambiente doméstico. Ou seja, para que elas frequentem os espaços fora do lar, é necessário que o façam praticando suas ‘reais’ inclinações maternais, como é o caso do cuidado, do afeto e do altruísmo. Nessa perspectiva, o lar seria o pilar da sociedade, e nele a mulher-mãe exerceria o papel de educadora e protetora da família. No âmbito público, todavia, esses papéis vinculados ao *locus* doméstico, se converteriam numa função social.

No caso das enfermeiras, tal função apareceu como uma atividade secundária e dependente da atuação ‘central’ do médico. Assim, dada a hierarquia social de saberes e a divisão sexual do trabalho, disseminou-se a concepção de que as mulheres seriam dotadas de um dom maternal, e, como enfermeiras, exerceriam essa natureza no espaço público.

Nesses termos, de que as mulheres estariam apenas executando suas aptidões naturais, a elas foi negada, por muito tempo, a profissionalização de suas tarefas e, conseqüentemente, a possibilidade da conquista de direitos trabalhistas.

Na Argentina, nas décadas de 1940 e 1950, com a Fundação Eva Perón e a gestão do ministro da saúde Ramón Carrillo (1906-1956), houve uma expansão no número de enfermeiras, dado o aumento na construção de hospitais: “[...] em 1946, havia oito mil enfermeiras em serviço, enquanto em 1953 o número aumentou para dezoito mil.” (Cipolla, 2021, p. 94-95)²⁵.

Figura 5 - Eva Perón na Escola de Enfermeiras da FEP - 1950

²⁴ Tradução minha para: “[...] se encuentra asociada a una labor femenina vinculada como sinónimo de determinadas tareas: higienizar, cuidar, curar, ayudar, confortar. Por lo cual, interpreta que la enfermería es una ocupación mayoritariamente femenina.”

²⁵ Tradução minha para: “[...] en 1946 existían ocho mil enfermeras que se encontraban en servicio mientras que para 1953 la cifra se incremento a dieciocho mil.”



Fonte: González, 2013, p. 73.

A imagem acima, que apresenta Eva rodeada pelas enfermeiras de sua Fundação, demonstra, entre outras coisas, a liderança de Evita nesse alargamento da atuação de tais profissionais, historicamente relacionadas ao ideal do cuidado, sendo, naquele período, as populações mais carentes o público-alvo daquele zelo.

Todavia, quando Eva morreu, a gerência da FEP se tornou atribuição de um Conselho de Administração, liderado por Perón, que burocratizou e estatizou a estrutura desta entidade. Sem a figura de Eva, a nova direção acabou negligenciando o trabalho de ação social em nome da priorização das questões econômicas e administrativas, o que teria sido primordial para a derrocada da instituição, ocorrida, de fato, em 1955 (Stawski, 2005).

Mesmo com o adoecimento de Eva, o que pressupõe o seu afastamento das atividades nas organizações citadas (FEP e PPF), vale perceber que, nesse ponto, a primeira-dama já havia se conectado às subjetividades, especialmente femininas. Isso ocorria, dentre outras maneiras, por meio do seu cuidado com o outro – tido como um predicado feminino -, da sua preocupação com a beleza e estética, e da sua liderança como uma mulher política atuante.

Ao longo dos tempos, as mulheres têm instrumentalizado esse discurso do maternalismo para poderem ocupar o espaço público e político, assegurando, desse modo, direitos enquanto cidadãs. Considerando a trajetória de primeiras-damas, as historiadoras Rachel Soihet e Suely Gomes Costa (2011) analisam Eva Perón a Alzira Vargas (1914-1922), filha de Getúlio e quem teria desempenhado o primeiro-damismo juntamente de sua mãe, Darcy Vargas, sendo que também chegaria ao mesmo papel no estado do Rio de Janeiro, já que, em 1939, se casou com Ernani do Amaral Peixoto (1905-1989), quem se tornara

governador em 1951.

As pesquisadoras em questão defendem que no maternalismo e nos trabalhos assistencialistas, essas mulheres, vistas como meramente acessórias em relação aos seus maridos – e pais, no caso de Alzira -, ganharam certa autonomia no espaço público. Mesmo que o assistencialismo se vincule à essas mulheres por intermédio da ideia da tendência feminina ao cuidado, é certo que, por meio dele, elas puderam desempenhar papéis de poder na esfera política. Alzira e Eva

Em suas performances no exercício do poder, o campo de atividades assistenciais – foi um lugar de exercício e de produção de matéria política de que se fazem os maternalismos. Ambas, como primeiras-damas, agregam, em seus percursos, mais e mais mulheres num movimento de mesmo sentido sentido: o da política dos cuidados, numa instigante mimesis política que promove deslocamentos dessas atividades do espaço privado para o público [...] (Soihet; Costa, 2011, p. 08).

Porém, diferente de Alzira, que trabalhou usando seus vastos conhecimentos em prol do fortalecimento do getulismo e/ou dos projetos de seu esposo, Evita traçou causas próprias que, apesar de vangloriarem Perón, tinham nela mesma a sua líder. Além disso, segundo Soihet e Costa (2011), algo significativo as diferenciaram ao longo de suas caminhadas: Alzira não parecia vaidosa, nem demonstrava grande preocupação com sua aparência. Além disso, apesar de ocupar um papel formal como primeira-dama, Eva não se manifestava de maneira protocolar, como fazia Alzira, e a sua gana política não se desvinculava das sensibilidades e das paixões que irradiavam em seus discursos.

Considerando esse entusiasmo plantado por Evita, assim como toda a morte, a dela representou a ruptura – dolorosa – de um processo, mas, pensando nesse debate sobre a construção de sua liderança política, não significou o fim de sua existência, uma vez que as suas ações e sua representação continuaram arrastando multidões (o que fora corroborado em seu velório), assim como fizeram no comício peronista de 22 de agosto de 1951. Ocorrido na Avenida 9 de Julho, ele foi responsável por reunir milhares de trabalhadores/as que exigiam a candidatura de Eva Perón à vice-presidência para as eleições próximas, o que não foi possível devido a sua doença.

A preeminência ritual de Evita no regime de Perón só cedia o primeiro lugar ao próprio Perón. Ela passava na frente até mesmo do vice-presidente em todas as ocasiões, com exceção das militares, em que o rígido espírito do protocolo não a permitia, e quando se tratava de dar nomes às fábricas de gás, aos transatlânticos, às pontes, às frotas de ônibus e às estações terminais, seu nome foi usado com mais frequência que o de Perón (Fraser; Navarro, 1982, p. 232).²⁶

²⁶ Tradução minha para: “La preeminência ritual de Evita em el régimen de Perón solo cedía el primer lugar al propio Perón. Ella passaba por delante del mismo vice presidente em todas las ocasiones, com la sola excepción de las militares em las que el rígido espíritu del protocolo no los permitia, y quando se trataba de dar nombres a las fabricas de gas, a los transatlânticos, a los puentes, a las flotas de autocares y a las estaciones terminales,

Num momento de exaltação da figura de Evita, o Congresso cedeu à ela o título de Chefe Espiritual da Nação, certificado pelo colar da Ordem do Libertador San Martín (Fraser; Navarro, 1982, p. 260).

Então, apesar do formalismo do poder de Perón, Eva o alcançava, saindo na dianteira por meio de vias simbólicas, não ligadas às burocracias de um cargo político. Dessa forma, Fraser e Navarro (1982) sustentam que, dada tamanha – e assustadora, ao seu ver – popularidade de Eva, Juan teria negado a candidatura da própria esposa à vice-presidência do país, e no caso, o dia 22 de agosto de 1951, conhecido como o Dia da Renúncia, que marcou o sacrifício e abnegação de Evita, não teria passado de uma estratégia do presidente. Para eles, Perón “[...] não se deu conta, até que fosse tarde demais, e seus cálculos foram quase frustrados, de que agora ela havia chegado a ser tão importante como ele mesmo para seus seguidores” (Fraser; Navarro, 1982, p. 238).²⁷

Conforme os estudos dos autores supracitados, para Eva, sua maior condecoração em vida teria sido a do *Cabildo Abierto* (“Prefeitura Aberta”) do Justicialismo, formado por milhares de trabalhadores/as que rogaram por sua candidatura, o que marcou, concomitantemente, o auge e o fim de sua carreira política, interrompida por sua morte. Segundo eles: “[...] o Cabildo Aberto garantiu a sobrevivência do mito do sacrifício, deliberadamente aceito por uma mulher que renunciava ao mundo, movida por absoluta bondade” (Fraser; Navarro, 1982, p. 243).²⁸

Como dito anteriormente, as intenções políticas e sociais de Evita se corporificaram por meio de organizações dirigidas por ela, como era o caso do PPF, responsável por mobilizar politicamente as mulheres; e a FEP, a qual tinha por atribuição central, oferecer assistência – material, espiritual, psicológica, etc. – aos grupos sociais mais carentes da Argentina, quais sejam eles, mulheres, crianças e idosos.

Figura 6 - Eva Perón discursando para integrantes do PPF

su nombre se empleaba más a menudo que el de Perón”

²⁷ Tradução minha para: “[...] no se dio cuenta, hasta que fue ya demasiado tarde, y casi se frustraron sus cálculos, de que ahora ella había llegado a ser tan importante como si mismo para sus seguidores”.

²⁸ Tradução minha para: “[...] el Cabildo Abierto aseguró la supervivencia del mito del sacrificio aceptado deliberadamente por una mujer que renunciaba al mundo movida por absoluta bondade”



Fonte: González, 2013, p. 76.

A imagem acima é sinalizadora, entre outras coisas, de como os trânsitos políticos criados – ou não - e atravessados por Eva, levaram também à associação e inserção de milhares de outras mulheres no âmbito público, uma das camadas sociais que Evita estabeleceu como sendo seu espaço de atuação, juntamente dos humildes e dos trabalhadores (Soihet; Costa, 2011).

Com o PPF, Eva representou a condução política feminina num cenário antes eminentemente composto por homens. Ao largo do debate sobre como esse movimento de mulheres foi essencial para a consolidação e manutenção do projeto peronista, e como tal iniciativa se manteve por meio da reiteração de papéis sociais tradicionais de gênero, fazendo com que as mulheres não desenvolvessem suas potencialidades e exercessem a maternidade por vias públicas, o PPF, em seus caminhos paradoxais, não deixou de ter sido um modo peculiar de fazer política e de alcançar as regiões mais remotas da Argentina.

Nessa lógica, os historiadores Bruno Sanches Mariante da Silva e Ivana Aparecida da Cunha Marques (2021) chamam a atenção para o exercício da aparente condescendência de Eva às imposições masculinas como sendo uma estratégia de movimentação na esfera de decisões. Apesar da sua popularidade crescente em meio às massas, Eva insistia em se declarar uma sombra de Perón, sem qualquer protagonismo ou influência política.

Mesmo quando, em agosto de 1951, a multidão gritava alvoraçada para que se candidatasse à vice-presidência do país, Eva “[...] se declara uma frágil mulher argentina e, a todo momento, persevera em suas declarações de garantir, acima de tudo, o apoio à

reeleição de Perón, manifestando sua felicidade em servir a seu povo, especialmente, aos *descamisados* (Soihet; Costa, 2011 p. 21).” Porém, é a partir desse discurso da coadjuvação e enaltecimento de seu esposo, que Eva conseguiu estabelecer contatos, traçar negociações e ganhar um protagonismo admirável na esfera pública, especialmente entre os grupos mais pobres.

Nessa temática de atendimento às populações mais necessitadas, por meio da FEP, Evita, personificando o Estado peronista, ofereceu acolhimento e assistência às pessoas desamparadas, como é o caso de idosos, mães solteiras e crianças órfãs e abandonadas, mediante, entre outras coisas, a construção de Lares de Trânsito, Lares-Escolas e policlínicas (Stawski, 2005). Desse modo, ela substituiu o trabalho social elitista que vinha sendo executado pelas Damas da Sociedade de Beneficência, construindo um modelo de atividade assistencial comandada por uma mulher nascida e criada na plebe argentina.

Figura 7 - Eva Perón ao lado de trabalhadoras da FEP – Museu Evita



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

Dito isto, vale pensar em como a Fundação foi primordial na relação direta estabelecida entre a primeira-dama e os estratos sociais mais carentes, o que pode ter barrado o crescimento de uma possível oposição popular ao governo Perón.

Em meio à essa popularidade nem sempre credibilizada, Eva se tornou uma líder de massas e um ícone da moda. Como um modelo de luxo e requinte, a primeira-dama instruíu as demais mulheres sobre como se vestirem, alternando o *glamour* das roupas de festa com a mensagem de respeitabilidade transmitida pelos seus *tailleurs*, tidos como trajes de

trabalho. O fato é que a indumentária de Eva balizava o seu status social e o seu pertencimento a elite política argentina, servindo como uma marca visual do peronismo como projeto político.

2.3 A beleza à serviço do poder político

Eva também dialogava com as mulheres por meio de seus *looks* e suas gestualidades, linguagem que ganhou força após o seu *tour* pela Europa, realizado em 1947. Para Sarlo (2005), essa viagem foi decisiva para a virada visual da primeira-dama, que adotou de vez o coque baixo na nuca, a partir da ajuda de Pedro Alcaraz (1892-1973), seu cabeleireiro e amigo íntimo; e passou a usar vestidos de linhos e conjuntos de *tailleurs*, o que numa leitura estética, significava que Evita se apresentaria, a partir de então, de maneira mais austera e imponente, ou seja, como uma *verdadeira* representante política.

Figura 8 - Evita faz pronunciamento para visitantes estrangeiros



Fonte: Mundo Peronista, nº 07, outubro, 1951, p. 48 *Apud* Marques, 2020, p. 85.

Na imagem acima, o *tailleur* aparece como um elemento central, representando a seriedade da ocasião. A roupa fala, e essa comunicação também se dá com componentes como joias, o chapéu *voilette*, o coque na nuca e o detalhe plissado do casaco. A pesquisadora Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes (2002) propõe que, ao iniciar a sua ascensão

à cargos de decisão, as mulheres tem renegado, estrategicamente, parte de suas identidades para se apropriarem de qualidades tidas como tipicamente masculinas. A partir da consideração de masculino e feminino como categorias analíticas de gênero, essas questões podem ser percebidas, inclusive, na escolha das mulheres – que se encontram em posições de poder - por modelos de roupas que tem sido, ao longo da História, usadas por homens, como é o caso do terninho.

Ou seja, além de demonstrar elegância e seus gostos pessoais, Eva se valia da moda para delimitar seus espaços de trabalho, pensando aqui a moda como algo socio-historicamente determinado, e influente sobre as aparências e a organização da vida social (Lipovetsky, 2009). Sobre os impactos no mundo da moda, 1947 foi um ano marcante em vários aspectos porque, além de ter sido o momento da grande viagem de Eva, foi quando o famoso estilista francês Christian Dior lançou, em Paris, a sua nova coleção, chamada de *New Look* (Novo Olhar), a qual buscava renovar os padrões da moda, considerando o contexto de fim da Segunda Guerra Mundial. A partir disso, recobrou-se a abordagem da mulher envolvida por muito pano (*vide figura 9*), o que era uma forma simbólica de atestar a aversão aos tempos de escassez da guerra (Medeiros Filho, 2015).

Analisando este contexto do século XX em termos de historiografia feminina, para a historiadora brasileira Joana Maria Pedro (2005), o mundo do pós Segunda Guerra Mundial vivia a segunda onda feminista, encandecida por obras como *Mística feminina* (1963), de Betty Friedan, e *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir. Centralmente, este movimento reivindicava o direito ao prazer, defendida a liberdade sexual e corporal, e pedia pelo fim do patriarcado. “Naquele momento, uma das palavras de ordem era: ‘o privado é político’” (Pedro, 2005, p. 79). Neste contexto, o termo utilizado era ‘Mulher’, em contraponto ao ‘Homem’, termo o qual tinha aspecto generalizante, para designar ‘os seres humanos’.

Então, no bojo desses acontecimentos, o movimento em questão tecia críticas à esse caráter universalizante da categoria ‘Homem’, o que, automaticamente, excluía as mulheres e suas especificidades e bandeiras. Surge daí, a necessidade de construção de uma identidade feminina, na qual todas pudessem se sentir pertencentes e representadas em suas exigências. “E era em nome desta identidade que nesta ‘Segunda Onda’ constituiu-se a prática de realizar grupos de reflexão compostos somente por mulheres.” (Pedro, 2005, p. 80).

Pedro estabelece, porém, que nos Estados Unidos, as mulheres pertencentes às minorias, menos representadas, como era o caso de trabalhadoras, índigenas, mestiças, etc.,

passaram a demonstrar a “diferença dentro da diferença” (Pedro, 2005, p. 82), uma vez que, para esses grupos, o trabalho fora do espaço doméstico não significava um mecanismo de libertação, mas apenas mais um dispositivo de opressão. É a partir disso que percebeu-se, mesmo que paulatinamente, que o termo ‘Mulher’ era amplo e possuía camadas, e por isso deveria ser entendido no plural: ‘Mulheres’.

Não obstante, esta flexão da palavra não respondia a questão nevrálgica que todas – ou pelo menos a maioria delas – buscavam entender, a do porquê o masculino dominar, historicamente, as mulheres, independente dos diversos tipos de fronteiras que as separassem, e porquê, conseqüentemente, elas eram alijadas da escrita da história.

Em seu contexto, Eva Perón foi um caso excepcional, pois obteve acesso ao microfone para expressar seus discursos e caneta para escrever suas mensagens, mesmo que, em muitos casos, sua narrativa devesse ser alinhada à de Perón. Para além disso, Evita também autobiografava por meio de seu corpo, tendo Paco Jaumandreu (1919-1995) como costureiro e vestindo constantemente os modelitos de Dior, como o que ela usava na imagem abaixo.

Figura 9 - Eva Perón da residência presidencial



Fonte: Duarte de Perón, 1951, p. 48 *Apud* Marques, 2020, p. 83.

Assim como comprova essa imagem, Eva demonstrava grande preocupação com sua

imagem pública. Para Soihet e Costa (2011), já na cena política, seu estilo fora fabricado, montado a partir da alta costura europeia, de tal modo que sua figura pudesse exalar luxo, beleza e elegância. Mas é certo que, também, esta estética do bem vestir na primeira-dama, era simbólica e representava visualmente a mensagem de que o peronismo traria tempos prósperos e fartos, ideia que fora disseminada pelos países pelos quais passou – com seus belos trajes e acessórios - durante sua viagem de 1947.

Para Sarlo (2005, p. 75), em Eva Perón as roupas tiveram função medular no engendramento de sua “[...] imagem de exceção”, ou ainda, na produção de uma figura grandiosa e extraordinária. As escolhas de seus *looks* não eram realizadas de forma despretensiosa, mas estreitamente vinculadas às suas obras sociais e à representação visual e política que estava em construção sobre ela, a partir de sua intervenção direta.

“[...] o corpo material de Eva produz seu corpo político.” (Sarlo, 2005 p. 90). Por isso a preocupação de que a morte de seu corpo material e o possível cessar do culto à sua personalidade, pudessem significar a decadência do regime político que ela encabeçava com Perón, e a destruição da imagem simbólica de uma primeira-dama que, em seu corpo, representava uma nação. Porém, para Sarlo, a sua beleza, estilo e juventude foram sustentáculos de sua representação e esteio daquele Estado, já que eram demonstrativos visuais das benesses que o peronismo poderia ofertar ao povo, e, por isso mesmo, eram elementos concretos a serem salvaguardados.

Destaca-se que a moda abrange a imitação porque abraça a generalidade, mas, ao mesmo tempo, possui o elemento da mutabilidade, já que está em constante variação, marcando, inclusive, as diferenciações existentes entre as classes sociais, como é o caso do ingrediente dos cabelos loiros em Evita, símbolo de ascensão social e imitação das estrelas hollywoodianas de sua época.

“O artifício impõe a estrela como sobrenatural.” (Vigarello, 2006, p. 158). A beleza de Eva, inspirada nos modelos hollywoodianos, já reforçava um mito. Para além disso, a propaganda peronista, com o aval de Evita, corroborava os traços visuais da primeira-dama, tal qual o cinema do século XX fazia com suas personagens. Porém, diferente das estrelas de cinema como Marlene Dietrich (1901-1992) e Greta Garbo (1905-1990), Eva Perón era acessível e palpável. Mais do que um modelo estético de beleza ‘conquistada’ e assistida à olho nu, Eva se transformou num padrão de personalidade e de bem viver. Tudo isso num contexto em que a beleza parecia se democratizar e se tornar supostamente possível para toda mulher que tivesse obstinação para tanto.

Assim, mais do que ser um símbolo de fé, Eva, como integrante de uma elite política, fora apropriada como ícone de moda, inspirando estilos e comportamentos de meninas e mulheres de diferentes classes sociais.

Por aqueles mesmos anos, as adolescentes pobres da Argentina queriam parecer-se com Evita. A metade das meninas nascidas nas províncias do Noroeste se chamavam Eva ou Maria Eva, e as que não tinham esses nomes copiavam os emblemas de sua beleza. Tingiam os cabelos de loiros e os penteavam para trás, puxados e recolhidos em um ou dois coques (Martínez, 1996, p. 58).

Evita internacionalizou o peronismo, especialmente por meio de seu *tour* pela Europa, ocorrido em 1947. Nesse sentido, a visualidade de sua figura foi essencial para que o regime do qual era representante, fosse visto como sinônimo de prosperidade, dado o luxo manifestado em sua imagem por meio de penteados, acessórios e roupas.

Figura 10 - Eva no Vaticano, onde seria recebida pelo Papa Pio XII – 1947



Fonte: González, 2013, p. 72.

Nessa imagem, além da beleza chamativa dos cabelos e lábios vermelhos de Eva, subentende-se, ainda, que o encontro desta primeira-dama com o papa de então fora muito significativo, já que Eva, em sua trajetória, foi sendo compreendida a partir da amálgama entre material e religioso; terreno e metafísico, receita na qual se localiza a vértice da formação da identidade peronista.

Então, para os/as peronistas e, principalmente para os segmentos de mulheres adeptas ao partido, perder Evita significava, para além da morte de uma líder institucional, a perda de referências estéticas que haviam alimentado o imaginário sociocultural feminino. Por meio do prestígio que ela construiu para si, inclusive após seu falecimento, seu nome conservava o poder, influenciando outras ‘Evas’, seus comportamentos, atuações e aparências.

Desse modo, Evita e sua trajetória serviram de vitrine para os/as argentinos/as,

expressando para as mulheres daquele país que o casamento poderia significar um dispositivo de ascensão política, social e cultural feminina. Ou seja, o crescimento de Eva ocorreu paripassu às modificações em sua aparência – proporcionadas pela moda, com roupas e cabeleireiro -, as quais a transformaram em uma mulher ‘moderna’, uma vez que tinha, até certo momento, saúde para usufruir de bens e serviços. As noções estéticas nessa figura são essenciais, já que toda a sua magnitude, construída em vida, fora carregada para sua morte – e além dela -, levando em conta que o passado de Evita sempre foi presente para os/as argentinos/as.

O seu corpo adoeceu por um câncer de útero que a matara em 26 de julho de 1952 (Ortiz, 1997), mas, apesar disso, a sua trajetória política, sua atuação assistencial junto ao povo pobre argentino, por meio da Fundação Eva Perón (FEP), e a disseminação de sua imagem de beleza, estilo e elegância, fizeram de Eva uma figura *sui generis* que obtivera caráter divino aos olhos da população.

O fato é que o prestígio alcançado por esta personagem, em partes devido à sua beleza, elegância e estilo, fez com que os peronistas defendessem que, embora morta, ela deveria ser imortal, o que justifica o Vaticano ter recebido 26 mil cartas, antes mesmo de seu falecimento, as quais requisitavam sua canonização (Teixeira, 2013, p. 06).

Após a morte de Eva, o embalsamento de seu corpo reivindicou a ‘Evita política’ e consolidou o mito; mas antes disso, Eva já era considerada a Chefe Espiritual da Nação, segundo o decreto estabelecido pelo Congresso argentino em 07 de maio de 1952. Espiritualidade essa que se expressava, sobretudo, em sua jovialidade e beleza, as quais transcenderam o episódio de sua morte (Díaz, 2005). Essa carga mística construída em torno de sua figura, que ganhou maior expressividade após seu falecimento, estava também atrelada à trajetória material dessa primeira-dama, especialmente no que se refere à sua atuação no atendimento das demandas materiais, físicas e espirituais dos segmentos populacionais marginalizados da Argentina.

Com seus cabelos escuros naturais, Evita gozava de beleza, mas pode-se dizer que fora a sua decisão de enloirar os fios que fizeram com que ela rompesse simbolicamente com seu passado de pobreza e restrições, se convertendo, visualmente, numa mulher da elite argentina, e se aproximando, de acordo com o imaginário popular, das figuras sacras do catolicismo (Perrot, 2007).

Essa é uma questão medular, uma vez que seus cabelos se tornaram cerne da sua representação visual. Ele e todos os simbolismos existentes em Eva envolveram sua morte,

cujo evento desenvolveu-se, se tornando um processo de magnitude e misticismo, nada diferente do que havia sido sua vida.

Figura 11 - Eva Perón e seus cabelos loiros soltos – Museu Evita



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

Então, a transformação de Eva em ícone de moda só foi possível devido aos componentes de sua figura, como, por exemplo, sua beleza, altruísmo, generosidade etc., qualidades e virtudes que foram acentuadas pelos processos mitológicos que se seguiram ao seu falecimento, elevando-a à uma posição de santa do peronismo.

Independente de suas atuações como figura política e da moda, as correntes antiperonistas buscavam deslegitimá-la como mulher pública – visando, assim, descredibilizar o próprio peronismo –, e, para tanto, argumentavam, entre outras coisas, que a opulência do visual de Eva e sua aproximação com a alta costura, representavam a hipocrisia daquele regime político. Esta preocupação com a indumentária da primeira-dama pode ser interpretada como uma maneira de futilizar a sua imagem, retirando o foco do ideário político propagado por ela, e direcionando-o para temas que pareciam ‘cotidianos’.

Evita estaria se banhando na ostentação e ‘brincando’ de fazer política, pondo em jogo a estabilidade argentina em nome da realização de desejos pessoais banais, esquecendo-se da sua verdadeira *função* como mulher: gerar filhos e gerir um lar – não uma Nação.

Justamente por ter sido objeto de crítica de meios de comunicação, como ocorreu com o próprio jornal brasileiro *Tribuna da Imprensa*, que será analisado nos próximos capítulos, é que soa importante entender quais as ligações de Evita com esses veículos e como eles a interpretavam ainda no início de sua vida pública.

3 A MORTE NO PALCO DA VIDA SOCIAL E A SANTA NO ALTAR DO PERONISMO

Especialmente pela influência de Eva Perón dentre o povo argentino, o acaso de sua morte, em 26 de julho de 1952, colocou fim à uma vida triunfante e prestigiosa, marcada pela conquista de uma posição social que poucas mulheres obtinham, uma vez que seu poder e fama não advinham de uma possível carreira como atriz e/ou cantora, mas sim, de sua atuação como uma primeira-dama que, entre outros predicados, era jovem e bela. Eva faleceu aos 33 anos de idade, e sua morte prematura gerou o sentimento de incompletude de uma vida que parece não ter sido experienciada em sua inteireza, a qual compreende o envelhecer como um estágio necessário.

O capítulo em questão buscará fazer uma análise acerca dos impactos sociais da morte de Eva, considerando a disseminação das notícias para além das fronteiras daquele país, uma vez que a primeira-dama havia se tornado uma figura de prestígio nacional e internacional.

Para tanto, considerando Carlos Lacerda, diretor do *Tribuna da Imprensa*²⁹, jornal vespertino que é fonte medular deste trabalho, foi preciso contextualizar e analisar acontecimentos do cenário político-social brasileiro, a partir do entendimento de que, quando se escrevia sobre o peronismo, na verdade, se falava mais do Brasil do que da Argentina. Isto porque, os discursos de Lacerda (assinados por ele ou escritos por *outrem* e publicados com sua permissão) nascem dos dilemas brasileiros, e são atravessados pelo viés político-ideológico deste personagem, declaradamente antigetulista. Parte-se da hipótese que, ao atacar Eva, buscava-se atingir o peronismo, e, difamando o peronismo, era possível deslegitimar o varguismo, projeto que Lacerda interpretava como a versão à brasileira da

²⁹ A abreviação ‘TI’ será utilizada para referenciar o jornal *Tribuna da Imprensa*, fonte principal analisada neste trabalho.

política do presidente Perón.

Assim, no presente capítulo, serão apontados alguns eventos da política brasileira de então (entre as décadas de 1950 e 1960), que pintaram o pano de fundo dos acontecimentos em que Carlos Lacerda estava inserido e a partir dos quais publicava seu jornal. Essa periodização considerou diferentes marcos e elementos, sendo eles o falecimento de Eva Perón (1952), o golpe militar argentino de 1955, que retirou Perón do poder, mas não recalçou o ideal peronista e evitista³⁰; e, no caso brasileiro, o getulismo, que como corrente político-ideológica, perpassou a própria figura de Vargas, sobrevivendo à sua morte em 1954, e se ressignificando especialmente por meio das atuações de seu afilhado político João Goulart.

Carlos Lacerda (1914-1977), político e jornalista brasileiro, fundou o jornal *Tribuna Da Imprensa* em fins do ano de 1949. Figura antigetulista, anticomunista e defensora dos ideais ianques, Lacerda era filiado à União Democrática Nacional (UDN), partido conservador e avesso às políticas de Getúlio Vargas (1882-1954).

Filho de um deputado federal de tendências esquerdistas, o jornalista fluminense foi batizado Carlos Frederico Werneck de Lacerda, com os dois primeiros nomes em homenagem a Karl Marx e Friedrich Engels. Na juventude militou no Partido Comunista do Brasil (PCB) e integrou a Aliança Nacional Libertadora (ANL), o que o levou a ser preso em algumas ocasiões por participar de atividades tidas como subversivas. (Santos, 2015, p. 62).

Seu rompimento com a esquerda aconteceu quando ele redigiu e assinou um artigo declaradamente anticomunista, encomendado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o que causou a sua expulsão do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o afastamento de muitos de seus amigos da esquerda e sua paulatina articulação político-ideológica com a direita.

Dadas estas informações pertinentes, vale ressaltar que a ideia não é a de estabelecer uma cronologia exata dos eventos, mas a de entender os reveses e disputas políticas, assim como, a de perceber como as ideologias políticas³¹ (peronismo e antiperonismo; getulismo e antigetulismo; comunismo, etc.) atravessavam e se intercambiavam nas fronteiras entre Brasil

³⁰ Neste trabalho, considera-se *evitismo* como uma corrente político-social que subsistiu no peronismo e era centralizada na figura de Eva Perón, tendo, em muitos casos, suplantado o movimento peronista e a própria figura de Juan Perón. Esse movimento se fortaleceu principalmente como o ‘peronismo armado’ da década de 1970, protagonizado pela organização montonera

³¹ Para Chauí (2008, p. 07), “[...] ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e [...] esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”. Ou ainda, um arquétipo simbólico e material que estabelece regras e conceituações aos sujeitos, de modo que se apresente justificativas para as diferenças sociais, culturais e econômicas por intermédio de um arcabouço representativo e normativo.

e Argentina, ao ponto de se temer que Vargas e seus seguidores pudessem estar performando um peronismo autóctone.

Se havia interesses e bandeiras político-ideológicos a serem defendidos, já que não parecia existir neutralidade possível em meio à tantas disputas de ideais e convicções, o *Tribuna da Imprensa* só pode ser compreendido, portanto, por meio dos objetivos e intencionalidades dos envolvidos em sua produção, devendo, por este motivo, ser problematizado e historicizado (Luca, 2005).

Se por meio das narrativas do jornal a referência ao nome de Evita tinha a finalidade de, na maioria das vezes, vilipendiar a sua conduta, atuação, aparência e/ou o projeto político que ela liderava juntamente de seu esposo, na contramão do que era objetivado, a repetição do nome de Eva pelo TI, contribuiu para que as lembranças sobre esta primeira-dama não arrefecessem. De algum modo, Eva se manteve viva por intermédio do processo de embalsamento - dada a importância das simbologias de seu corpo como espaço de beleza, fé e apropriações. Mas, também, sobreviveu por meio dos processos memorialísticos, ou seja, do avivamento da memória como uma arma no domínio dos imaginários em meio às disputas pelo poder, o que, entre outras coisas, abrangem o embate entre a lembrança e o esquecimento.

Essas questões simbólicas superam os sentimentos individuais, alcançando a dimensão coletiva. No que se refere aos impactos da mídia na esfera das afetividades, é preciso considerar as imagens internalizadas, produzidas pelo próprio imaginário, o qual pode estabelecer vínculos importantes com o jornalismo, como com o TI, já que ambos possuem aspecto sócio histórico. Para se compreender o imaginário, é preciso analisar a influência que as imagens possuem no dia-a-dia da coletividade, desempenhando a função de argamassa social. Ele, por ser fluído, perpassa até âmbitos reconhecidos pela racionalidade, como é o caso da política e da economia. Neste capítulo será possível perceber como a materialidade se amalgama aos simbólico, de tal maneira que as afetividades, principalmente as vinculadas ao apego com a figura de Eva Perón, se embarçam à realidade.

É em tal imaginário onde se resguardam os sentimentos, as lembranças e os afetos, os quais se materializam em práticas que têm impactos na concretude do real, o que significa a convivência entre as subjetividades e a objetividade, ou seja, o material. A partir disso, o jornalismo passa a se configurar como uma manifestação do imaginário social, numa expressão comum entre produtores, emissores e receptores das notícias, num tráfego

dinâmico entre indivíduo e sociedade – ou nichos sociais (Silva, 2012).

3.1 Memória como terreno da imortalidade

A comoção pública gerada pelo falecimento de Evita, buscou, em grande parte, esteio na memória visual criada pela tangibilidade do corpo morto da primeira-dama. Assim, era preciso prepara-lo, já que a partir daquele acontecimento ele seria exposto, visto e mobilizado para a consternação. O corpo de Evita, num ataúde com tampa de cristal, foi velado num funeral que durou treze dias e, para tanto, uma manicure pintou suas unhas e Pedro Alcaraz, o cabeleireiro responsável por pentear os cabelos da primeira-dama durante sua trajetória política, fez o seu conhecido coque na nunca (Ortiz, 1997).

Do Ministério do Trabalho, o corpo foi trasladado para o Salão Justicialista, no prédio do Congresso, antes de ser transportado para a sede da Confederação Geral do Trabalho (CGT).

Figura 12 - Argentinas choram ao redor do caixão de Eva Perón



Fonte: González, 2013, p. 119.

As emoções, como as liberadas na Argentina – e fora dela – com a morte de Evita, podem ser consideradas socialmente dinâmicas e historicamente mutáveis, de modo que entendê-las é central para a compreensão das dimensões humanas.

A dor que se insere no imaginário e se expressa pela memória coletiva - dita oficial - , manifesta as dinâmicas do poder e é possível de ser considerada uma construção sócio-histórica que visa o surgimento de identidades culturais e nacionais. Conforme afirma Freitas (2021, p. 133), “[...] a história foi e está sendo contada não por uma memória coletiva localizada em comunidades locais, mas sim pelos instrumentos de dominação oriundos da matriz colonial e de poder.”.

Tal discussão se relaciona com o conceito de memória e, nesse caso, com as estratégias que visavam, no contexto da morte de Evita, fazer lembrar ou criar formas de esquecimento ou apagamento. Isso é revelador do poder da representação política de Eva, e demonstra que seu corpo morto continuou vivo não somente por meio do embalsamento, mas também através dos processos memorialísticos que se produzia sobre sua trajetória de vida.

Existe uma necessidade de domínio da memória coletiva por parte de sujeitos, classes e agrupamentos, já que os esquecimentos e recordações – e as manipulações que se fazem deles

- podem ser usados como instrumentos eficazes nos embates e disputas existentes entre as forças sociais (Le Goff, 1990). No caso do peronismo, dominar a preservação da memória sobre Eva e seus feitos, sua história e sua aparência, significava salvaguardar o legado do próprio projeto peronista, uma vez que o esquecimento desta primeira-dama vulnerabilizaria o governo frente às forças opositoras que buscavam miná-lo.

Sobre a necessidade de perenizar a imagem de Eva, cita-se, por exemplo, o caso do horário que Eva teria falecido, segundo o Estado peronista: vinte horas e vinte e cinco minutos. Esse elemento simbólico era constantemente acionado como forma de rememorar a importância da primeira-dama e de todos os detalhes de sua trajetória – de vida e de morte. Esse foi o horário escolhido por Perón para dirigir um discurso à população (Tribuna da Imprensa, 13 de junho de 1955, nº 1.659, p. 27), assim como a hora em que a Cadeia Nacional de Radiocomunicações determinou, após o falecimento de Evita, para transmitir seu boletimnoticioso, “[...] precedido da frase ‘Hora em que Eva Perón passou à imortalidade.’” (Tribuna da Imprensa, 21 de junho de 1955, nº 1.666, p. 05).

A dimensão coletiva das emoções é analisada pela historiadora Barbara H. Rosenwein (2011), que busca investiga-las por meio das chamadas “comunidades emocionais”, ou seja, os agrupamentos sociais formados por sujeitos que processam as emoções e as manifestam de forma parecida. Isso se relaciona com o quê tais comunidades consideram negativo e o que entendem como virtuoso, já que é acerca desses elementos que

os indivíduos expressam suas emoções.

Esse debate se enquadra na temática do imaginário, a qual se destacou em fins do século XX, alinhada à chamada “crise dos paradigmas” das ciências humanas, que colocou em xeque os sistemas teóricos explicativos tradicionais (de ‘verdades’ absolutas), e que abriu espaço para a absorção de novos objetos, problemáticas, métodos, abordagens, conteúdos, etc. Ela emergiu, mais especificamente, nos anos 1980, com a chamada “Nova História Cultural”, no bojo do esgotamento das explicações racionalistas cartesianas (Pesavento, 1995).

Para a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1995), o imaginário é uma área representacional que expressa as noções de realidade por meio de componentes ausentes, os quais se presentificam pelos discursos e imagens. Essas manifestações, entretanto, não são fidedignas ao real, uma vez que são representações que dependem do arcabouço cultural dos sujeitos sociais, assim como podem ser suscetíveis aos desejos e estratégias de manipulação que, entre outras coisas, objetivam estabelecer valores e moldar comportamentos.

“[...] Embora seja de natureza distinta daquilo que por hábito chamamos de real, é por seu turno um sistema de idéias-imagens que dá significado à realidade, participando, assim, da sua existência. Logo, o real é, ao mesmo tempo, concretude e representação.” (Pesavento, 1995, p. 16). Dessa forma, o imaginário abrange o território que ultrapassa a materialidade do fato ocorrido, processando, também, o que se pensou e se projetou acerca desse evento. A imaginação é, então, a criadora simbólica do mundo social e nele intervém por meio da evocação – produtora - do real, considerando que as representações buscam, em sua origem, sustentação nas noções de concretude.

A morte do outro é um lembrete pungente da fugacidade da vida de quem ficou e da constatação da solidão e vazio da existência do ser humano no mundo. No caso de Evita, analisando tal aspecto do imaginário, essa efemeridade dolorosa foi potencializada pela morte de uma jovem - o que quase sempre se anuncia como uma injustiça -, suscitando a dúvida sobre o que poderia ter sido e deixou de ser.

Antes de Eva morrer, o TI interpretava que o peronismo ficaria intacto, já que Evita seria uma figura acessória e dispensável, visto que a solidez do regime se deveria à ligação do presidente com os *descamisados*.

Cuidar que a morte de Eva Perón traria satisfação aos círculos opositores, seria incidir um erro grave. *Porque Eva Perón não conta*. Quem meditar, com serenidade sobre a questão, logo reconhecerá que ela tem sido, tão somente, leal a seu esposo. O que não implicar rigorosamente lealdade para com a República. *Nunca, em toda a História, um homem de governo utilizou-se tanto de uma mulher*. (Araya,

Augustín Rodríguez³². Tribuna da Imprensa, 19 de julho de 1952, nº 785, p. 04. *Grifos meus*).

De acordo com a passagem acima, Eva não teria força no governo, representando um apêndice – irrelevante e descartável - da figura de Perón: o verdadeiro articulador político do peronismo. Essa percepção explica porque o apoio popular à primeira-dama parecia manipulado e sem sentido: “[...] a sua morte não significaria um enfraquecimento do regime. Perón logo encontraria uma forma de preencher o vazio que o desaparecimento de sua esposa ocasionará.” (Tribuna da Imprensa, 17 de julho de 1952, nº 783, p. 04).

Pensando, portanto, em como o jornal interpretava Eva, o fato dela ser uma boa esposa, devotada ao líder da Nação, a transformara numa figura apolítica. Desconsidera-se, nesse caso, que a aquiescência feminina pode ser uma estratégia da qual as mulheres se utilizam para poderem se movimentar em tempos de censura e controle masculinos (Chartier, 1995). Tal interpretação ganha campo porque, historicamente aliadas para o espaço privado, as mulheres, quando participam diretamente dos eventos políticos a partir da sua inserção na esfera pública, são, geralmente, recebidas com estranhamento.

Ao tratar da questão feminina nas biografias, é necessário entender que, em grande parte dos casos, lida-se com a noção da memória e o seu mergulho pelas subjetividades, as quais, durante muito tempo, foram silenciadas da produção do conhecimento histórico em nome da objetividade e racionalidade, geralmente ligadas ao espaço público, de caráter masculino. “As mulheres, enquanto portadoras de uma memória das sensibilidades, dos sentimentos, dos detalhes tanto de ordem pública e privada, das pequenas coisas como fotos, objetos pessoais, são jogadas no calabouço do privado e trazidas para os discursos triunfantes masculinos como o avesso da ordem e do progresso (Zimmermann; Medeiros, 2004, p. 40)”. Por isso mesmo que o TI, até então, atestava que o ‘desaparecimento’ de Eva não abalaria a organização político- social do peronismo, já que ela, como mulher determinada ao espaço do lar, não possuía centralidade política naquele governo.

Apesar de ocupar o âmbito público, Eva era concebida como um empreendimento masculino, ou seja, alguém feito e refeito por homens, e que os imitava, inclusive nas vestimentas. Segundo Marques (2020), o conjunto de *tailleur* era uma indumentária utilizada amiúde por Eva. Tida como a ‘roupa de trabalho’ da primeira-dama, especialmente por expressar maior seriedade, austeridade e comprometimento, ainda é entendida como uma

³² Araya era um político argentino antiperonista, vinculado ao partido *Unión Cívica Radical*, principal oposição do Partido Justicialista/Peronista

versão feminina do terno, considerado um traje de homens, sujeitos os quais seriam naturalmente dispostos à vida pública.

A partir disso, percebem-se dúvidas acerca do poder político que uma mulher poderia lograr naquele contexto, retirando, assim, de Eva todo protagonismo e subjetividade. Todas as ações da primeira-dama seriam predeterminadas por Perón, restando-lhe o cumprimento e reprodução de atribuições que nada tinham de seu: nem sua essência, nem sua participação.

Tratando das excepcionalidades de Eva, Fraser e Navarro (1982) destacam que, desde o início do casamento, Evita não parecia uma mulher destinada ao simples cuidado com o lar e a família, ou voltada apenas para os cuidados com a aparência e a estética, e nem seria uma figura eclipsada dos assuntos públicos e políticos. Sobre isso, por meio de uma visita de Ricardo Guardo, presidente da Câmara dos Deputados da época, à residência do presidente e da primeira-dama, os pesquisadores supracitados contam que

Evita não fazia muito caso das obrigações convencionalmente impostas ao matrimônio. Vestia-se de maneira informal e sem levar em conta os presentes; quando Guardo levou sua esposa para que saudasse Perón e Evita pela primeira vez, ela vestiu o pijama de Perón com o elástico levantado até o peito e com as mangas e calças enroladas. Usava os cabelos presos em duas tranças. Mais tarde, durante uma conversa política, Perón lhe sugeriu que preparasse o jantar, mas ela se negou e todos comeram as latas que abriram. Guardo comentou: ‘A Evita daqueles dias era extraordinária’ (Fraser; Navarro, 1982, p. 131).³³

Essa citação demonstra que, diferente do que era proposto pelo TI sobre Eva, ou seja, que ela era facilmente manipulável pelos mandos de Perón, Evita aparece, sob o relato de Guardo, como uma personagem autêntica, que, mesmo frente à uma figura importante dentro do governo de então, não se submetia totalmente às convenções sociais da metade da década de 1940, as quais estabeleciam como o feminino – nesse caso, dentro do casamento e da política - deveria ser portar e parecer.

Em contraponto, considerando a origem humilde de Eva e em como sua experiência pública tinha se desenvolvido sob as demandas de veículos de comunicação que definiam, em muitos casos, como ela se vestiria e se pentearia, Fraser e Navarro (1982) salientam como Evita fora visualmente moldada. Em um trecho, os pesquisadores afirmam que a primeira-dama não sabia se vestir como uma “mulher política”, o que estabelece que existia, então, um padrão estético de como o corpo feminino deveria se apresentar no cenário político,

³³ Tradução minha para: “Evita no hacía mucho caso de las obligaciones convencionalmente impuestas por el matrimonio. Vestía de manera informal y sin tener en cuenta a los presentes; cuando Guardo llevó a su esposa para que saludara a Perón y Evita por primera vez, ella vestía el pijama de Perón con el cinturón levantado hasta el pecho y con las mangas y pantalones remangados. Llevaba los cabellos recogidos en dos tranzas. Aquella tarde, durante una conversación política, Perón le sugirió que podría preparar la cena, pero ella se negó y todos comieron de las latas que abrió. Guardo comentó: ‘La Evita de aquellos días era extraordinaria’”

modelo o qual se baseava em preceitos de feminilidade, associados à respeitabilidade e o comedimento.

Quando ela era vestida sem a assessoria de Liliane, seus vestidos podiam parecer espalhafatosos ou de pouca qualidade, e, nesse aspecto, recebia muitas críticas. Não havia regras sobre o vestuário feminino num contexto político, já que o caso de Evita não tinha precedentes. Ela continuou se vestindo, não como uma mulher política, mas como uma estrela de cinema, com penteados altos, saltos também altos e chapéus enormes com abas. Mas já começou a ter consciência da função no vestir na vida política e houve ocasiões em que se autoafirmou neste sentido (Fraser; Navarro, 1982, p. 140).³⁴

O ponto aqui é entender que, embora Eva tenha aprendido a se vestir de acordo com o que se considerou ser o vestuário de uma mulher política, buscou conciliar essa sua ‘roupa de trabalho’ com *looks* extravagantes que faziam alusão à sua carreira artística. A exuberância de suas vestimentas também parecia remeter à menina provinciana, que com o sonho de alcançar a fama das estrelas que admirava pela revista *Sintonía*, se deslumbrou em meio aos luxos da elite política.

Tal ‘exagero’ não significava, porém, a abdicação dela aos preceitos da moda do período, corroborados pela sua predileção por modelos de luxo e sua admiração pela alta costura. Como analisado no capítulo anterior, em 1947, num contexto de fim da Segunda Guerra Mundial, o estilista francês Christian Dior (1905-1957) apresentou em Paris a sua coleção que ficou conhecida como *New Look* (Novo Olhar), e essa tendência se baseava, entre outras coisas, em cinturas bem-marcadas e no excesso de pano (Mendo, 2017), reiterando o fim dos tempos de carestia trazidos pela Guerra, e inspirando, conseqüentemente, Evita na composição luxuosa de sua indumentária.

Essa questão abrange complexidades porque, dentre outras coisas, esbarra nos debates acerca dos limites existentes entre o luxo e a caridade. Paradoxo? Dicotomia? Dualidade? Sobre isto, Perón respondeu, por meio das fontes trabalhadas por Fraser e Navarro (1982) e apresentadas logo abaixo, nas quais ele afirma que estes não eram temas antagônicos, mas podiam se amalgamar na mesma pessoa, sem que isso se tornasse, necessariamente, uma contradição.

Se pode ser humilde de coração sem ser de condição. Se Evita tivesse sido uma hipócrita, como há muitas, ou uma avarenta, teria guardado para si ou ficaria

³⁴ Tradução minha para: “Cuando se vestía sin el asesoramiento de Liliane, sus vestidos podían parecer chillones o de poca calidad, y, em este aspecto, recibía muchas críticas. No existían normas sobre el vestido femenino em un contexto político, ya que el caso de Evita no tenía precedentes. Se seguía vistiendo no como una mujer política, sino como una estrella de cine, com um peinado alto, tacones también altos y sombreros enormes y com alas Pero ya empezaba a tener conciencia de la función del vestido em la vida política y hubo ocasiones em que se afirmaría sí misma em este aspecto”.

andando feito um trapo, escondendo as coisas das quais gostava. Se as joias foram dadas de presente, por que ela não as usaria? (Careo, p.15 *Apud* Fraser; Navarro, 1982, p. 226).³⁵

Os pesquisadores em questão defendem que Eva possuía certa compreensão e domínio acerca das simbologias e mensagens que expressava por meio de sua imagem, amparada na escolha de determinadas roupas, acessórios, sapatos e penteados. E, assim, ela se construiu visual e politicamente de maneira consciente e por intermédio de seus desejos e decisões, sem desagradar, porém, a fôrma das expectativas.

Seus vestidos e joias eram, naqueles dias, símbolos que usava conscientemente. Cada uma das Evitas, a ‘esposa do presidente’, a das galas do Colón, a ‘santa’ das doações aos pobres, a ‘companheira’ das reuniões sindicais, estava subordinada em sentido mais estrito ao que se esperava dela politicamente (Fraser; Navarro, 1982, p. 228).³⁶

Não obstante, Fraser e Navarro também propõem que Perón se valia da imagem de Eva, e de sua fidelidade e admiração pela figura do General, fazendo dela o estandarte do peronismo, uma vez que “[...] só ela poderia fazer de maneira que não resultasse em uma ameaça para Perón, pois era uma mulher, e, além disso, era sua esposa, sua ‘sombra’, como acostumava chamá-la” (Fraser; Navarro, 1982, p. 144).³⁷

Sobre a citação acima, duas coisas merecem ser destacadas: primeiro, a clara percepção de que o espaço político não devia ser construído e habitado por mulheres, a não ser que fosse para embelezá-lo; e, segundo a certeza de Perón de que, por Eva ser sua esposa, ele teria controle acerca das representações que ela disseminaria sobre o presidente, sobre o projeto político do peronismo e sobre si mesma. E essas mensagens pré-programadas seriam absorvidas de maneira fluída e vertical pelos/as receptores/as que a vissem, lessem e ouvissem.

Todavia, segundo o TI, mesmo sem qualquer expertise ou capacidade, ou, ainda, sendo uma “figura de terceira categoria”, Eva era gananciosa e agia de maneira resignada no intuito de realizar suas ambições. “Por seus conhecimentos escassos e quase nenhuma cultura, Eva Perón é incapaz de escrever os seus discursos, ou os trabalhos quevem a público

³⁵ Tradução minha para: “Se puede ser humilde de corazón sin serbo de condición, Si Evita hubiera sido una hipócrita, como hay muchas, o una avara, se las hubiera guardado o hubiera andado hecha una traperera, escondendo las cosas que le gustaban. Si las joyas se regalaban, ¿ por qué no se las iba a poner?”

³⁶ Tradução minha para: “Sus vestidos y joyas era, por estes días, símbolos que usaba conscientemente. Cada una de las Evitas, la ‘esposa del Presidente’ de las galas del Colón, la ‘santa’ de los donativos a los pobres, la ‘compañera’ de las reuniones sindicales estaba subordinada em el sentido más estricto, a lo que se esperaba de ella politicamente.”

³⁷ Tradução minha para: “[...] sólo ella lo podía hacer de manera que no resultara una amenaza para Perón, pues era una mujer y, más todavía era sua esposa, su ‘sombra’, como acostumbraba llamarla”

com o seu nome." (Araya, Augustín Rodríguez. *Tribuna da Imprensa*, 17 de julho de 1952, nº 783, p. 04).

O TI tentava descaracterizar a imagem política da primeira-dama, ao ponto de rebater o que diziam positivamente ao seu respeito, como, por exemplo, sobre a sua boa retórica e sua competência em emitir discursos contundentes. Além disso, a partir dessas críticas ao seu comportamento e forma de ser, estabelecia-se, tacitamente, o que se esperava da conduta feminina.

Segundo Matos e Borelli (2018), no Brasil, entre os anos 1920 e 1940, caiu consideravelmente o número de mulheres nos postos de trabalho da indústria fabril, mão de obra a qual foi sendo direcionada às esferas mais discretas, como eram os casos do serviço doméstico, dos escritórios e do setor varejista.

Nos estabelecimentos bancários, comerciais e de seguros, as mulheres foram incorporadas em postos de telegrafia, telefonia, contabilidade e como escriturárias, secretárias, guarda-livros, entre outros cargos burocráticos de menor status. A difusão da máquina de escrever abriu para as mulheres o promissor ofício da datilografia. Todos esses empregos demandavam preferencialmente moças solteiras (consideradas mais disponíveis), ágeis, assíduas, dóceis e submissas (Matos; Borelli, 2018, p. 134).

Reiterando os atributos da feminilidade, a partir de 1950 as mulheres foram sendo anexadas significativamente na atividade do Magistério, a qual tem sido relacionada ao cuidado e à suposta predestinação feminina para o ensinar. De qualquer modo, as funções destinadas à mulher eram as que corroboravam ideais como o de bondade, docilidade, zelo, serenidade e submissão.

Eva, como uma personagem dos anos 1940-50, causava certo estranhamento social ao ocupar o espaço político, onde não parecia haver lugar para mulher. Porém, segundo o jornal analisado, a sua participação era débil e insossa, incapaz de suplantiar a esfera da representação. Paradoxalmente, o periódico prestou, com essas declarações, uma ode à Evita, ou ainda, um ‘perdão’ público à primeira-dama que nada teve a ver com as decisões e acontecimentos do governo peronista, nem com os bons e nem com os maus. Como mulher, teria cumprido o seu papel social: foi afetuosa e obediente. Por ter sido “uma leal, amorosa e subjugada espôsa”, merecia um final melhor (Araya, Augustín Rodríguez. *Tribuna da Imprensa*, 17 de julho de 1952, nº 783, p. 04).

No entanto, com seu falecimento percebeu-se que o peronismo, sem a coesão necessária, parecia se esfacelar. Em fins de 1952, o jornal propôs que a morte de Evita causou o fim da unidade existente nos sindicatos, o que demonstrava, mesmo que indiretamente, que

Eva era o elo identitário que ligava o povo ao Estado peronista. (Carlos, Newton³⁸. Tribuna da Imprensa, 11 de novembro de 1952, nº 882, p. 12).

Embora o jornal tenha oferecido uma significativa cobertura dos acontecimentos que se seguiram à morte de Eva, enfatizava como aquele evento tinha se tornado uma celebração marcada pelo fanatismo popular e o autoritarismo peronista, que se valia de um episódio trágico para alcançar o maior domínio das massas.

Entre os assistentes do velório, nas ruas, soldados do Exército repartem doces, caramelos, sopa, chouriços, chá, mate, bandeirolas com a efígie de Eva Perón. Os soldados têm também a tarefa de acender tochas e velas que são iluminadas às 20 horas e se apagam às 20:25, hora em que se extinguiu a vida da esposa do presidente. Também houve distribuição de autógrafos e estampas da Virgem. (Araya, Augustín Rodríguez, Tribuna da Imprensa, 19 de agosto de 1952, nº 810, p. 04).

Estampada em bandeiras, era signo de devoção; tendo seu autógrafo espalhado, era uma estrela da política.

Indiretamente, o TI sugeriu que o peronismo havia patrocinado aquele velório (o que pode ser percebido na distribuição de alimentos e bandeirolas), objetivando, desse modo, a instrumentalização da comoção pública em prol de seu fortalecimento político. Com isso, deixava-se a indagação sobre qual seria a grandeza dessa mobilização caso tivesse surgido de maneira totalmente espontânea, sem a intervenção do Estado.

Sobre essa mobilização popular, é preciso ressaltar que os sentimentos, mais do que questões pessoais, são manifestações coletivas, isto é, correspondem às expectativas sociais acerca de como agir em determinada ocasião, uma vez que se espera que tais expressões tenham significado e valor aparente para o repertório do grupo.

Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros. Eles inscrevem-se no rosto, no corpo, nos gestos, nas posturas, etc. (Le Breton, 2007, p. 52).

Porém, os peronistas e admiradores de Eva não pareciam ter seguido um ritual padrão, de comparecer e chorar como uma forma de obedecer às normas sociais impostas sobre as ações do corpo. O evento do velório da primeira-dama e as reações do povo argentino foram dignos de surpresa para peronistas e antiperonistas, já que o número de pessoas presentes e a abrangência da comoção se mostraram claramente genuínos e ultrapassaram qualquer expectativa. Buenos Aires parou no tempo por treze dias, durante os quais “[...] todos os restaurantes, lojas, teatros e cinemas, e o transporte público não

³⁸ Newton Carlos (1927-2019) foi um jornalista carioca e comentarista internacional.

funcionaram” (Fraser; Navarro, 1982, p. 272).³⁹

A morte também é um fator cultural e as maneiras de se lidar com a dor apresentam variações nos nichos de pessoas existentes dentro dos agrupamentos sociais. Já no caso da dor causada pelo falecimento de Eva, alguém que parecia imortal pelo seu poder e juventude, não pôde ser ignorada, adiada ou esquecida.

Excepcional em vida, Evita morreu jovem, espalhando pela Argentina a sensação lamentosa do que poderia ter sido, foi perdido e deixou-se de viver. Então, seus trinta e poucos anos e a maneira como se deu a sua morte são elementos fundamentais para se compreender que os anos que lhes foram ‘tirados’ de/em vida se transformaram em tempo *post mortem*, o que pode ser constatado nos recursos empenhados em sua mumificação, nos monumentos construídos para evocar lembranças sobre ela, no luto extenso na política argentina, etc.

Figura 13 - Monumento à Eva Perón – Buenos Aires



Fonte: figura da autora (2024)

A imagem acima, por exemplo, demonstra um monumento construído em 1999, sob o governo do autointitulado peronista Carlos Menem (1930-2021), presidente da Argentina de então. Entre outras coisas, a escultura, que se encontra na Avenida del Libertador, em Buenos Aires, transmite a ideia de uma Eva que, apesar de estar magra e correndo para o

³⁹ Tradução minha para: “[...] todos los restaurantes, tiendas, teatros y cines, y el transporte público no funcionaron”.

nada, reitera firmeza e exatidão, e usa, quando olhada de perto, brincos e seu famoso coque na nuca, o qual não fora abandonado nem após a sua morte

Sua morte gerou sofrimento e comoção pública, e tal sentimento e manifestação coletiva foi instrumentalizado pelo Estado peronista que visava a potencialização de seu poder e prestígio, já que, nesses termos, a dor da primeira-dama se converteu na dor de um povo e de uma nação. Esse caso é envolvido pela busca por elementos que auxiliem na construção de noções identitárias e de pertencimento a partir do processo de mitificação de Eva Perón, uma figura política, histórica, mas, acima de tudo, real.

Para o historiador Alessandro Portelli (2001), em momentos de luto surgem múltiplas reivindicações, interpretações e narrativas buscando explicar experiências inexplicáveis. Nesse sentido, o luto se trata de um engendramento narrativo que se altera ao longo do tecido temporal, configurando-se num fator histórico, fruto de vozes e representações conflitantes. O luto argentino afetou a vida cotidiana das pessoas, ganhando um aspecto coletivo e duradouro. E, além disso, ele se tornou um espaço frutífero para o surgimento de construções mitificadas de uma Eva política e sacrossanta.

Como já dito, o número de pessoas que apareceram para prestar as últimas homenagens à Eva superou todas as expectativas ‘oficiais’ (Díaz, 2002), reforçando a importância dessa primeira-dama como modelo político, social e cultural argentino.

Sem Eva, Perón era uma carta fora do baralho, e ficou abalado com as manifestações populares no cortejo fúnebre. ‘Não sabia que a amavam tanto’, chegou a confessar. O pranto popular foi controlado pelo Estado, que não perdeu oportunidade de discipliná-lo (Avelino, 2014, p. 62).

Figura 14 - Multidão toma às ruas durante velório de Evita



Fonte: González, 2013, p. 117.

Além disso, a mobilização popular que sua morte alcançou transcendeu o que se

entendia como uma reação comum à morte de uma figura pública e política. No inverno argentino, debaixo de uma chuva que não cessava, pessoas de todos os cantos do país se empurravam em filas quilométricas para poderem chegar perto do corpo daquela que já não era mais *apenas* a primeira-dama da nação. De acordo com o *Tribuna da Imprensa* (29 de julho de 1952, nº 793, p. 02): “Mais de 3.000 pessoas sofreram ferimentos, até agora, em consequência de apertões ou desmaios enquanto aguardavam a vez de chegar ao Ministério. Apesar da tempestade de chuvas e trovoadas, ninguém abandonou seu lugar nas filas.”

O jornal supracitado compreendia que aquele velório havia, rapidamente, se transformado num evento de grandes dimensões, de força simbólica e impulsionadora, mas atribuía tal impacto ao trabalho manipulatório da propaganda peronista. “O respeito devido aos mortos está sendo velado pela ignóbil propaganda da ditadura argentina que utiliza o velório da sra. Eva Perón como isca macabra de uma intoxicação sentimental para fins políticos.” (Tribuna da Imprensa, 01 de agosto de 1952, nº 796, p. 04).

Mas durante os trezes dias em que o corpo de Eva ficou exposto na CGT, os/as argentinos/as traçaram os possíveis rumos dos acontecimentos futuros: neles, Eva não morreria tão cedo.

A chuva não parava de cair, como se o tempo pusesse no diapásão geral de tristeza. A fila de visitantes alongava-se em ziguezague sob um tecto de guarda-chuvas e jornais. Segundo os cálculos feitos então, chegava a três quilómetros. Esperava-se até dez anos, enregelado, com fome, doente. A Fundação Eva Perón e a Cruz Vermelha cuidavam dos idosos e distribuíam café, sanduíches (Ortiz, 1997, p. 370).

Figura 15 - Argentinos/as tentam se proteger da chuva durante o velório de Eva Perón



Fonte: González, 2013, p. 116.

A imagem anterior demonstra que estar presente naquele dia chuvoso, tumultuado e triste exigia esforço daqueles/as que queriam homenagear Evita. Para a jornalista argentina Alicia Dujovne Ortiz (1997), a morte de Eva ao mesmo tempo que significou a perda da grande líder do peronismo, presenteou esse projeto político com uma sobrevivida, visto que, antes desse acontecimento, constantemente ele perecia com as investidas de seus adversários. Esse renascimento se expressava no culto popular à Evita (seu nome, rosto, trajetória, etc.), que cada vez mais se expandia pelo país. “[...] O Congresso a designava Líder Espiritual da Nação. Por toda parte eram inaugurados bustos de Evita. Lugares de nomes tradicionais como a cidade de Quilmes, batizada assim em homenagem a uma tribo indígena, passaram a chamar-se Eva Perón” (Ortiz, 1997, p. 368).

O poder é corporal, mas no caso de Evita, seu corpo também se misturou ao dos *descamisados*, simbolizando a quebra de hierarquias e a sobrevivência de Eva por meio de seu povo que continuava disseminando seu ideal, mesmo após o seu falecimento. Tal poder não foi passado, como uma tocha, para um(a) herdeiro(a) político(a), mas foi transferido às massas argentinas.

Sobre o conceito de *descamisados*, para Fraser e Navarro (1982) este adjetivo nasceu como uma atribuição depreciativa aos adeptos e apoiadores de Perón, feita pelos opositores do coronel. Não obstante, paulatinamente tal denominação foi sendo ressignificada positivamente, fazendo alusão aos *Sans-Culottes* (Sem Calções) franceses.

Todavia, de acordo com a interpretação do TI sobre tal conceito, essa expressão teria surgido em 17 de outubro de 1945, quando aconteceu a primeira grande manifestação ‘peronista’, dada a libertação de Perón da cadeia. Nesse evento, os operários “sem camisa, de peito nu”, dariam o tom e a designação para os futuros adeptos desse projeto político (Tribuna da Imprensa, 21 de setembro de 1955, nº 1744, p. 01).

Essa massa que surgiu na esteira do nascimento do próprio peronismo se fortificou e se multiplicou ao longo do tempo e da consolidação daquele projeto político, o qual fora tecendo laços com as camadas populares argentinas, especialmente pela ponte construída pela atuação de Eva Perón. Quase sete anos depois, o povo de Evita, agregado e atendido por ela durante o seu trabalho frente à FEP, chorou a sua morte.

Ainda com o tema pungente dessa morte, no dia de finados de 1952, ano em que Eva faleceu, o *Tribuna da Imprensa* fez uma publicação sobre o significado daquela data e o papel dos cemitérios naquele período.

Em vez de serem o recanto silencioso onde dormem os nossos mortos queridos,

vêm participar da nossa vida cotidiana. E a cidade tãda se torna um cemitério, deserta e fechada, ao passo que a cidade dos mortosse alegre, se aviva, se colora, como se os mortos e vivos fraternizassemde novo, sem a linha de silêncio que nos separa. (Athayde, Tristão de⁴⁰. Tribuna da Imprensa, 1-2 de novembro de 1952, n. 874, p. 09).

O fim dessa “linha” que afastaria vivos e falecidos, se daria pelo convívio com a morte, o que Ariès (2000) chamou de “morte domada”. De acordo com o colunista Tristão de Athayde, a forma quase festiva com que se lidava com os mortos, demonstrava, além de desrespeito, uma tentativa de ocultar e escamotear a noção do fim.

Por outro lado, nessa lógica, a demonstração pública e ‘ vaidosa’ da morte fez o TI repudiar o que aconteceu durante o velório de Eva, evento que o redator Athayde, na mesma matéria supracitada, denominou de “psicose coletiva”. Assim, parece que havia se rompido o equilíbrio da relação que os vivos teciam com a morte, fazendo com que ela ou fosse socialmente recalcada, ou tratada com exagero descomunal (sendo ultrajada em ambos os casos).

Juntamente de Eva, o charme, o encanto e a excepcionalidade do peronismo haviam morrido, o que é sintomático da relevância que as atuações dessa primeira-dama - na maioria das vezes regadas por cor e beleza - tiveram para a existência desse regime. Com o seu falecimento, corria riscos também a vida de tal projeto, cuja administração deixara de contar com uma líder que possuía atributos físicos, ‘ espirituais’ e políticos admiráveis.

Os elementos marcantes da trajetória de Evita precisavam ser revividos pelo peronismo, o qual se valeu especialmente da imprensa para balizar a sua força política mesmo após o falecimento de sua líder. Por outro lado, dada a importância de Eva para os cenários nacional e internacional, a notícia de sua morte alertava os opositores desse regime de que o seu fim estava próximo. Com as informações rompendo as fronteiras argentinas, o TI se aproveitou para buscar formas de acelerar a derrocada do projeto político inimigo. Nesse entremeio, marcado pela Guerra Fria entre capitalismo e socialismo, e a ‘ guerra fria’ entre forças adversárias latino-americanas (Varguismo/Peronismo como avessos do Estado Democrático), a imprensa desempenhou papel fulcral na forma com que os acontecimentos viriam a se desenvolver.

3.2 Pau que bate em Chico, tem dever de bater em Francisco? Carlos Lacerda e o combate ao ‘peronismo getulista’

⁴⁰ Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), conhecido por ser um professor, escritor e crítico literário que integrou, em 1935, a Academia Brasileira de Letras (ABL).

A insistente repetição do nome de Eva no jornal *Tribuna da Imprensa*, mesmo que para, de certa forma, difamá-la, demonstrava a sua importância em meio ao debate público argentino – e por que não dizer, brasileiro. Além disso, o afincamento do antiperonismo em ratificar a incapacidade de Evita, especialmente como figura política, estimulava curiosidades sobre como uma mulher supostamente débil podia ter saído da pobreza e alçado à tão alta escala social.

Por outro lado, para o peronismo, com a morte de Eva, o temor era o de que morresse também a *Chefe Espiritual da Nação* e a *Madre de Los Descamisados*. O velório dessa primeira-dama, que durou treze dias e se configurou num grande evento nacional mobilizador de massas e dotado de carga simbólica e emocional, demonstrou para o projeto peronista que era Evita quem continuaria sensibilizando as multidões, o que pode ter causado preocupações para o TI.

Entre outras coisas, os anos de 1950 marcaram a modernização na ‘aparência’ e o funcionamento de impressão e difusão da imprensa no Brasil, a partir da aquisição de novos equipamentos gráficos e da recuperação da abordagem de discussões acerca de temas culturais por parte de intelectuais.

Para o cientista político Fernando Lattman-Weltman (2008, p. 158), ao tratar do caso carioca, o processo de aceleração da industrialização do Brasil, juntamente do engendramento de um mercado de bens duráveis; o surgimento da chamada “indústria cultural” no país, marcada especialmente pela ascensão das rádios e o aparecimento da televisão; e a reconfiguração da esfera política pela redemocratização pós fim do Estado Novo (1937-1945); são as linhas que compõem o pano de fundo do movimento de desenvolvimento da moderna imprensa escrita. Nesse contexto, nasceu o estágio empresarial da imprensa, que suplantou, ao longo da década de 1950, a fase literária. Apareceu, então, a noção de objetividade dos textos jornalísticos, os quais passaram a tratar as informações de maneira mais imparcial e direta.

Por outro lado, de acordo com o historiador Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos (2015), o jornal *Tribuna da Imprensa* era responsável por produzir matérias que continham o tom da opinião de quem as escrevia, o que se reafirma pelo *slogan* desse periódico, que era apresentado abaixo do título, na primeira página: “Um jornal que diz o que pensa porque pensa o que diz.”. Rendia pequenas tiragens, tendo alcançado seu ápice com 40 mil impressões diárias em 1954 (em relação à 110 mil de *O Globo* e 92 mil do *Última Hora*)

(Santos, 2015). Apesar da baixa circulação do periódico, o discurso de Lacerda ressoava na sociedade brasileira, angariando adeptos aos seus ideais, especialmente entre as classes mais abastadas, o que explica a sua rápida ascensão política que o levou a ser deputado federal e governador da Guanabara entre as décadas de 1950 e 1960.

Lacerda, o fundador e diretor do jornal, possuía uma retórica agressiva e provocativa, mas aguçada, a qual foi primordial na construção dos ataques discursivos contra seus opositores. Seu discurso era extremamente politizado e visava disseminar a agenda ideológica antigetulista e antiperonista, alcançando, assim, receptores-eleitores.

Se apresentava como um voraz defensor da moralidade e dos valores tradicionais, e se mostrava ser contra tudo o que poderia, supostamente, levar à desordem social, como, por exemplo, a ascensão das massas populares que, segundo ele e os redatores de seu jornal, eram incivilizadas, manobráveis, bárbaras e facilmente manipuladas pelos discursos ditos demagogos dos peronistas, getulistas, nazistas e comunistas. “Perón surgiu na crista de um movimento militar de tendência nazi-fascista. E começou a procurar o apoio das classes trabalhadoras por meio de promessas demagógicas e concessões de espírito mussoliano.” (Alves, Hermano Nobre⁴¹. Tribuna da Imprensa, 17 de setembro de 1956, nº 2.041, p. 04).

Segundo o professor Márcio de Paiva Delgado (2006), a ameaça do retorno de Vargas à presidência endureceu o discurso lacerdista, o qual, apesar de incisivo, não fora o suficiente para conter a vitória de Getúlio. Antes mesmo de Vargas ser eleito, Lacerda já vociferava que, caso isso acontecesse, o pleito deveria ter a sua legitimidade democrática questionada. O chamamento para o golpe ganhou o nome paradoxal de ‘revolução’, que deveria ocorrer para salvaguardar a democracia: “O sr. Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato a presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar” (Lacerda, Carlos. Tribuna da Imprensa, 1º de junho de 1950, nº 132, p. 04).

Então, para entender a mensagem disseminada, é importante conhecer seu emissor e de qual historicidade a informação é emitida. Considerando o contexto brasileiro no qual a presente pesquisa mergulha, vale destacar que em 1951 Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) foi eleito democraticamente para a presidência do Brasil por meio da chapa Partido Social Democrático (PSD) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e, a partir de sua vitória, iniciou-se uma conspiração liderada por Carlos Lacerda que visava a sua derrubada.

⁴¹ Hermano de Deus Nobre Alves foi um político e jornalista brasileiro que, entre outras coisas, se posicionou contra o golpe militar de 1964.

Durante o processo eleitoral, num contexto de pós Segunda Guerra Mundial, em que o principal inimigo mundial ainda era o fascismo, Lacerda escreveu denunciando que a volta de Vargas ao poder poderia transformar o Brasil numa ‘Nova Argentina’, sendo o peronismo o grande perigo inspirador.

O movimento getulista é a ramificação brasileira do movimento neo-fascismo no mundo, que tem em Perón a sua mais urgente e perigosa expressão. A vitória de Getúlio produzirá, certamente, uma dessas suas consequências opostas: a submissão do Brasil aos planos de Perón ou uma guerra com a Argentina (Tribuna da Imprensa, 21 de junho de 1950, nº 149, p. 04).

Então, em seu segundo governo (1951-1954), Vargas, eleito pelo voto direto e popular contra o brigadeiro Eduardo Gomes (1896-1981), da União Democrática Nacional (UDN), buscou adotar uma política intervencionista, nacionalista, paternalista e conciliatória, visando se fortalecer contra a oposição. Essa postura não surtiu efeito com a vertente mais conservadora da UDN que “[...] não só recusava qualquer aproximação com o governo, como endurecia sua oposição, sob o argumento de que Vargas estimulava a luta de classes e preparava a implantação de uma ditadura no país” (Silva, 2014, p. 04).

Na contramão dessa afirmação, o presidente construía laços com o povo por meio de sua figura carismática e sua preocupação com as exigências populares, especialmente no que se refere a contenção do aumento do custo de vida. Para as pesquisadoras Leoni de Souza Cristofari e Lenir Cassel Agostini (2005), o carisma de Vargas se destacava como uma característica em comum com o peronismo, uma vez que a liderança forte de Perón também cooptava a confiança e a admiração dos/as trabalhadores/as.

Para o historiador Thomas Skidmore (1982), ao chegar à presidência em 1951, Getúlio passou 1 - a dialogar com a nova massa urbana - que ainda não se articulava nem votava como classe -, com a classe média urbana e com a burguesia industrial nascente, localizada majoritariamente no triângulo São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte; 2 - a impulsionar o surgimento de fábricas de bens de capital, visando o aparecimento de uma burguesia competitiva; e 3 - a criar os sindicatos oficiais, isto é, os vinculados ao Estado. Tais sindicatos obtiveram o direito de negociar a data-base uma vez ao ano com seus patrões, ocorrendo, dessa forma, o aniquilamento de grande parte dos sindicatos radicais, o que gerou o surgimento do ‘pelego’ sindical, mais preocupado em negociar com o empregador do que em se manifestar e fazer greve.

No que concerne os planos de desenvolvimento nacional, num contexto de Guerra da Coreia (1950-1953) e Guerra Fria (1945-1989), a chamada política desenvolvimentista (Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL) visava reinserir o Brasil no cenário

global. A fórmula nacional-desenvolvimentista de Getúlio, aplicada através de mecanismos como a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) - o qual visava abolir os problemas infraestruturais que serviam de obstáculo para o desenvolvimento econômico -, pressupunha a modernização nacional através da transição da economia agrária para a economia industrial. O intuito era a incitação do consumo e o engendramento de uma economia mista por intermédio do investimento do Estado no setor privado, concomitantemente ao crescimento de empresas estatais. Nesse processo, além da indústria de base, o desenvolvimentismo estava ligado à energia, à química e ao petróleo, consequentemente. Dessa forma, a partir de um reordenamento político, buscava-se transformar a matriz econômica, alterando também, as bases sociais (Skidmore, 1982).

Para este desenvolvimento, era preciso investir em empresas estatais e de economia mista, mas sem relegar o incentivo ao setor privado. Já em fins da década de 1930, essa concepção unia oficiais do Exército, “tenentes”, tecnocratas e intelectuais que acreditavam que

[...] o Brasil poderia atingir um padrão de vida mais elevado, para todos os seus cidadãos, e uma condição madura de nação moderna, somente se tomasse um impulso acelerado para a industrialização, renunciando, conscientemente, por essa fórmula, ao seu papel anterior de sonolento fornecedor de exportações tropicais para o mundo do Atlântico Norte (Skidmore, 1982, p. 119).

Não obstante, em 1951 esse ideal ainda era incipiente, especialmente pela incapacidade do Brasil em iniciar a sua industrialização sem se subordinar aos empréstimos estrangeiros. Isso só se alterou com o crescimento repentino das reservas cambiais, o que criou um cenário econômico favorável para que empresários importassem um significativo número de equipamentos de base, o que, porém, não teve grandes impactos quando comparado ao aumento extraordinário no índice de importação de mercadorias nos anos de 1951 e 1952. Assim, o início da década de 1950 foi marcado pela alta dos preços e o crescimento da inflação, o que encarecia as exportações e desestimulava o investimento externo no Brasil.

Nesses termos, para o TI, o governo de Getúlio se valeria dessas mazelas sociais para galgar ao poder e ludibriar as massas sociais carentes de um líder. Essa nova vitória de Vargas seria, então,

[...] a oportunidade para conquistar novo crédito junto às massas populares e assustar as cautas e tímidas forças democráticas, a fim de promover, com a ajuda da corrupção e da propaganda, a ‘nova ordem’ getuliana, que é uma espécie de peronismo em versão homeopática (Pasqualini, Alberto. Tribuna da Imprensa, 16 de novembro de 1951, nº 583, p. 04).

Novamente o jornal fez alusão à influência peronista na política de Vargas, apresentando as “massas populares” como eleitores acrílicos e alienados, facilmente manipulados por medidas de cunho social, que, na verdade, segundo os textos do jornal, seriam utilizadas pelo varguismo para garantir o prestígio público de um ditador.

Quanto à esses estímulos sociais, mesmo adotando uma postura claramente tendenciosa ao desenvolvimentismo-nacionalismo, Vargas manteve relações próximas com os Estados Unidos, buscando principalmente empréstimos e auxílio técnico para o desenvolvimento econômico de base. Nesse processo, surgiu a Comissão Mista Brasil – Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico (CMBEU), que, como o seu próprio nome sugere, visava criar estratégias na política de investimentos (especialmente nos setores de transporte e energia) para que o Brasil se tornasse economicamente desenvolvido.

Um de seus primeiros resultados foi a criação, em 1952, de um Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, ou BNDE, que se destinou a ‘anular ou reduzir as deficiências infra-estruturais que impedem o regular desenvolvimento da economia brasileira (Skidmore 1982, p.125).

Porém, paradoxalmente à essas relações com os EUA, ao retornar à presidência, Vargas adotou uma abordagem de clara oposição ao imperialismo, e o fez por intermédio da própria política nacionalista, o que se efetivaria, principalmente, pela via da construção e fortalecimento de empresas públicas, projeto do qual nasceria a estatal petrolífera de capital misto, a Petrobrás, surgida em outubro de 1953 (Skidmore, 1982).

Nesse pós Segunda Guerra, o perigo que antes era nazifascista, paulatinamente se converteu na ameaça comunista, de modo que o peronismo e o varguismo, ao proporem reformas sociais, estariam, no viés da oposição, objetivando a demolição democrática, a formação de ditaduras e as “[...] infiltrações ideológicas e práticas sucessivas no pântano totalitário” (Tribuna da Imprensa, 16 de novembro de 1951, nº 583, p. 04).

Sobre isto, ou seja, a ameaça nazista que fora sendo substituída pelo perigo comunista na imprensa brasileira, a professora Heloisa Jochims Reichel (2004) analisa que essa suposta iminência do comunismo passaria a ser o cerne motivador dos problemas e conflitos latino-americanos, e que, justamente por isso, esse espectro foi visto como um inimigo a ser prontamente combatido.

Se o peronismo era comunista, era preciso barrar a entrada dessas ideias subversivas no Brasil, já muito ameaçado pelo varguismo. Por este motivo que o TI abominou a entrada da autobiografia de Eva Perón, *A Razão da Minha Vida* (1951)⁴², no país, o que o jornal

⁴² A versão considerada trata-se de uma edição traduzida para o português por Gabriela Maltempo Perez e

chamou de “farsa editorial promovida pelos agentes do peronismo”. Era preciso proteger a nação da doutrinação, que naquele momento tinha em Evita morta uma ferramenta de manipulação de massas (Tribuna da Imprensa, 23-24 de agosto de 1952, nº 814, p. 12).

Com o intercâmbio ideológico entre Brasil e Argentina, parecia incontestável para Carlos Lacerda que “Teremos então a ditadura constitucionalizada, o ‘getulismo’ implantado no Brasil tal qual o ‘peronismo’ na Argentina. ‘Está na cara’, sem disfarces e segredos” (Lacerda, Carlos. Tribuna da Imprensa, 21 de outubro de 1953, nº 1164, p. 04).

O TI, a partir de seu diretor Lacerda, especialmente nos anos 1950 e 1960, fazia uma ode à *sua* concepção de democracia, que deveria ser protegida à todo custo contra os ‘inimigos’ da nação. A ditadura varguista era tida como uma imitação do modelo peronista, e, então, destruir o peronismo – e seus líderes – significava atacar o getulismo, considerado a encarnação brasileira do mal argentino.

O modo como as informações chegavam ao Brasil dialoga diretamente com o processo de manipulação das notícias por parte de agências estadunidenses que reproduziam os ideais políticos, econômicos e culturais, e, além disso, forjavam os inimigos desse país. Esse movimento expandia horizontes ao colocar os brasileiros à par dos acontecimentos externos, fazendo-os se sentirem pertencentes à uma rede global e conectada (Reichel, 2004).

O professor Edvaldo Corrêa Sotana (2018), ao analisar o impacto de notícias emitidas por agências internacionais e propagadas por intermédio de alguns jornais brasileiros, compreende que os acontecimentos da Guerra Fria (1947-1989) influenciaram nas formas do jornalismo ser produzido e difundido, tendo como um dos seus efeitos medulares, a disseminação de ideologias, conceitos e estereótipos.

A “neutralidade” argentina em meio aos polos, soou, para os Estados Unidos, como um apoio tácito do peronismo aos comunistas (Reichel, 2004). Então, era profícuo para aquele país que se erguia como potência mundial vilipendiar o projeto peronista, sendo indispensável para esse intento a posse de veículos de imprensa aliados em outras nações, os quais trabalhassem para conter a difusão dos princípios pautados na ajuda aos/às trabalhadores/as e na solidariedade social.

A invenção do telégrafo, ainda na primeira metade do século XIX, fora essencial para que os jornais decidissem criar páginas internacionais nas quais os conteúdos telegráficos pudessem ser difundidos (Sodré, 1966 *Apud* Sotana, 2018). Vem daí a inserção de agências

como a *Reuter-Havas*, Americana e a *United Press Internacional* (UPI) em meio ao jornalismo brasileiro, especialmente após a ebulição do início da Primeira Guerra Mundial.

A partir dos anos 1920, Nova Iorque passou a mediar as notícias que chegavam até a América Latina, e

Antes de chegar ao Brasil, as informações passavam pelo escritório da UPI em Buenos Aires ou, então, eram remetidas por telégrafo, em inglês, via *Wertern*, *Pal American* ou *Italcabo*. Nesse mesmo período, a *Associated Press International* (API) instalou seu escritório no Rio de Janeiro e iniciou seus serviços, fornecendo material noticioso ao *Correio da Manhã* (Barbosa, 2007 *Apud* Sotana, 2018, p. 258).

No caso brasileiro, isso significou, também, a infiltração do *American Way of Life*, ou seja, de ideais culturais estadunidenses, os quais tiveram maior envergadura durante a existência do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – e a conseqüente intervenção do Estado na propaganda –, no Estado Novo (1937-1945).

Assim, num contexto de Guerra Fria, empresas como a UPI e a *Associated Press International* (API) controlavam as informações num mundo polarizado, cujo conteúdo claramente prezava pelo enaltecimento do país do qual provinham, qual seja ele, os Estados Unidos. Diferente dos materiais originados da União Soviética, que continham os dados de onde derivavam, as notícias das agências estadunidenses, convertidas em propaganda de guerra, eram tomadas como fatos imparciais.

Nessa conjuntura, então, a propaganda trabalhava à serviço do poder, e se ela não era declaradamente partidária da política Estados Unidos, estava manifestando ser dela adversária. O *Tribuna da Imprensa* escolheu apoiar o lado que fazia oposição ao comunismo, e, assim, operava buscando dinamitar todo e qualquer projeto que se identificava – ou parecesse se identificar – com a União Soviética.

Em meio à essa dicotomia, Vargas se empenhava na criação de uma relação de parceria entre Brasil e Argentina, e nesse intuito, nomeou João Batista Luzardo (1892-1982) para a função de embaixador brasileiro em Buenos Aires, pensando na relação de proximidade que esse político mantinha com Juan Perón.

Entretanto, os acordos bilaterais entre Brasil e Argentina que os Estados Unidos entendiam como ameaça latino-americana constituíam-se como motivos de desentendimentos entre Vargas e Perón. Percebe-se esses contratemplos quando, no ano de 1952, as tratativas comerciais estavam acontecendo e as negociações sobre o convênio do trigo, firmado por Brasil e Argentina, tornaram-se motivo de discórdia entre esses países. O embaixador brasileiro, Batista Luzardo, nesse momento foi acusado por João Neves da Fontoura de beneficiar a Argentina na assinatura desse acordo comercial (Cristofari; Agostini, 2005, p. 53).

Pensando no intuito de Perón em criar um acordo econômico latino-americano,

juntando Argentina, Brasil e Chile, no chamado Pacto ABC, Vargas e Perón acabavam possuindo o desejo em comum de alcançar o crescimento econômico por meio da industrialização. Para tanto, era preciso reunir forças de ambos os países para que pudessem defender suas soberanias frente ao capital estrangeiro, superando os ideais unilaterais de superioridade político- econômica de cada um. Já para o TI, essa não passava de uma estratégia peronista para tirar vantagens do Brasil

Juan Domingo Perón pretende ressuscitar o A.B.C. (união Argentina – Brasil – Chile) com o único propósito de proteger-se contra a desastrosa situação econômica que a Argentina atravessa neste momento. Apoiado nessa união, pretende obter concessões dos Estados Unidos (Araya, Agustín Rodríguez. Tribuna da Imprensa, 24 de janeiro de 1952, nº 640, p. 02).

Em meio aos objetivos de acordos entre Argentina e Brasil, existia a interferência dos Estados Unidos, intermediada e impulsionada por João Neves da Fontoura (1887-1963), Ministro das Relações Exteriores do Brasil, e quem, à revelia da opinião de Luzardo, entendia a importância das ofertas financeiras dos EUA para o desenvolvimento nacional.

Vargas se manteve sem tomar uma decisão clara, tecendo relações tanto com a Argentina, quanto com os Estados Unidos, e “Nesse terreno político de controvérsias internas e externas, encontrava-se Getúlio Vargas no Brasil e Perón, na Argentina, envolvidos em escândalos internos, somados às crises financeiras e políticas externas.” (Cristofari; Agostini, 2005, p. 54).

Num contexto de sublevações sociais, especialmente de padrões que começavam a ser impelidos a atender as reivindicações trabalhistas de seus funcionários, João Belchior Marques Goulart (1919-1976), o ‘Jango’, envolvido na atividade sindical e vinculado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), foi escolhido por Vargas para ocupar o posto de Ministro do Trabalho, num cenário de altas demandas de uma economia que vivia o crescimento inflacionário e de impostos, e, conseqüentemente, a carestia, uma das causadoras da insatisfação popular e das insistentes greves trabalhistas (Cristofari; Agostini, 2005).

Em meio a esta crise social, assim como Eva fazia no peronismo, Goulart desempenhou o papel de ‘ponte’ entre o povo e o Governo, ou seja, de conciliador por intermédio da articulação e do contato direto com os/as trabalhadores/as, sem que fosse necessário a repressão do Estado aos manifestantes (Silva, 2014). Essa nomeação provocou ainda mais críticas da oposição, especialmente com Lacerda denunciando a tendência do governo em construir uma “República Sindicalista” inspirada no modelo peronista, acusação esta que fora decisiva para o suicídio do presidente em 24 de agosto de 1954.

Dessa forma, se atacar a figura de Eva, significava atingir o peronismo, afrontar

Goulart seria um meio de desestabilizar Vargas.

Uma vez por semana, centenas de pessoas, no Hotel Regente, procuravam Goulart, das 16 horas até meia noite ou uma hora da manhã. A sua capacidade de conversar com sindicalistas e populares era interminável. A vida dele começava as dez e acabava às duas da manhã e durante todo o dia, só fazia uma coisa: “atender gente” (Ferreira, 2005, p. 115 *Apud* Silva, 2014, p. 13).

Difícil não relacionar a proximidade de Goulart e os/as trabalhadores/as com o vínculo intrínseco estabelecido entre Eva e os *descamisados*. Nas chamadas tardes de ajuda social, Evita atendia a população mais carente buscando solucionar as mais diferentes demandas, seja de natureza material, quanto psicológica e espiritual. Sua rotina de trabalho, assim como a de Goulart, podia se estender para além do planejado, de modo que a primeira-dama, em alguns dias, só chegasse em casa no tardar da noite (Duarte de Perón, 2016 *Apud* Marques, 2020).

Dado esse prestígio de João Goulart junto aos/as trabalhadores/as, a indicação dele para o cargo de Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, só acalorou ainda mais as teorias da ameaça do comunismo peronista, uma vez que a proximidade de Jango com os sindicatos teria a força de estender mais o poder dos trabalhistas dentro do Congresso Nacional, o que levaria, conseqüentemente, à um golpe sindical.

Grosso modo, seria essa a estratégia dos líderes do PTB para criar uma suposta “república sindicalista”. Tal expressão foi muito utilizada pela oposição para imputar aos trabalhistas um projeto político autoritário – a criação de regime discricionário baseado nos sindicatos semelhante àquele que, alegavam, já existia na Argentina (Santos, 2017, p. 142).

Esse temor de que ventos auspiciosos podiam unir Argentina e Brasil, inclusive num conchavo com o Chile, foi um dos pilares para que, juntamente das acusações à Vargas acerca de improbidade administrativa, crimes de responsabilidade e má gestão dos orçamentos públicos, surgisse a possibilidade de abertura de um processo de *impeachment* contra o presidente, iniciado em maio de 1954. E, apesar do pedido ser recusado, o governo já estava debilitado demais, assim como o próprio Getúlio (Santos, 2017).

O getulismo, que parecia enfraquecido com os constantes ataques feitos ao governo, fora ressignificado com a comoção popular gerada pelo suicídio de Vargas. Politicamente, essa verve serviu de aviso aos adversários do presidente morto acerca de como sua política ainda era pulsante e sabia comover e mobilizar.

E o credo getulista, que já existia na segunda metade da década de 1940, ressoou mais forte, assim como havia sido com a oração⁴³ para Evita, dois anos antes.

⁴³ Vide p.103

Creio em Getúlio Vargas todo poderoso, criador das leis trabalhistas, creio no Rio Grande do Sul e no seu filho, nosso Patrono, o qual foi concebido pela Revolução de 30.

Nasceu de uma Santa mãe, investiu sobre o poder de Washington Luiz, foi condecorado com o emblema da República, desceu ao Rio no terceiro dia, homenageou os mortos, subiu ao Catete e está hoje assentado em São Borja, donde há de vir julgar o general Dutra e seus ministros.

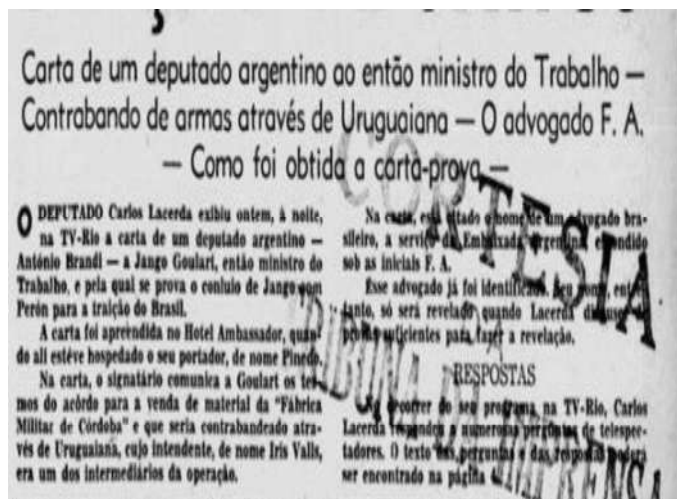
Creio em seu retorno ao Palácio do Catete, na comunhão dos pensamentos, na sucessão do presidente Dutra por toda sua vida. Amém. Viva Getúlio Vargas (CPDOC-FGV, Exposição Virtual, 1953, https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/sites/expo-virtual-cpdoc.fgv.br/files/documentos/gv_ce_1950.08.09.00.53_2611162026272829303132_354353_e_57.pdf).

Segundo o historiador Rodolpho Gauthier dos Santos (2017), em meio à forte – e intensificada - polarização que atingiu o país, Lacerda fez o que sabia fazer de melhor: contornar as adversidades e manejar os acontecimentos ao seu favor. Com isso, depois do falecimento de Vargas, apesar da reviravolta na opinião pública, o jornalista foi eleito deputado federal pelo Distrito Federal como o candidato com o número mais expressivo de votos.

Com a morte de Vargas, o seu vice, Café Filho (1899-1970), ascendeu à presidência e teceu alianças com as forças antigetulistas, e, apesar dessas negociações, Juscelino Kubitschek (1902-1976), o JK, do Partido Social Democrático (PSD) e então governador de Minas Gerais, foi indicado para o cargo, sendo que a ‘cereja do bolo’, para a aversão dos inimigos históricos de Vargas, seria a nomeação de Goulart para a candidatura à vice-presidência na chapa.

Santos (2017) analisou que, em setembro de 1955, o TI publicou, como matéria de capa, uma carta que teria sido escrita pelo deputado peronista Antônio Jesus Brandi, quem teria o intuito de enviá-la para o João Goulart, que naquele momento exercia a função de presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Figura 16 - matéria sobre a ‘carta Brandi’ no TI



Fonte: Tribuna da Imprensa, 17-18 de setembro de 1955, nº 1747, p. 01.

Documentada pelo *Tribuna da Imprensa*, trazia a data de 05 de agosto de 1953, numa época em que Jango ainda era Ministro do Trabalho de Vargas. O texto em questão falava sobre luta sindical e a formação de “brigadas de choque operárias”, e, “Por fim, confirmava-se a compra de ‘mercadoria’ na “Fábrica Militar de Córdoba”, que chegaria ao Brasil via Uruguaiana “disfarçada de produtos alimentícios” (Santos, 2017, p. 145).

As coisas pipocavam e estavam interligadas, uma vez que os debates político-ideológicos já não se restringiam às fronteiras de cada país. No mesmo dia em que Carlos Lacerda apresentou a dita carta - sem fontes - ao público, pela TV, em 16 de setembro de 1955, Perón fora derrubado na Argentina por um golpe militar, processo que será melhor analisado no capítulo seguinte.

Mais de dez dias depois da publicação da carta, o TI corroborou que aquele documento comprovava o “Primeiro sintoma da infiltração peronista nos sindicatos brasileiros, segundo denúncia da Confederação Internacional das Organizações Livres” (Tribuna da Imprensa, 29 de setembro de 1955, nº 1751, p. 04).

Nesse contexto, a força dos sindicatos parece ter sido intensificada para os opositores do governo, surgindo como uma arma de dominação dos/as trabalhadores/as para a implantação do comunismo no Brasil. Para entender este movimento é preciso considerar que Lacerda tinha Jango como herdeiro político do ‘comunismo’ de Vargas, e, automaticamente, um aliado do peronismo

Principal herdeiro de Vargas, ele representava o trabalhismo; próximo dos comunistas, encarnava a licenciosidade frente a ações subversivas e reforçava o “perigo vermelho”; vinculado por razões partidárias e familiares a Brizola, figurava ao lado de um suposto responsável, aos olhos lacerdistas, pela subversão da ordem nacional (Chaloub, 2018, p. 398).

Assim, Lacerda adaptava a sua retórica agressiva e incisiva aos alvos da vez, tidos como representações do mal que precisava ser combatido. O comunismo seria uma mazela para o organismo social, e seus defensores e partidários, os agentes patológicos dela.

Se o ideário comunista era uma doença, que tinha inclusive enorme potencial para se alastrar, nada mais natural que a demanda imediata de uma ação médica, que curasse imediatamente esse estado anômalo. A defesa de uma intervenção cirúrgica na dinâmica política e social é, desse modo, parte central da retórica lacerdista. O bom político era aquele capaz de expurgar os malefícios que prejudicavam a saúde da coletividade (Chaloub, 2018, p. 399).

Vargas suicidou-se em agosto de 1954 e Juscelino Kubitschek foi eleito em 1955 pela mesma aliança de Getúlio, derrotando o candidato Juarez Távora, da UDN, o que fez com que esse partido arquitetasse um golpe que tentava impedir a posse de JK, o que não ocorreu graças à intervenção legalista do general Henrique Teixeira Lott (1894-1984) (Souza, 2013).

Para o professor Jorge Chaloub (2018), após a morte de Vargas, Carlos foi eleito deputado federal da Guanabara e passou a propor soluções para o país, as quais fugiam as vias democráticas, como é o caso da concentração do poder nas mãos do Executivo, o que soava uma contradição em Lacerda, conhecido por adotar a narrativa liberal de direcionar críticas ao poder excessivo do Estado.

Nessas circunstâncias, Lacerda fazia de tudo para difamar a chapa JK-Goulart, já que “O conluio do negociismo, do comunismo e desse peronismo paisano que caracteriza a presença de Jango e seus ‘pelegos’, encontra no sr. Jubitschek o instrumento ideal para a sua implantação no Poder”. Então, para o TI, Jango era a representação viva do trabalhismo de Vargas, de tal modo que JK acabaria sendo invisibilizado por ele, “um digno continuador do ‘getulismo’”, sendo que o presidente de então seria apenas “a mais apagada figura deste governo pela frouxidão de sua personalidade [...]” (Tribuna da Imprensa, 17 de outubro de 1955, nº 1766, p. 26).

Para o TI, não era dificultoso encontrar meios para relacionar pessoal e politicamente as figuras de Vargas e Goulart, especialmente quando considerado que possuíam vínculos familiares e se consolidaram no espaço público por meio da bandeira do trabalhismo.

O trabalhismo tem sua sustentação no movimento sindical, e, no caso brasileiro, teve suas grandes representações nas figuras de Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola (1922-2004). Para a professora Dilossane Vargas da Silva (2010), o vínculo entre Vargas e Goulart precede os acontecimentos políticos brasileiros no pós 1940, mas se origina dos contatos e proximidades que as duas famílias, ambas da elite política e rural rio-grandense, estabeleceram entre elas

Assim, a fidelidade de João Goulart a Getúlio Vargas não esteve reduzida ao contexto de deposição de Vargas da presidência da República em 1945, nem somente atrelada à política; era uma ligação mais forte, baseada na convivência familiar quase que diária entre duas famílias tradicionais do Rio Grande do Sul, os Vargas e os Goulart (Silva, 2010, p. 03).

Em outra passagem, Silva (2010) cita o historiador Marco Antônio Villa (2004) para ratificar as relações existentes entre as duas famílias

Getúlio Vargas batizou o irmão de João Goulart, Rivadávia, que – morreu de meningite antes de completar 5 anos de idade. Vicente Goulart era velho amigo da família Vargas. Na escola, estudou na mesma classe com Getúlio; no campo político, participaram juntos da revolução de 1923 – quando se opuseram aos federalistas, liderados por Assis Brasil, e Vicente teve de buscar breve exílio na Argentina – e da Revolução de 1930. Tiveram uma empresa em sociedade – a firma Vargas, Gomes e Cia. E participavam ativamente da política municipal. (Villa, 2004, p. 11 *Apud* Silva, 2010, p. 6).

E é sob os direcionamentos de Vargas que Goulart, num pacto mestre-discípulo, se inseriu nas cercanias da política formal em 1945, a partir de laços pessoais e históricos que não nasceram espontaneamente naquele momento, mas foram ali solidificados e corroborados por uma relação de compadrio.

O modo de produção da pecuária extensiva, na situação dos pampas, gerava uma convivência social mais aberta, mais democrática. E essa roda de chimarrão, ajudou o trato de Goulart com os líderes sindicais, que o acatavam como a um dos seus. (Bandeira, 1973, p. 26 *Apud* Silva, 2010, p. 06).

Assim, entender a trajetória de vida de Goulart, antes de sua entrada em meio às entranhas do poder político, ajuda a configurar a forma com que ele percebia as suas relações com os/as trabalhadores/as. Os seguimentos dados por Jango na liderança das classes populares a partir dos sindicatos, seja na direção do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) ou no Ministério do Trabalho (junho, 1953-54), partindo do programa político de Vargas, pode explicar a indissociabilidade dele com o seu padrinho político.

De todo modo, apesar do TI denunciar que Jango seria um perigo como vice-presidente da República, dada a sua aliança com o “peronismo ditatorial” (Tribuna da Imprensa, 3 de novembro de 1955, nº 1780, p.03), a chapa JK-Jango venceu as eleições de 03 de outubro de 1955. Segundo o historiador Ricardo Maranhão (1988), JK exerceu uma política nacional- desenvolvimentista, entre 1956 e 1961, que objetivava reinserir o Brasil no cenário econômico global, estabelecendo o desenvolvimento da nação por meio da transição da economia agrária para a economia industrial.

Como vice de Juscelino, Goulart crescia e sedimentava-se como liderança, já que, além de ter o apadrinhamento de Vargas, se tornou um representante dos/as trabalhadores/as. Para a oposição, como era o caso do TI, atacá-lo era necessário para que o trabalhismo não criasse

raízes irreversíveis e imparáveis.

João Goulart era visto entre as classes populares como um líder político e popular, porque o associavam ao seu criador e por ser seguidor da política ideológica de Getúlio Vargas. Como consequência, sofreu perseguições e acusações pela oposição que combatia Getúlio Vargas por parte da imprensa nacional (Silva, 2014, p. 05).

Lacerda, como uma liderança brasileira de direita, escreveu e dirigiu o TI durante as mudanças e turbulências de dois governos reconhecidos como populistas (o de Vargas e o de JK). Sobre isso, é importante ressaltar que o conceito de populismo tem suas principais representações em Lázaro Cárdenas, no México; em Getúlio Vargas, no Brasil, e em Juan Perón, na Argentina. Para a historiadora Maria Helena Rolim Capelato (1997), esse fenômeno acaba não sendo analisado em suas manifestações específicas, de modo que as historicidades são renegadas em nome de uma explicação que interpreta tal conceito de maneira abstrata, “[...] como um modelo econômico e político que tipifica uma etapa do capitalismo” (Capelato, 1997, p. 198).

Partindo do entendimento da existência de muitos populismos, Capelato analisa que, apesar de elementos totalitários serem perceptíveis na política de Vargas, ela não pode ser enquadrada como totalitária, uma vez que “Durante o Estado Novo, as oposições democráticas e os adversários do varguismo na luta pelo poder continuaram atuando.” (Capelato, 1997, p.206), como foi o caso do jornalista Carlos Lacerda. Ou seja, houve repressão à oposição, mas não ocorreu a monopolização absoluta do poder.

O caso argentino (peronista) emergiu como a oposição à um governo de caráter nazifascista, “[...] o que tornava muito difícil a realização de um regime de natureza similar.” (Capelato, 1997, p. 206). Assim, para essa historiadora, tal projeto político não burlou as fronteiras do Estado de Direito, apesar de ter se inspirado em modelos totalitários para engendrar o seu aparato propagandístico, que, entre outras coisas, se valia de uma mensagem didática e uma escrita apelativa, visando sensibilizar as massas e cooptar adeptos.

Santos (2015) explica que, na verdade, com a vitória de Perón nas eleições de 1946, esse presidente encontrou muitas empresas jornalísticas passando por problemas financeiros, resultantes, entre outras coisas, da grande elevação dos preços do papel-jornal importado e do aumento no valor dos salários dos trabalhadores, consequência da criação de políticas trabalhistas.

Então, a atitude do novo presidente foi a de comprar essas empresas que estavam na bancarrota, convertendo-as, por conseguinte, em veículos peronistas, mesmo que muitas delas se mantivessem sendo, de maneira formal, de seus antigos proprietários. Ou seja “[...]”

Perón não procurou cultivar aliados entre os donos do jornal, mas produzir dependentes incapazes de traição.” (Santos, 2015, p. 84).

Dessa forma, a imprensa peronista emergiu como um dispositivo formado por um grande número de revistas, rádios e jornais de alta circulação, organizados, majoritariamente, pela *Subsecretaria de Información Y Prensa*, “[...] órgão que se tornou muito poderoso e que, não por acaso, também era responsável pela propaganda do governo.” (Santos, 2015, p. 84)

Esse aparato propagandístico peronista guarnecia os adversários de argumentos para justificar o caráter autoritário do governo argentino. O peronismo era reconhecido como uma manifestação nazista *criolla*, um governo totalitário, expansionista e arbitrário, que teria raízes no golpe militar argentino de 1943, caracterizado por ser antidemocrático e antiliberal, organizado pelo *Grupo de Oficiales Unidos* (GOU), organização da qual Juan Perón fazia parte.

A propaganda do peronismo exerceu papel central na elaboração de Eva como uma figura que teve seus feitos e características exaltadas, de maneira que ocupou a tarefa de unir presente, passado e futuro. Portanto, o mito Evita seria fruto da convergência entre a propaganda e a censura uma vez que o controle dos meios de comunicação argentinos, por parte do peronismo, permitia que esse regime sensibilizasse as massas, impactando os imaginários sociais e agindo no engendramento de símbolos e componentes mitificados que visavam a legitimação daquele projeto político (Gonçalves; Gonçalves, 2010).

Considerando o aparelhamento dessa propaganda política de Perón, para Lacerda e os redatores de seu jornal, os/as trabalhadores/as argentinos/as não eram sujeitos da História, mas indivíduos passivos e sem personalidade nem interesses próprios, que, pela falta de consciência, seriam facilmente ludibriados pelo ideário justicialista, o que serviria para encobrir os conflitos de classe e as complexidades políticas e sociais da Argentina.

Fala-se, então, no reacionarismo lacerdista porque esse jornalista foi um apoiador declarado do golpe militar argentino de 1955, assim como seria da ruptura democrática brasileira de 1964. Sua justificativa para tanto era a de que esses regimes, os quais deveriam ser transitórios, serviriam para limpar a cena política contra os rebeldes, insurgentes e transgressores da ordem, postura que Delgado (2006) denominou de “Golpismo Democrático”.

Em 1956, quando o general linha-dura Pedro Eugênio Aramburu (1903-1970) decidiu alterar a Carta Republicana de 1855, o TI justificou a ação antidemocrática do então presidente, explicando que o objetivo dessa ação era

[...] estender a Revolução Libertadora à ordem jurídica fundamental do país, banindo desta maneira, o peronismo da vida de uma nação que, após anos de tirania, encontra novamente sua liberdade. A Argentina, a partir de hoje, faz novamente parte da família dos povos livres do Continente, já que foi rasgada a Constituição tirânica (Tribuna da Imprensa, 4 de maio de 1956, nº 1927, p. 05).

Figura paradoxal, os ideais e discursos de Lacerda só adquirem sentido à luz dos acontecimentos e embates nos quais participava e, a partir do que, conseqüentemente, forjava a sua aparência pública. Como um personagem quase sempre dissonante, para compreendê-lo é preciso, indiscutivelmente, considerar os seus adversários políticos, com os quais teceu relações que deram o tom para sua própria imagem. Se portando como um homem das ideais, se autodeclarava como o oposto do caudilhismo, reconhecido como a massa social intelectualmente inferior, arrastada pelo senso comum.

O peronismo é um grave perigo pois instaura de maneira inteligente e vigorosa, o totalitarismo na América do Sul. Perón disciplinou e organizou o caudilhismo, tornando-o coerente com a linha fascista. Nisto foi precedido por outro grande vulto do totalitarismo sul-americano: Getúlio Vargas (Tribuna da Imprensa, 27 de dezembro de 1949, nº 01, p. 15).

O posicionamento político de Lacerda passava, antes de tudo, por uma postura moral vinculada ao catolicismo e a organicidade de uma sociedade liderada pelos sujeitos mais aptos, eleitos pelas classes médias, que, segundo a percepção demofóbica desse político, eram dotadas de certa superioridade cognitiva para nortear tal processo democrático.

De acordo com Chaloub (2018), para Lacerda, o seu discurso liberal (como acepção de liberdade) que denunciava os gastos exagerados do Estado brasileiro, o colocavam como um *outsider*, figura que, não sem dores, se converteu à intelectualidade, se tornando um diferencial da política, especialmente quando crítico ferrenho de Getúlio Vargas, quem encarnaria o próprio poder estatal e o autoritarismo da força totalitária.

Lacerda não recaía no erro crasso de alguns udenistas, que subestimavam a força eleitoral de Getúlio e os vínculos emocionais do povo com o outrora ditador. Vargas era temível, segundo a perspectiva lacerdista, pela precariedade intelectual do povo brasileiro, que não tinha o discernimento necessário para não vincular ao outrora ditador as benesses sociais do Estado Novo (Chaloub, 2018, p. 394).

Justamente pelos ditos vícios do autoritarismo que haviam corrompido mentes, impossibilitadas de buscarem mudanças por meio do voto, é que Lacerda recorria à saídas de exceção: “Épocas de exceção demandavam, na explícita retórica de Lacerda, soluções de exceção” (Chaloub, 2018, p. 396).

O TI corroborava recorrentemente que o peronismo tinha caráter totalitário, já que controlava a imprensa argentina, buscando converter e alienar a população, se configurando

num regime inimigo da democracia (Santos, 2015). “Fiel discípulo de Hitler e grande admirador de Stalin, Perón fatalmente devia chegar a êste ponto, ao ver que seu programa demagógico estava esgotado.” (S.B. Tribuna da Imprensa, 15 de julho de 1955, nº 1661, p. 04).

Assim, o golpe militar argentino, ocorrido em 16 de setembro de 1955, era sustentado por esse veículo midiático porque representava a recuperação do poder - que se encontrava nas mãos de um ditador - em nome de Deus e da Pátria (Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1955, nº 1741, p. 05).

Apesar dos esforços da oposição para aviltar e desacreditar o peronismo, essa manifestação argentina encontrou sua especificidade e sustentáculo na figura da primeira-dama Eva Perón, que, entre outras coisas, dificultava que a população peronista aderisse à ideia da associação entre o totalitarismo e esse projeto político.

Considerando a análise feita sobre as notícias tornadas – ou não – públicas, é possível perceber que o peronismo foi resistente em oferecer informações para a população argentina acerca do real estado de saúde de Eva. Para além das estratégias políticas, essa atitude pode ter sido um indicativo do que a psiquiatra Kubler Ross (1996) definiu como a ansiedade e o temor da morte, associados à impotência e incapacidade de dominá-la.

“A cada instante circula em Buenos Aires uma versão diferente sobre o estado de saúde de Eva Perón.” (Tribuna da Imprensa, 17 de julho de 1952, nº 783, p. 04). Essa confusão de informações revelava a objeção do governo peronista em esclarecer as notícias sobre as condições de saúde da primeira-dama, o que era visto pelo TI como uma estratégia de Perón para que ele pudesse dar seguimento às suas investidas políticas.

Em janeiro de 1950, Eva já apresentava sinais de adoecimento, e Fraser e Navarro (1982) apontam que Oscar Ivanissevich (1895-1976), médico que a examinou e a operou, era o então ministro da Educação do Governo Perón. Tal procedimento fora noticiado como apendicite, e, dada a vinculação do profissional responsável com o partido peronista, compreende-se a maior facilidade em evitar a divulgação de informações detalhadas para a imprensa sobre o real estado de saúde da primeira-dama. Assim, a hipótese é a de que, desde o princípio, Eva já desconfiava da gravidade de sua doença, mas resolvera se manter trabalhando a partir de uma decisão consciente (Fraser; Navarro, 1982, p. 223).

“O mais grave de tudo, porém, é que age o general Perón como se Eva gozasse de plena e inteira saúde e vale-se desta atitude para consumir os seus planos.” Todavia interpretando o cenário desse modo, o jornal toma Eva Perón como “[...] um humilde instrumento nas mãos de seu espôso” (Tribuna da Imprensa, 17 de julho de 1952, nº 783, p. 04). Essa afirmação não

se atenta, obviamente, para o modo com que essa resistência de Perón em aceitar a doença de Eva, para além das estratégias políticas, poderia ser indicativo do processo de embrutecimento da dor e de negação em admitir que sua esposa poderia estar às vésperas da morte.

O fato, porém, é que mesmo considerando os interesses políticos evidentes de Perón em se utilizar da atuação de Evita junto aos/as trabalhadores/as, a imagem da primeira-dama suplantou o domínio de Juan e ganhou independência, sendo percebida de forma individual, a partir de sua capacidade retórica aguçada e seu poder de diálogo e negociação com os/as *descamisados*. Só foi em 28 de setembro de 1951, durante um discurso, que Perón reconheceu pela primeira vez, publicamente, a doença de Evita, definida por ele como uma “anemia de grande intensidade” (Fraser, Navarro, 1982, p. 246).

Evita teve o seu corpo mumificado por Pedro Ara Sarriá (1898-1973), um médico espanhol reconhecido pelas artes do embalsamento, e contratado por Perón para realizar tal tarefa. O cadáver de Eva foi exposto na CGT, sede sindical argentina, e com o golpe de 16 de setembro de 1955, os militares, liderados pelo general Pedro Eugenio Aramburu, o roubaram (Ortiz, 1997).

De acordo com Tomás Eloy Martínez, o embalsamento do corpo de Eva foi uma forma encontrada pelo presidente para cumprir o juramento que havia feito à Evita: eternizá-la na memória do povo argentino.

Embora ninguém pudesse ver o cadáver, as pessoas o imaginavam jazendo ali, no sigilo de uma capela, e aos domingos se congregavam diante do prédio para rezar o rosário e depositar flores. Aos poucos Evita foi se transformando num relato que, antes de se extinguir, já acendia outro. Deixou de ser o que disse e o que fez, para ser o que dizem que disse e o que dizem que fez.” (Martínez, 1996, p. 20).

Figura 17 - O cadáver de Eva Perón



Fonte: González, 2013, p. 110.

Eva era uma morta, mas não como as demais. O seu destino ainda não havia se cumprido: “Morta [...] essa mulher é ainda mais perigosa do que quando estava viva.” (Martínez, 1996, p. 22). A partir disso, o trabalho com a memória foi essencial já que o apagamento e a evocação seriam lados de uma mesma moeda, que poderia definir se o culto e a obstinação com o seu corpo seriam censurados para conter uma possível insurreição popular, ou instrumentalizados para fins políticos que se valeriam de Eva como estandarte.

3.3 As simbologias de um corpo

Eva percorreu sua trajetória política com *glamour* e elegância, criou imagens e ideias positivas para si e para o projeto do peronismo, se firmando como uma liderança pública e um padrão feminino de estilo e sucesso. Sobre isso, com base nos estudos da historiadora Ivana Guilherme Simili (2014), que analisou a figura da primeira-dama brasileira Maria Thereza Fontella Goulart (1936-), percebe-se que a partir de historicidades singulares, é possível dizer que, assim como a esposa de João Goulart, Evita fez uso de suas gestualidades e atributos físicos para produzir significados acerca de sua própria figura, bem como para alcançar maior notoriedade e oportunidades na esfera política e de poder.

Dado o seu percurso marcante, é importante frisar o papel do embalsamento para a eternização do corpo e, conseqüentemente, a perenização da vida que tal corpo resguardou. Ou seja, o embalsamento teve como sentido salvaguardar a memória dessa primeira-dama.

Segundo os pesquisadores Gessica Bueno, Christian Santos e Eduardo Silva (2021), esse procedimento, por meio de processos químicos, visa tornar a matéria incorruptível pelo

tempo e pelo movimento de cadaverização. Assim, constata-se que a preservação cadavérica de Evita teria sido uma tentativa de manter suas aparências físicas e todas suas simbologias, já que a morte da líder peronista poderia ser um abalo para os seus ‘devotos’ e para o próprio peronismo como projeto político.

Numa cultura de pouco envolvimento dos vivos com os moribundos e os mortos, o ‘tato’ com o corpo morto de Eva, tangível pelo embalsamento, era motivo de consternação, especialmente para os antiperonistas, já que rompia a lógica de esconder adoença, a morte e seus desdobramentos. Com Eva mumificada, eles apareciam no palco dos assuntos e acontecimentos argentinos.

Hoje as coisas são diferentes. Nunca na história da humanidade foram os moribundos afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida social: nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora e com tal perfeição técnica do leito de morte à sepultura (Elias, 2001, p. 18).

Durante a data de finados de 1952, o TI, que criticava as atitudes ostensivas – e desrespeitosas – que os peronistas haviam tomado no velório de Eva, afirmou que “A Igreja [...] sempre nos ensinou a cuidar dos mortos com um respeito ainda maior do que o devido aos vivos [...]. E por isso mesmo devemos redobrar de devoção ao cuidar dos seus despojos.” (Athayde, Tristão. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1-2 de novembro de 1952, nº 874, p. 09). Então, para este jornal, a grande mobilização popular causada pelo falecimento de Eva demonstrava, antes mesmo do apreço das massas pela primeira-dama, um desrespeito aos ideais católicos acerca do cuidado com o cadáver.

Sobre a noção de preocupação com a morta, sabe-se que, depois de falecida, Eva teve seu corpo preparado: tinha unhas recém pintadas pela manicure Sara Gatti e apresentava o coque icônico feito por Julio Alcaraz: “Ambos, Sara e Pedro, trabalharam ‘como num sonho’: como a manicure e o cabeleireiro da Bela Adormecida, providenciando-lhe uma beleza que durasse cem anos” (Ortiz, 1997, p. 370).

Dada a sua popularidade, essa preocupação com a estética do cadáver, mais do que corroborar a narrativa de beleza e elegância, criada por Eva para si mesma, buscava distanciar, por mais contraditório e improvável que isso possa parecer, a concepção de morte do legado e do corpo morto daquela primeira-dama. A Eva dos tempos áureos precisava ser reafirmada, já que ela estava intrinsecamente vinculada à manutenção do peronismo.

Mais do que dar o diapasão para esse projeto político, a constante difusão da sua imagem pelo peronismo contribuía na formação de um invólucro sacrossanto em torno de

sua figura. Segundo Avelino (2014, p. 57), sendo Chefe Espiritual da Nação, Eva “[...] catalizava e potencializava o misticismo e a religiosidade, desterritorializando suas bases tradicionais.”

Pensando no percurso trilhado por Eva, o chamado ‘Juízo Particular’, segundo a análise dos estudos do teólogo Michel Schmaus por parte da pesquisadora San’t Anna (2006), se refere ao julgamento da alma, que, ao apartar-se do corpo, deveria prestar contas das suas ações na Terra. Assim, entre o fim da Idade Média e o início do período moderno, era comum que os fiéis dessa teoria buscassem trilhar uma vida retida e virtuosa, norteadas pelos preceitos cristãos propostos pelas Sagradas Escrituras.

[...] os fiéis suplicavam a intercessão dos santos, distribuíam seus bens, praticavam caridade (deixando doações para ordens religiosas, órfãos, pobres e donzelas), solicitava expressivo número de missas em sufrágio pela sua alma e pelas do Purgatório, escolhiam a mortalha e o lugar em que queriam ser sepultados [...]. (San’t Anna, 2006, p. 59).

Todavia, o desaparecimento do cadáver dessa primeira-dama rompeu com esta lógica cristã de vida e morte, desrespeitando a noção de zelo que deve ser dado ao corpo morto, especialmente por pensar no descanso que se reserva a ele. Eva, mesmo sem saber de sua morte prematura, parecia ter se preparado para ela ao longo de sua trajetória, mas a forma com que os militares lidaram com seu corpo danificou o seu processo de ‘bem morrer’.

A historiadora Juliana Schmitt (2023), ao tratar da história da morte analisando o contexto brasileiro de 2021 (no auge da pandemia causada pelo coronavírus), constatou que o tabu social que se construiu em torno do morrer tira do sujeito o seu direito de se preparar para tal momento. Essa historiadora contesta a teoria da “morte domada”, de Philippe Ariès, cuja explicação esclarece que durante a Idade Média a morte era aceita com naturalidade e tranquilidade. De acordo com ela, não existia resignação, mas costume, já que, diferente do que acontece na contemporaneidade, a presença da morte era corriqueira e uma constante na vida das pessoas daquele período.

Em termos históricos, para Ariès (2003), só foi no século XV que ocorreu uma maior aproximação entre vivos e mortos a partir da construção de cemitérios em lugares públicos, o que significava apenas certo costume e tolerância às sepulturas, locais que simbolizavam e possibilitariam, entre outras coisas, a capacidade do indivíduo ressuscitar.

Porém, para o historiador João José Reis (1991), quem analisa os trabalhos de Michel Vovelle acerca da sociedade francesa, com o Iluminismo diminuíram-se as técnicas religiosas que envolviam o processo funerário, de forma que passou a se levar em conta os preceitos médicos acerca das noções de impureza e insalubridade. Destarte, “Só

havia uma solução: proibir os enterros nas igrejas, transferir os cemitérios paroquiais para fora das cidades e vilas, criar cemitérios extramuros.” (Reis, 1991, p. 75). Essa fase marca o rompimento entre vivos e mortos, e, concomitantemente, altera as maneiras de se compreender e se lidar com a morte.

Com o desenvolvimento das sociedades industriais e o desenvolvimento técnico e científico da medicina, a partir do século XIX, a visão da morte e a interação com o paciente moribundo modificaram-se ainda mais radicalmente. A revolução higienista radicalizou a separação entre vivos e mortos de tal modo que o convívio entre estas duas condições passou a ser visto como uma fonte extremamente importante de perigo, contaminação e doença. (Combinato; Queiroz, 2006, p. 210).

Nos anos 1950, levando em conta o cultural afastamento dos indivíduos em relação à morte, o falecimento de Eva significou uma virada de chave no cotidiano dos argentinos, que passaram a buscar explicações para aquela morte prematura. E o fizeram por duas vezes, já que o sumiço do cadáver de Eva gerou outro processo de luto na população. “Como é sempre o caso quando fortes emoções estão envolvidas, procura-se um culpado. Só quando sabem quem ele é podem esperar vingar-se e descarregar as paixões despertadas pela morte.” (Elias, 2001, p. 25).

“O pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o medo do corpo da mulher, retornam como uma ladainha sob formas de precauções ou de condenações.” (Corbin, Courtine, Vigarello, 2008, p. 20). A partir dessa premissa, é possível compreender a duplicidade interpretativa acerca de Eva: se para os peronistas, o corpo dessa primeira-dama era símbolo do sagrado, para a oposição Evita possuía uma carne vulgar, pecaminosa e, em muitos casos, dispensável e sem importância.

Não obstante, Eva tinha um corpo natural e humano, que sofreu pela doença, mas tinha também um corpo político - que, juntamente do povo, formava e representava a Pátria - que é indissolúvel e incorruptível pelo tempo, sendo, acima de tudo, mítico. Então, a Evita política suplantava a Maria Eva Duarte (mortal), já que o falecimento de seu corpo natural não representava o perecimento de seu corpo político (transcendente).

Mesmo que superficialmente, a dor apetece a complacência, a sensibilidade e a piedade. O sofrimento libera uma misticidade, e, no caso de Jesus, exemplo disso, a sua dor se converteu em alívio para as aflições dos doentes, ou ainda, em “[...] bálsamo para aliviar os sofrimentos dos infelizes.” (Corbin, Courtine, Vigarello, 2008, p. 42), sejam eles de corpo ou de alma. Pela santidade do corpo, é preciso cultuá-lo e congregar adeptos para este culto, o que significa reavivar o imaginário.

Pensando nestes componentes religiosos, em sua autobiografia, *A Razão da Minha*

Vida (1951), Eva esclareceu, como já citado anteriormente, que nas chamadas tardes de ajuda social, ela atendia os/as trabalhadores/as no órgão da Secretaria de Trabalho e Previsão, onde buscava resolver os problemas apresentados por esses homens e mulheres. Em casos de dificuldades espirituais, a primeira-dama os ouvia e rezava junto deles (as), como se sua mediação pudesse fazer a oração chegar mais rápido à Deus. Essa excepcionalidade de alguns – ou algumas - representantes de Estado, faz com que eles/as, devido à sua magnitude, se aproximem, segundo os historiadores Alain Jean Jacques Corbin, Courtine e Georges Vigarello (2008, p. 505), em muitos casos, dos reis medievais, os quais tinham “[...] uma instância quase divina”, já que possuíam o poder da cura no corpo.

“[...] o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]” (Le Breton, 2007, p. 07), já que é por meio desse veículo que o ser humano sente o mundo, significa-o, interfere nele e com ele se comunica. Considerando a visão ‘moderna’ das sociedades individualistas, o corpo, separado do ser que o habita, é identidade e diferenciação, ao mesmo tempo que é o meio de contato entre o ‘eu’ e ‘eles’, ou seja, o indivíduo que reside nesse corpo e seu meio social. Foi por intermédio de seu corpo que Eva se embelezou, se destacou, defendeu suas pautas e sofreu com a doença. Por fim, foi ele o canal objetificado, convertido em símbolo inerte de veneração e aversão popular.

Então, o corpo é um produto social e cultural, de modo que suas simbologias, representações e imaginários, e suas maneiras de existir e resistir no mundo, só podem ser compreendidas quando essa corporeidade é historicizada. Segundo o professor David Le Breton (2007, p. 44), os gestos compõem, inclusive, a memória de um povo, fazendo com que as ações do corpo sejam fatos sociais e culturais, uma vez que são expressivas de sentidos e significados de uma comunidade.

Pensando nas noções de corpo físico e sexo biológico, para o historiador Thomas Walter Laqueur (2001, p. 89), “No século XVI havia ainda, como houve na Antiguidade, apenas um corpo e esse corpo era macho.” Já na Renascença, o metafórico e o corpóreo se fundiam no discurso, tendo, na maioria dos casos, o homem como referencial hierárquico ligado à uma simbologia cultural de superioridade masculina. Porém, no século XVIII e XIX, as lutas políticas colocaram os corpos no centro do debate, determinando a existência de dois sexos, o que geraria grandes avanços futuros na área da biologia reprodutiva.

A narrativa de dominação histórica e cultural dos corpos masculinos sobre os femininos deixou ecos pelos séculos, reafirmando o discurso de que o útero consiste numa disposição genética que deveria relegar as mulheres ao espaço privado do lar, de modo que

seus corpos serviriam para ditar as esferas sociais que elas deveriam ocupar. Nessa lógica, o útero é relacionado à sexualidade, mas também à sensibilidade, doçura, afetividade, etc., elementos considerados fulcrais na formação da feminilidade e na construção da identidade feminina (Bueno; Santos; Silva, 2021).

Em junho de 1951, Eva pesava 38 kgs, e, mesmo assim, a imprensa peronista se mantinha resistente em oferecer detalhes sobre o estado de saúde da primeira-dama. Já no que concerne aos veículos comunicacionais antiperonistas, num primeiro momento, a interpretação era a de que a doença de Evita resultaria de um colapso nervoso que acometeria mulheres ambiciosas como ela. Não obstante, à medida que a enfermidade de Eva se agravava, o discurso alterou-se, partindo da afirmação que a patologia dela seria uma manifestação visível do adoecimento – e decadência - do próprio peronismo, uma vez que “[...] Evita foi a base do sucesso de Perón sobre as massas, e, com sua morte iminente, o ditador e suas obras se desmoronariam rapidamente” (Fraser; Navarro, 1982, p. 258).⁴⁴

Sobre a relação do útero com essa noção de colapso das mulheres, de acordo com Bueno, Santos e Silva (2021), no século XVIII, o corpo feminino era tido como uma manifestação patológica e um *locus* de sujeira e contaminação, de maneira que o sangue menstrual, impuro, deveria ser empregado para fins reprodutivos, visando poupar as mulheres do adoecimento que seria causado por meio desse fluido e seu ciclo que, quando atrasado, poderia leva-las – dada a sua fragilidade – à um transtornamental e psíquico, tido como “histeria” até o século XIX.

Desse modo, mesmo em seu pleno funcionamento biológico, o corpo feminino era uma maldição da Natureza, já que a mulher, sendo movida pelo útero, era a vítima de seus desmandos, sua loucura, melancolia e de seus desejos sexuais e imorais. Conforme analisam Bueno, Santos e Silva (2021, p. 667): “Desde a Antiguidade a origem da doença é atribuída ao útero, que também lhe empresta seu nome (*hystera*, ‘útero’ em grego).”

Eva pode, nesses termos, ser considerada a vítima de seu útero, já que, diferente da maioria das mulheres de seu tempo, se mostrava intransigente, sendo, para os opositores do peronismo, uma figura vulgar e imoral. Faleceu não da histeria, mas do mal cancerígeno que tomou seu útero. Se esse órgão se relaciona ao lugar da esfera doméstica, de cuidado e reprodução, qual espaço deveria ser reservado para Evita, uma mulher que não se reproduziu biologicamente e foi morta pela parte do corpo que deveria lhe identificar como mulher?

⁴⁴ Tradução minha para: “[...] Evita era la base del éxito de Perón sobre las masas, y [...], con su muerte inminente, el dictador y sus obras se desmoronarían rápidamente”.

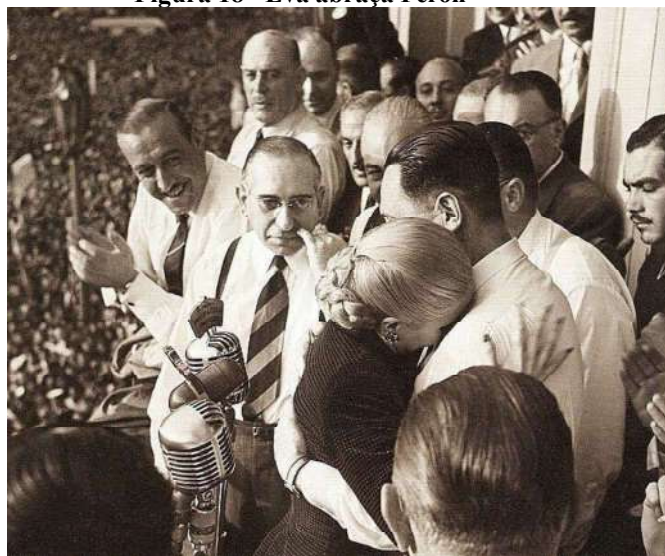
Eva, mãe dos pobres, ou ainda, *Madre de los Descamisados*, faleceu de câncer de útero, órgão considerado o coração feminino para as correntes explicativas que reconhecem a maternidade como função primordial da mulher. Considerada velha para os padrões joviais da época, Evita morreu sem ter filhos/as, ao mesmo tempo em que se tornou mãe de uma Nação.

No dia 17 de outubro de 1951, tido como o Dia da Lealdade Peronista, Evita, à base de morfina, deu seu último discurso público para mais de um milhão e meio de trabalhadores/as que se aglomeravam na Praça de Maio. Sua fala foi emitida numa voz enfraquecida, para uma multidão que a aguardava num silêncio sepulcral. Nela, Eva reiterou o seu amor pelo povo e por Perón, e, num tom apaixonado, ressaltou o seu sacrifício e fidelidade em nome do peronismo.

Tudo o que tenho, o tenho em meu coração, dói em meu coração, dói em minha alma, dói em minha carne e me queima os nervos, e não é outra coisa que meu amor por este Povo e por Perón. Eu lhe agradeço, meu general, por ter me ensinado a conhecer esse amor e valorizá-lo. Se as pessoas me pedirem pela minha vida, eu daria cantando, pois a felicidade de um descamisado vale mais que a minha própria vida (Fraser; Navarro, 1982, p. 251).⁴⁵

Depois de rogar ao povo para que se mantivesse atento na defesa de Perón, como quem já previsse a sua própria ausência iminente, Eva caiu nos braços do presidente, numa cena que se eternizaria na história argentina, uma vez que ela representaria o registro da despedida pública desta primeira-dama.

Figura 18 - Eva abraça Perón



⁴⁵ Tradução minha para: “Todo lo que tengo, lo tengo en mi corazón, hiere mi alma, hiere mi carne y abrasa mis nervios, y no es otra cosa que mi amor por este Pueblo y por Perón. Y le agradezco, mi general, haberme enseñado a conocer ese amor y valorarlo. Si la gente me pidiera mi vida se la daria cantando, pues la felicidad de un descamisado vale más que mi propia vida.”

Fonte: Perfil, 2024.

A cirurgia de Eva foi marcada para o começo do mês de novembro daquele ano, dias antes das eleições presidenciais, o que muitos da oposição peronista interpretaram como sendo uma estratégia do governo para angariar votos por meio da sensibilização das massas (Fraser; Navarro, 1982, p. 252).

A primeira-dama passou por uma histerectomia, realizada pelo trabalho de George Pack (1898-1969), cirurgião especializado no tratamento de câncer, quem executou o procedimento no Policlínico Presidente Perón, hospital criado pela Fundação Eva Perón.

“Seja pela dor ou pela medicação, ou simplesmente porque sabia que estava morrendo e ficando sem tempo, as palavras públicas de Eva se tornaram mais violentas, com ameaças de destruição e referências messiânicas à outra vida” (Fraser; Navarro, 1982, p. 256)⁴⁶. Estes pesquisadores interpretam tudo isso como gritos de angústia de alguém que se encontrava à beira da morte. Porém, para além disso, percebe-se nessa fase um tom de desespero de uma mulher que não mais protegeria seu esposo. Eva se viu impotente e fraca demais para poder defender o peronismo dos ataques futuros, os quais, de fato, ele viria receber. Desse modo, Evita parecia já sentir que sua figura representava, de certo modo, um suporte essencial para a sustentação daquele projeto político.

Se necessário, faremos a justiça com nossas próprias mãos. Peço a Deus que não permita que esses loucos levantem suas mãos contra Perón, porque ai do dia em que eu descer com os trabalhadores, com as mulheres do povo, com os descamisados...e não deixar em pé nada que não seja a favor de Perón (Fraser; Navarro, 1982, p. 256 *Apud* Perón, 1973, p. 61).⁴⁷

Com Perón eleito, no dia de sua posse, em 04 de junho de 1952,

Uma funcionária da Residência preparou uma espécie de suporte, a base de gesso e arame, e assim apoiada, Evita, com um casaco de peles grande demais para ela, pode ficar ao lado de Perón, na traseira de um carro conversível, acenando e sorrindo vagamente para a multidão (Fraser; Navarro, 1982, p. 257).⁴⁸

Figura 19 - Eva passeia pelas ruas de Buenos Aires durante a posse de Perón

⁴⁶ Tradução minha para: “Ya fuera por el dolor o por la medicación, o simplemente porque sabía que estaba muriendo y le quedaba tiempo, las palabras públicas de Evita se volvieron más violentas, con amenazas de destrucción y referencias messiânicas a la otra vida

⁴⁷ Tradução minha para: “Si es necesario, ejecutaremos la justicia con nuestras manos. Pido a Dios que no permita que estos locos alcen sus manos contra Perón, porque i ay del día em que yo baje com el Pueblo trabajador, con las mujeres del peblo, con los descamisados...y no deje em pie nada que no este a favor de Perón”.

⁴⁸ Tradução minha para: “Um empleado de la Residencia preparo una especie de respaldo, a base de yeso y alambre, y así apoyada, Evita, com un abrigo de pieles demasiado grande para ella, puedo ponerse al lado de Perón, em la parte posterior de um coche descapotable, saludando y sonriendo vagamente a la multitud”.



Fonte: Mundo Peronista, nº 24, agosto, 1952, p. 25.

Como já dito, sua enfermidade afetou o órgão amplamente associado à sexualidade e fertilidade, atributos ligados à noção de feminilidade. As psicólogas Mônica Melo e Érika Barros (2009) propõem que exista no útero um “valor simbólico”, uma vez que ele é central para a função reprodutiva, vista, por uma perspectiva tradicionalista e relacionada à religiosidade, como tarefa principal da mulher.

Eizirik (2001) fala sobre a exaltação da fertilidade como atributo máximo da mulher e como prova de sua feminilidade, sendo a maternidade vista como inseparável à condição feminina. De acordo com este autor, a gestação traria latente uma sensação de plenitude e de poder, a maternidade traria ainda gratificações desde ganhos na auto-estima, devido à capacidade geradora, a um reconhecimento e atenção especiais proporcionados pela família e sociedade. Neste sentido, a fertilidade seria vista como uma virtude e a esterilidade como uma punição ou um fracasso (Melo, Barros, 2009, p. 82).

Deste modo, a partir dessas crenças e mitos, Evita desfrutava de uma sexualidade pecaminosa, já que não possuía fins reprodutivos, ou seja, os de gestar e ser mãe. Com a sua doença, anulou-se de vez a sua fecundidade, aspecto primordial do seu papel social como uma mulher dos anos 1940-1950.

Apesar disso, Eva parece ter conseguido ressignificar esses conceitos. Fora desses padrões e ideais de feminilidade, na esfera pública ela se tornou a ‘mãe dos pobres’ argentinos/as e exerceu uma política que defendia a maternidade como suporte das casas e famílias, as quais seriam pequenos núcleos auxiliares que, quando somados, formariam um “Grande Lar Argentino”. Assim, à revelia dos valores que se impunham sobre as mulheres

de seu contexto (e para além dele), essa primeira-dama “[...] se converte em um símbolo de feminilidade e maternidade [...]” (Carvalho, 2015, p. 04).

Na lógica de atribuir a inferioridade às mulheres, o jornalista Tomás Eloy Martínez narrou que ao dar vida e personalidade aos cabelos de Evita, Julio Alcaraz, o cabeleireiro e amigo pessoal da primeira-dama, afirmou, em 1958, em uma das conversas que teve com Martínez, que: “[...] Evita foi um produto meu. Eu a fiz.” Sarcasticamente, o jornalista relembra que “Dez anos depois, Perón diria o mesmo.” (Martínez, 1996, p. 71).

À revelia das reais intenções do autor ao pontuar essa passagem do diálogo com Alcaraz, ao traçar tal parâmetro (entre o cabeleireiro e o esposo de Evita), ele ressaltou a manutenção da ideia da Eva fabricada por homens, concepção propagada como uma tentativa de despersonificá-la e despersonalizá-la. Mesmo após sua morte, é Pedro Ara quem a ‘faz’. Numa ordem geral, essa ideia caminha na esteira de uma suposta superioridade biológica e social dos homens, que por se valerem de estereótipos, sexual, cultural e socialmente construídos, costumam reprimir o acesso feminino às esferas de poder. Porém, nos casos em que isso não é possível e as mulheres constroem para si espaços de movimentação e autonomia, e o discurso masculino se baseia na justificativa de que esses lugares foram engendrados por eles e cedidos a elas, como numa tentativa de engrandecê-los e, ao mesmo tempo, desvalorizá-las e invisibilizá-las

De forma consciente e com audácia, desenvoltura e originalidade, Eva forjou os seus próprios espaços. Soube também se aproveitar das oportunidades que a sorte lhe apresentou, transformando o seu corpo em bandeira do peronismo e ocupando “[...] todos os lugares que Perón não podia ocupar” (Sarlo, 2005, p. 89), especialmente aqueles que lhe propiciavam o contato direto com o povo.

O corpo de Eva não pertencia apenas à família, mas também à Nação, de modo que quando foi roubado, furtou-se, para além da memória familiar, parte da identidade argentina. Com o sequestro, perdeu-se por muito tempo os rituais de enterro e visitação do corpo em local conhecido e identificado por uma lápide específica. De acordo com o historiador Jacques Le Goff e o jornalista Nicolas Truong (2006), na Idade Média, não enterrar o morto, significava o desrespeito à uma prática cultural.

Pois, se a história foi frequentemente escrita do ponto de vista dos vencedores [...], foi por muito tempo despojada de seu corpo, de sua carne, de suas vísceras, de suas alegrias e desgraças. Seria preciso, portanto, dar corpo à história. E dar uma história ao corpo. (Le Goff, Truong, 2006, p. 10).

Reiterando, o corpo é um elemento cultural, social e histórico, e, deste modo, as doenças são simbólicas, ou seja, marcas visuais de problemas tácitos. Ao tratar das enfermidades comuns na Idade Média, como é o caso da peste, da lepra e da escrófula, Le Goff e Truong analisam que “O leproso é assim um pecador que busca libertar sua alma e seu corpo de suas imundícies, em particular da luxúria. O corpo sofredor do leproso é a lepra da alma.” (Le Goff, Truong, 2006, p. 107). Assim, a doença funcionaria como uma punição corporal para as deficiências da alma, geralmente relacionadas aos pecados heréticos.

Le Goff e Truong, tratando das compreensões existentes acerca da mulher na Idade Média, explicam que

Diante de Eva, Maria aparece como uma redentora. É a beleza sagradadiante da beleza profana. E a beleza feminina é feita do encontro entre essas duas belezas. Mas, se o corpo de Maria não é objeto de admiração, seu rosto, sim. E é o duplo rosto da mulher Eva e da mulher Maria que produz essa promoção do rosto feminino [...] (Le Goff, Truong, 2006, p. 143).

Posta esta mentalidade cristã, que reafirmava a dualidade entre corpo e alma, seria muito importante e válido procurar pelo cadáver desaparecido de Eva, mas, concomitantemente, rezar por sua alma. O sumiço do corpo dessa primeira-dama fez com que reaparecesse o debate que rondou, na maior parte do tempo, a sua complexa trajetória de vida: a disputa entre o sagrado e o profano, e a dicotomia entre Maria e Eva. Rendido pelo embalsamento, esse corpo, aviltado pelo roubo e vilipendiado pela necrofilia, seria profanado como objeto de luxúria (Martínez, 1995). Por outro lado, seu cadáver, e em especial seu rosto, se tornaram representações materiais do mito que estava se criando sobre ela.

4 O PREÇO DA IMORTALIDADE: MITO, MONUMENTO RELIGIOSIDADE

Se o plano é fabricar um mito, atentos estarão aqueles que têm a obrigação e dever de destruí-lo. (ARAYA, Augustín Rodriguez).

Eva era católica e, até 1955, o peronismo seguia os ideais do catolicismo. Evita viveu grande parte de sua vida dedicada à atividade filantrópica, afirmada por meio da Fundação Eva Perón. Além disso, durante a doença, teve muitas missas rezadas ao seu favor. Segundo o TI: “Numerosas missas pelo restabelecimento da saúde da senhora Eva Perón foram rezadas ontem em diversas igrejas dessa capital.” (Tribuna da Imprensa, 25 de junho de 1952, nº 764, p. 02).

O lugar inaugural da memória de Eva foi o seu corpo, transformado em objeto de

múltiplas apropriações físicas, políticas e espirituais. O primeiro caso trata-se dos atos de embalsamar, vestir, adornar, velar e publicizar. O segundo diz respeito às (re)leituras acerca dele, ou seja, às maneiras de cuidado com o corpo, no sentido das influências das políticas para a rememoração e apagamento, que se referem às formas de lembrar e esquecer. Quanto ao terceiro ponto, com a realização de missas, orações, procissões, etc. em prol de Eva, é possível reconhecer que ela já era direcionada a um lugar de religiosidade e santidade.

Este capítulo, a partir da análise de como as notícias da política argentina respingavam – e se amalgamavam – no Brasil por meio do TI, traçará as relações estabelecidas entre peronismo e catolicismo, visando perceber como o rompimento entre essas duas forças foi fundamental para a queda de Perón em 1955, mas, acima de tudo, essencial para que Evita, por meio de seu corpo e da memória construída sobre ele, fosse alçada a um altar peronista.

4.1 Nega-se a santa

Para o jornal *Tribuna da Imprensa*, o peronismo criou sua própria religião e forjou sua santa, tendo como ‘Mãe da Nação’ a figura de uma pecadora; e como pai, um homem torpe e totalitário. Destarte, esses líderes só obtiveram protagonismo político porque suas qualidades foram fraudadas e ampliadas pela propaganda e censura peronistas.

As propagandas políticas⁴⁹ do varguismo e peronismo instrumentalizavam símbolos católicos ao seu favor, objetivando fixá-los no imaginário coletivo. O TI buscava incessantemente dessacralizar a figura de Eva, indo na contramão dos esforços peronistas.

Segundo o jornal analisado, especialmente após o falecimento da primeira-dama, o peronismo incentivou um culto à morta, em um movimento que nada tinha de espontâneo, já que era totalitário e compulsório, padrão que ia - ou tinha que ir, de acordo com esse periódico – se reproduzir nos lares argentinos: “Em cada escola argentina deveria haver um altar. Uma única imagem: a da Senhora. Às vezes é tolerado um crucifixo. Há muitas velas e flores. Não faltam os ofícios religiosos.” (Araya, Augustín Rodríguez. *Tribuna da Imprensa*, 16 de janeiro de 1953, nº 936, p. 04).

Para Martínez, essa santificação ocorria antes mesmo de sua morte, quando Eva já era venerada e cultuada como uma santa. “Em cada casa humilde, havia um altar onde as fotos de Evita, arrancadas das revistas, ficavam iluminadas por velas e flores do campo.”

⁴⁹ Ao tratar dos casos do varguismo e peronismo, Capelato (1998) atribui à propaganda política a função de ser um mecanismo de poder e controle que impacta sentimentos, fabrica ou intensifica paixões, e cria concepções de pertencimento nos sujeitos, contribuindo para a construção da identidade nacional coletiva.

(Martínez, 1996, p. 33).

Nesse contexto, política e religião misturaram-se ao ponto de o próprio peronismo se converter em doutrina religiosa, edificando-se, de acordo com os historiadores Francisco Alexandre Gomes e Francisco Olivando (2007), em torno das figuras santificadas de Eva e Perón. Não obstante, diferente de Eva, não dá para se dizer que Perón fora apropriado de maneira deificada, mas sim como um líder paradigmático, um maestro da nação que oferecia coordenadas, segurança e horizontes ao povo.

De todo modo, a evocação política de componentes religiosos fez com que duas forças sociais argentinas, o peronismo e o catolicismo, que até então pareciam se enredar pacificamente, entrassem em conflito. O religioso fora secularizado e o leigo se tornou sacro, se convertendo no simbólico da unificação social peronista. Eva precisava ser derrubada.

No contexto em que a morte de Eva se abatera sobre a Argentina, seu nome permanecia vivo, alastrando em seu encaço a ideia de torna-la formalmente uma santa, visto que o povo já vinha fazendo isso de maneira informal, o que o TI chamou de “fanatismo”. (Tribuna da Imprensa, 05 de agosto de 1952, nº 799, p. 02).

No discurso cristão, Cristo se mostra e se sacrifica em alma, mas também em corpo, o que faz do corporal uma dimensão estimável para a História. Como indumentária da alma, ele pode ser santo (como o de Jesus), mas também pecador, uma vez que, se configurando como o veículo material do relacionamento do homem com o mundo, está propenso a ser sucumbido pelas tentações e paixões. Eva era uma ex atriz, e essa sua atuação pública, somada ao seu passado nebuloso, caracterizava uma afronta à moral sexual do período.

Sem os contornos românticos que a propaganda lhe emprestou, a antiga atrizinha de segunda ordem, que rolava por estabelecimentos de diversão e sua medíocre propensão para a arte veio a ser, no entanto, vivendo o papel de espôsa de um falso grande homem, uma das maiores criadoras teatrais de todos os tempos (Tribuna da Imprensa, 28 de julho de 1952, nº 792, p. 01).

O antiperonismo, evidente nos discursos do TI, contribuiu, à contragosto dos desejos de seus disseminadores, para a construção e solidificação do mito, especialmente pela repetição do nome de Eva e o desmerecimento de sua figura, que tinha em sua suposta mediocridade um paradoxo, uma vez que tal pequenez era uma antítese em relação ao papel político-social que obtivera. Se falava muito em Eva Perón, geralmente atribuindo-lhe a incompetência, imoralidade e mediocridade, não a poupando nem durante a sua morte, o que é visível na citação abaixo, publicada na edição que noticiou o falecimento da primeira-dama.

A arrogância com que pretendeu divinizar o marido e aceitou a sua própria incorporação à mitologia, tão arrogante quanto ridícula, do néo- paganismo que os

ditadores transformam numa espécie de sucedâneo da religião de Estado, desfez-se agora e desmanchou-se a ponte de caber num simples túmulo – diante do qual convém silenciar, desejando paz a uma ama que tanto mal causou no mundo, talvez com a impressão de que fazia o bem (Tribuna da Imprensa, 28 de julho de 1952, nº 792, p. 01).

Evita foi, então, apresentada como uma mulher gananciosa que, por meio de seus dotes artísticos, manipulou o povo argentino e se valeu da instituição do Estado argentino para obter fama e dinheiro. Pequena e supérflua, Eva foi citada como uma “atriz de quinta ordem.” (Tribuna da Imprensa, 21 de setembro de 1955, nº 1744, p. 01).

Porém, seguindo uma normativa social, já que até a morte é cultural, historicizada e filha de seu tempo, o corpo abatido e flagelado, de modo geral, merece clemência temporária e parcial, o que não aconteceu com Eva Perón no TI. No dia 28 de julho de 1952, segunda-feira, quando a morte da primeira-dama argentina foi noticiada em letras garrafais, o jornal em questão reivindicou urgência para que a História julgasse o desempenho de Eva como figura pública. Em 19 de agosto daquele ano, o escritor e político argentino Augustín Rodríguez Araya, defendeu que o grande número de cerimônias religiosas que eram realizadas em prol de Evita, se davam porque a alma dela não seria salva com facilidade. Era preciso rezar.

Durante as duas primeiras campanhas presidenciais de Perón, a união entre peronismo e Igreja Católica parecia próspera e profícua, o que se revelou na ação do Estado em tornar lei o ensino religioso obrigatório, e controlar o funcionamento de outras religiões.

De todo modo, segundo Gomes e Olivando (2007), na metade da década de 1950, já não havia mais espaço suficiente para ambas as forças (peronismo e catolicismo) coexistirem, o que fez com o que o governo peronista, dentre outras medidas, anulasse a lei que previa o ensino religioso obrigatório, e legalizasse o divórcio. Então, a Igreja, antes base e sustentação desse regime político, acabou se tornando sua principal adversária e grande responsável pela derrocada desse projeto político.

A desvinculação entre Estado e Igreja, além de associar o peronismo ao paganismo, corroborava a narrativa antiperonista – difundida pelo *Tribuna da Imprensa*, no Brasil – de que Perón era um líder autoritário. Nessa perspectiva, tal separação significava a atitude controladora, perseguidora e censuradora de Perón em relação ao catolicismo e os fiéis.

Todavia, para além dessas questões, renovava-se o asco acerca da divinização que estava sendo construída entorno da primeira-dama falecida. Nesse ponto, era como se o peronismo estivesse desrespeitando e usurpando a autoridade da Igreja Católica de determinar

quem deveria ser santificado. Ou seja, a religião estava sendo usada em favor da propaganda política de Perón.

A decisão de desencadear a campanha contra a Igreja foi tomada quando o Vaticano recusou, a pedido de Perón, beatificar sua falecida mulher, Eva Maria Duarte de Perón. Parece que foi este o motivo secreto que levou o caudilho argentino a declarar guerra sem tréguas, não somente ‘aos padres’, como se costuma dizer em Buenos Aires, mas também à religião em si (Tribuna da Imprensa, 15 de julho de 1955, nº 1661, p. 04).

Conforme analisam Fraser e Navarro (1982), apesar do Vaticano não ter dado credibilidade ao pedido de canonização de Eva, a construção de sua santidade no imaginário popular ocorrera de maneira autêntica, sendo impulsionada, certamente, pelo Estado peronista. Neste processo, destacam-se elementos importantes, como os novos nomes dados às cidades, escolas e edifícios, a gravação de medalhas com o rosto de Evita, o levantamentos de bustos da primeira-dama e a produção de selos comemorativos que faziam alusão à ela.

O rompimento entre Perón e a Igreja Católica, ocorrido entre fins de 1954 e início de 1955, explica a recusa da alta classe hierárquica eclesiástica em cogitar a beatificação de Eva Perón.

Com a separação formal da Igreja e do Estado peronista, a Confederação Geral do Trabalho (CGT) aprovou ‘[...] a veneração laica de Eva Perón em todos os lugares sindicais, locais de trabalho e demais instalações em que os trabalhadores venerem a memória da falecida (Tribuna da Imprensa, 09 de dezembro de 1954, nº 1501, p. 05).

Porém, nesse contexto de rixas e desavenças entre essas duas forças sociais, propagava-se a oração para aquela que o povo exigia que fosse convertida em santa.

Deus te salve, Maria Eva, cheia sois de graça, todo o povo está contigo. Bendita sois entre as crianças, entre os homens e mulheres, e bendito o fruto de teu engenho. A Razão da Minha Vida; Santa Maria Eva, mãe do Justicialismo, roga por nós, trabalhadores, agora e mais ainda na hora de nossas reivindicações. Assim seja. (Díaz, 2002, p. 172).

Nesse engendramento do mito, o herói ou heroína é envolto por questões religiosas e materiais, uma vez que são figuras relacionadas à assuntos divinos, o que explica as orações para Eva e Vargas (*vide p. 79*); ao mesmo tempo em que são enaltecidas por representarem e atenderem demandas populares, especialmente em cenários de crises e desesperança (Gandin, 2010).

Já que era uma personalidade do povo, o peronismo deveria manter Eva ‘viva’ a todo custo, já que isso poderia significar a preservação da coesão do poder. Para tanto, o projeto peronista investiu em robusto conteúdo propagandístico, assim como em comemorações, rememorações e na construção de monumentos de Eva. Segundo Capelato (1997, 214):

“O material propagandístico fabricado em torno da figura de Eva Perón e suas realizações é muito superior ao referente a Perón ou Vargas.”

Figura 20 - Homenagem à Eva Perón - 1952



Fonte: González, 2013, p. 113.

Como exemplifica a imagem acima, que reúne pessoas para saudar a figura da primeira-dama, percebe-se que Eva morreu numa conjuntura em que os peronistas perseveravam na realização de missas e procissões em prol do reestabelecimento da saúde de Eva. Nesse entremeio, a autobiografia de Eva, *La Razón de Mi Vida* (1951) se convertia em um sucesso de vendas, sendo traduzida para diversas línguas. De acordo com Marques (2020), este livro atravessou as fronteiras argentinas e fora vendido, inclusive, em outros países. Porém, entre os muros daquela nação, movimentada pelo poder das paixões, ele se converteu em manual didático, sendo usado como um guia indispensável em escolas e faculdades.

Teve uma tiragem de 1.388.852 exemplares e texto de Manuel Penella de Silva, corrigido por ordem de Perón. Por lei, o livro foi convertido em texto para escolas e universidades. Traduzido primeiramente para árabe e depois para o português e para o inglês. 300.000 cópias foram vendidas em três edições de luxo encadernadas e com capa dura. 150.000 foram vendidas somente no primeiro dia de publicação (Souza, 2016, p. 67 *Apud* Marques, 2020, p. 31).

Para o TI, entretanto, a santificação de Eva não se tratava de um movimento espontâneo, mas coercitivo, planejado e organizado pela ditadura do peronismo: “Na Argentina, a ‘santificação’ da infeliz senhora é uma burla, uma indignidade e um grotesco e, ao mesmo tempo, sinistro episódio da ditadura que assaltou a República.” (Tribuna da Imprensa, 23 de julho de 1952, nº 788, p. 01).

Em meio à este processo e a cisão entre o catolicismo e a política peronista, as disputas se delineavam e o peronismo corria riscos, uma vez que havia conseguido a inimizade de um de seus principais pilares. Nesse entremeio, a figura de Evita ainda suscitava paixões e movimentava os adeptos peronistas na defesa desse projeto político. Antes mesmo do rompimento com a Igreja Católica, dois dias após o falecimento da primeira-dama, o TI já entendia, ainda que de maneira incipiente, que Eva teria sido importante para a manutenção do poder de Perón: “De qualquer forma, parece que os dias do regime de seu marido estão contados, desde que lhe falta a estranha mulher que foi, ao mesmo tempo, a sua ruína e a sua animadora.” (Tribuna da Imprensa, 28 de julho de 1952, nº 792, p. 01).

Além disso, as escolas argentinas tornaram-se lócus de disseminação da imagem de Eva associada à religiosidade, o que pressupõe que a educação foi um dos mecanismos utilizados no processo de mitificação dessa mulher. “O ministro da Educação da Província de Córdoba resolveu que diariamente, durante dez dias, em tôdas as escolas, os alunos rezem uma Ave-Maria por Eva Duarte.” (Araya, Augustín Rodríguez. Tribuna da Imprensa, 06 de agosto de 1952, nº 800, p. 02).

E, dada a importância da educação na formação dos/as cidadãos/ãs, a propagação do ideário peronista deveria começar na infância. “Em cada localidade do território argentino há uma escola denominada ‘Eva Perón’. Em todos os estabelecimentos educativos deve exhibir-se no ‘hall’ de entrada uma imagem de Eva Perón. E uma sala de cada escola deve chamar-se ‘Evita’.” (Araya, Augustín Rodríguez. Tribuna da Imprensa, 16 de janeiro de 1953, nº 936, p. 04).

“Evita tinha mais capacidade de se identificar com os trabalhadores do que Perón. Servia de mediador entre o ditador e as massas.” (Alves, Hermano Nobre⁵⁰. Tribuna da Imprensa, 18 de setembro de 1956, nº 2.042, p. 04). Então, mais do que a separação entre Perón e a Igreja Católica, o rompimento entre o Estado e os trabalhadores/as, resultante do falecimento de Eva, pode ser vista como uma explicação medular para a queda desse presidente.

Eva tinha medo de que sua morte poderia significar a quebra do laço entre o povo e Perón, o que representaria o enfraquecimento do presidente como figura política, tornando-o propenso a ser derrubado pelas ‘forças ocultas’ que buscavam retirá-lo – e substituí-lo – do poder. Isso porque “O medo de morrer é sem dúvida também um medo de perda e destruição daquilo que os próprios moribundos consideravam significativo.” (Elias, 2001, p. 23).

Em 1955, o país vivia uma crise política e a ameaça de um golpe militar iminente. A imagem do presidente se debilitava e seu nome acumulava inimigos. Contudo, a persistência das homenagens à Eva, demonstrava que sua figura não era um apêndice, mas a sustentação de Perón. Se Perón caísse, Eva não cairia junto.

Assim, a participação popular em todo esse processo não pode ser desmerecida, já que o período ditatorial imposto pelo golpe de 1955 instaurou o antiperonismo como política de Estado, mas não conseguiu suprimir as manifestações em prol da figura de Evita, o que demonstra espontaneidade nos movimentos. Porém, é certo que as investidas do peronismo, e o fato de Perón ainda ser presidente durante o adoecimento e falecimento de Eva, contribuíram para a agilidade na consolidação do mito da Eva etérea e sacrossanta.

4.2 Um nome perigoso, um símbolo fagulhante: 1955 e os meandros de um cadáver

Entre 1952 e 1955, a imagem de Eva foi instrumentalizada pelo peronismo, sendo responsável por preservar a simbologia desse projeto político, conservando-o em vigor em meio à uma disputa político-social com os antiperonistas, que buscavam derrubar Perón e aniquilar da nação a memória que se tinha dessa primeira-dama, a qual se pautava, entre outras coisas, em sua beleza, bondade e liderança política.

Quando ditador – e principalmente quando Eva ainda era viva – Perón teve os seus retratos, e de sua mulher, pregados nas paredes de todos os estabelecimentos oficiais

⁵⁰ Jornalista e político brasileiro que, além do Tribuna da Imprensa, também trabalhou em outros veículos de renome, como *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*.

da Argentina e de inúmeras – senão tôdas – casas particulares. Pois bem, eis o reverso da medalha: no Palácio da Justiça [...] todos os retratos do ex-ditador e de Evita foram arrancados violentamente das paredes e atirados no pátio central do Palácio. Numerosas pessoas, presentes, aplaudiram com entusiasmo. (Newton Carlos. Tribuna da Imprensa, 22 de setembro de 1955, nº 1.745, p. 05).

Nesse sentido, a derrubada de símbolos e a atitude quase iconoclasta do regime militar que golpeou Perón e o sucedeu na Argentina a partir de 1955 demonstrava que o governo golpista ambicionava a constituição de uma outra identidade, a partir da reimpressão de novos sentidos para o ‘inimigo’ peronista e da adoção do silenciamento acerca de um passado recente que precisava ser esquecido e desvinculado das subjetividades. Nesses meandros, o corpo morto de Eva Perón representava o monumento mais ultrajante e perigoso ao regime, mas não era o único.

Com o golpe, o general Eduardo Lonardi (1896-1956) assumiu o posto da presidência, o que só durou cinco semanas, quando fora substituído pelo general linha dura Pedro Eugênio Aramburu: “As Fôrças Armadas aceitaram a demissão do presidente Lonardi, O general Aramburu é o substituto do presidente da República, e prestou juramento às 17,10 horas de ontem” (Tribuna da Imprensa, 14 de novembro de 1955, nº 1787, p. 05).

A partir de então, por certo tempo negou-se a veracidade quanto a existência do cadáver, atitude que parecia profícua para o regime que se instalava e buscava varrer – ou ‘despurgar’ - do país os resquícios peronistas do palco político-social. Torcia-se para que aquele corpo preservado não fosse real, dada a simbologia da personagem de Evita para salvaguardar a herança do peronismo

Segundo eles, toda aquela evidência podia ser inventada. Foi necessária uma segunda sessão de raios-X e outra série de exames médicos, incluída a amputação de um dedo do cadáver para os convencer de que o cadáver era autêntico, o que se converteu para eles em um problema profundamente incômodo, mais difícil de resolver do que a razão sugeriria (Fraser; Navarro, 1982, p. 290).⁵¹

Na ‘derrubada’ do antigo regime (peronista), estátuas da Fundação Eva Perón foram demolidas, e nos espaços onde funcionava tal instituição, retirou-se as iniciais da primeira-dama de lençóis, toalhas e camas. E, além de acabar com os vestígios materiais desta organização, era necessário destruir a sua reputação, sendo que, para tanto, após suposta investigação, este instituto fora acusado de envolvimento em corrupção política. Neste processo, tanto o capital da Fundação Eva Perón fora assimilado ao Tesouro Nacional, quanto

⁵¹ Tradução minha para: “Según ellos, toda aquella evidencia podia ser inventada. Fue necesaria una segunda sesión de rayos x y outra serie de exámenes médicos, incluída la amputación de um dedo del cadáver, para convencerlos de que el cadáver era autêntico, lo que se convirtió para ellos em um problema profundamente molesto, más difícil de resolver de lo que la razón sugeriria.”

as joias de Evita foram expostas e vendidas em lotes à joalheiros (Fraser; Navarro, 1982).

Além da derrubada de retratos de Evita, da retirada de seu nome, da destruição de seus bustos, era preciso, simultaneamente, dismantelar seu legado e sua história.

As fabulosas coleções de objetos de arte do general Perón, bem como as jóias, de valor global, superior a dois milhões de dólares, que pertenciam a Eva Perón, falecida esposa do ex-presidente, estão expostas em diversos salões da residência presidencial, onde os representantes da imprensa foram admitidos ontem à noite. Esses salões serão abertos ao público diariamente, até a noite, a fim de que todos os argentinos possam ter uma ideia das riquezas acumuladas pelo ex-presidente. (Tribuna da Imprensa, 13 de outubro de 1955, nº1763, p. 04).

À vista disso, como já dito em outro momento, pode-se dizer que a ligação das concepções de luxo, riqueza e ostentação com as imagens de Eva e Juan, buscavam descredibilizar a trajetória de assistência social desenvolvida pelo peronismo e liderada por Evita por meio da Fundação Eva Perón. Desse modo, a narrativa peronista de ajuda aos mais necessitados não passaria de falácia demagógica.

Na presente discussão, cabe o conceito de “amnésia social”, proposto pelo historiador Burke (2000), que compreende os atos intencionais de desmemorização, os quais revelam os conflitos político-sociais existentes no exercício de lembrar. Segundo ele: “É importante fazer a pergunta: quem quer que quem lembre o quê e por quê. De quem é a versão registrada ou preservada” (Burke, 2000, p. 84).

Sobre isso, vale considerar também o conceito de ‘memória’ que, para o sociólogo Michael Pollak (1989), é responsável por criar sentimentos de fronteiras entre pessoas, grupos, nações, e etc., recuperar a identidade no hoje ou no passado - já que memória e identidade trabalham em consonância, e não em conflito - e, com o passar dos anos, dotar de coerência mesmo os elementos dissonantes. Segundo ele, a memória abarca os estratos solidificados, isto é, as lembranças claras, que reavivam emoções, ao mesmo tempo que recupera os elementos voláteis e fluidos, por meio dos quais a reconstrução dos eventos é feita com maior facilidade.

O corpo embalsamado de Eva Perón fora roubado e permaneceu desaparecido por aproximadamente dezesseis anos, o que encandeceu e fortaleceu o movimento evitista¹⁴ que já existia na Argentina desde a inserção de Eva na política, ocorrida por intermédio de seu casamento com Juan Perón em 1945. Esse cadáver mumificado representou materialmente a força simbólica de sua história, que também se tornou imortal por intermédio da realização de releituras e apropriações, e da construção e despertar de memórias acerca de sua figura.

De acordo com o pesquisador Luis Duno-Gottberg (2020), que trata do fenômeno do

bolivarianismo e do debate sobre os restos mortais de Simón Bolívar, o corpo é um reavivador da memória e pode protagonizar uma *Mise-en-scène* do passado. No caso de Bolívar, o cadáver representava e corporificava um modelo de Estado materializado e palpável, ou ainda, a lógica “necrofílica do legado nacional” (Duno-Gottberg, 2020, p. 287). Paradoxalmente, pelo imaginário construído em torno dele e sobre ele, era também espiritualizado e abstrato, contradição esta que o autor chamou de “encarnação e desencarnação” (*ibidem*, p. 275).

Assim como no caso de Bolívar, política e religiosidade se combinaram em torno do cadáver de Eva, mas não de uma maneira coesa e linear. Eram campos de disputa que, de maneiras distintas, buscavam tomar para si a representatividade daquele corpo, tornando-o um estandarte e um “local privilegiado da memória” (Duno-Gottberg, 2020, p. 277).

Sobre as contradições da memória, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), que analisa a memória coletiva, compreende que a lembrança do membro de um grupo é sempre parcial, e pode, em muitos casos, divergir das recordações guardadas por outros indivíduos com quem compartilhou a experiência de um acontecimento, de tal modo que prevaleça e se reafirme a memória pessoal.

Com base nisso, pensando nos modos de transmissão da memória, Burke (2000) se valeu dos estudos de Halbwachs para ressaltar a importância da categoria ‘espaço’ como um meio de comunicação estratégico para a evocação das lembranças. Partindo desse ponto, o nome de Eva Perón em navios, cidades, ruas, universidades, auditórios, etc. (Tribuna da imprensa, 1949-1960), demonstrava a abrangência espacial que tomou a figura da primeira-dama. Porém, vale ressaltar que nem sempre a derrubada desses veículos de transmissão significa a destruição de uma memória.

[...] Aqui se emprega o escorregadio termo ‘mito’ não no sentido positivista de ‘história imprecisa’, mas no sentido mais rico, positivo, de uma história com um significado simbólico que envolve personagens em tamanho maior que o natural, sejam elas heróis ou vilões. (Burke, 2000, p. 78).

O referencial material do corpo embalsamado de Eva representava a imagem peronista mais ameaçadora para a estabilidade do regime militar, já que era símbolo de adoração, misticismo e de uma política que os militares esperavam aniquilar. Assim, era preciso destruir e derrubar todo remanescente do peronismo, de tal forma que a história e a memória dos ‘vencedores’ se sobrepusessem e prevalecessem. Conforme aponta a pesquisadora Anabella Evangelina Gorza: “[...] Uma das primeiras medidas do novo governo foi mudar os nomes de ruas, cidades, praças e outros espaços e prédios públicos que faziam alusão a lideranças

peronistas ou referências partidárias.” (Gorza, 2016, p. 06).⁵²

A demolição de referências materiais que realizavam menção direta ou indireta ao peronismo, fez com que a ausência se convertesse na presença de elementos de caráter simbólico, que tiveram seus valores ressignificados e acabaram se tornando distintivos da Resistência peronista.

Dessa forma, existe a possibilidade de uma memória estritamente individual, ou ainda, de uma “intuição sensível” (Halbwachs, 1990, p. 37), isto é, aquela que é invocada independentemente das interações com o grupo social que compartilhou a vivência de determinados fatos. Todavia, para o sociólogo Halbwachs, costumeiramente as lembranças e percepções do sujeito tendem a ser obscurecidas pela predominância da memória coletiva.

Para Le Goff (1990), a memória e o esquecimento são materiais de disputas das classes sociais, já que suas imposições implicam no controle da sociedade por parte do grupo ‘vencedor’, que possui interesses, desejos e objetivos bastante singulares.

No âmbito social, as fabricações imaginárias, sobretudo os mitos, aparecem como respostas das sociedades às suas problemáticas internas, e podem ser monopolizadas por forças que buscam dominar essa produção. Para o filósofo Bronislaw Baczko (1985), a força imaginativa não dota apenas de quimera um domínio real, mas reforça a dominação por meio do acréscimo dos elementos simbólicos. Os sistemas de representações ao serem criados, requerem também ‘protetores’ e dispositivos que manuseiem os símbolos em situações de disputa por poder.

Em termos coletivos, esse imaginário se amalgama às identidades, já que formula representações, designa papéis sociais, estabelece um ideal de ‘civildade’, engendra e indica crenças comuns, aponta quem é o ‘outro’, etc. Ou seja, “O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva” (Baczko, 1985, p. 309)

Então, apesar da narrativa sobre Evita ser engendrada por meio da atuação de sujeitos, essas participações são linhas de um bordado muito maior, costurado pela memória do povo argentino e atravessado por múltiplas interpretações sobre Eva Perón.

Como já dito, após três anos da morte de Eva Perón, um golpe militar, ocorrido em 16 de setembro de 1955, retirou Perón do poder. No lugar de Juan, assumiu como presidente provisório, o general Eduardo Lonardi (1896-1956), quem, segundo o *Tribuna da Imprensa*

⁵² Tradução minha para: “[...] una de las primeras medidas tomadas por el nuevo gobierno fue cambiar los nombres de calles, ciudades, plazas y demás espacios y edificios públicos que hacían alusión a los líderes peronistas o a referencias partidárias.”

(23 de setembro de 1955), teria o papel de desperonizar a Argentina e preparar o país para as próximas eleições que ocorreriam, aproximadamente, 220 dias após a tomada do Estado.

Com o Estado de exceção implantado, a estratégia dos militares era a de destruir e criminalizar todo remanescente que remetesse os argentinos aos tempos peronistas, ou seja, ‘desperonizar’ o país. Acreditava-se que destruindo a materialidade do passado, ele seria, automaticamente, destruído junto.

A partir de 1955, “[...] o governo da chamada Revolução Libertadora decidira aniquilar toda e qualquer memória do peronismo. Era proibido elogiar Perón e Evita em público, exibir seus retratos e até mesmo lembrar que tinham existido” (Martínez, 1996, p. 142). Seu corpo nômade era carregado de um canto para outro até ser descoberto e realocado, como numa estratégia sem fim

Desde então, a nômade não cessara de se deslocar, cada vez por períodos mais curtos. Aonde quer que seu corpo migrasse, era seguido por seu cortejo de flores e de velas. Apareciam de súbito, logo à primeira distração dos guardas: às vezes só uma flor e só uma vela, jamais apagada (Martínez, 1996, p. 221).

Na tentativa de desaparecer com a Eva embalsamada, os militares percorreram um verdadeiro itinerário com seu corpo, o abrigando por certo tempo na Itália com a ajuda direta do Vaticano, e só devolvendo-o para Perón na Espanha, quase dezesseis anos depois, em 1971 (Silva, 2014).

Eva, morta, foi motivo de uma insegurança maior do que já havia sido em vida. Era preciso escondê-la, para que o esquecimento gerasse outros valores políticos. Era necessário apagar a memória. Os militares deslocam-na constantemente para, por fim, encontrarem um lugar propício ao que se propunham – evitar um exacerbado misticismo à Santa Evita (Avelino, 2014, p. 63).

De acordo com o site italiano Redazione (2022), durante a estadia do cadáver de Eva nesse país europeu, ele foi enterrado secretamente, em 1957, no cemitério Maggiore (mais conhecido por ‘il Musocco’), com o nome falso de Maria Maggi. Na maior necrópole de Milão, reduto eterno de importantes políticos, cantores, escritores, atores, etc. italianos, Evita teria sido mantida sepultada até o ano de 1971, quando seu corpo foi exumado. Conforme esclarece a matéria:

Os proponentes da revolução queriam a todo custo evitar que a primeira-dama, embora embalsamada, se tornasse objeto de veneração da multidão. [...] Assim Evita foi enviada para o mais longe possível, para a Europa, e mais precisamente para Milão, para o cemitério Maggiore, sob o nome falso de Maria Maggi, viúva de Magistris. Antes de terminar num dos cemitérios mais famosos da capital lombarda, o corpo foi escondido nos lugares mais díspares e impensáveis: num

furgão, depois em vários escritórios e até num guarda-roupa (Redazione, 2022).⁵³

Em consonância com o que noticiou o TI (Rio de Janeiro, 01 de abril de 1958, nº 2.504, p. 07), a Suprema Corte de Justiça argentina instaurou um decreto-lei que proibia formalmente fazer qualquer apologia aos nomes de Eva e Juan Perón. Para quem o descumprisse, seria reservada pena prevista de três meses à três anos de prisão.

Todavia, mesmo com o emprego de mecanismos legais, o governo golpista percebia dificuldades em conter todas as manifestações em favor de Evita.

Pela primeira vez desde 1955, missas foram celebradas ontem em diversas cidades argentinas por ocasião do aniversário de nascimento de Eva Perón. Um grupo de operários peronistas que tentou pela manhã depositar flores diante da sede da CGT, onde repousava outrora o corpo embalsamado de Eva Perón, foi dispersado pela polícia.

As últimas horas da tarde, centenas de pessoas reunidas diante da Basílica de Santo Inácio, a cem metros da casa do governo e onde segundo notícias espalhadas, seria dita missa em sufrágio de Eva Perón, tentaram organizar manifestação. A polícia teve que empregar gases lacrimogêneos por várias vezes. (Tribuna da Imprensa, 08 de maio de 1958, nº 2.532, p. 07).

Nesse contexto, o corpo de Eva era considerado a bandeira simbólica mais importante – e perigosa - do peronismo e, por isso mesmo, deveria ser eliminado de cena. O TI não citou nada sobre o processo de embalsamento até depois do golpe, o que sugere uma tentativa de ocultação da existência de rastros materiais do corpo da primeira-dama.

Não obstante, em 26 de setembro de 1955, o jornal noticiou, de maneira quase discreta, que o cadáver havia sido enterrado, já que Perón, que procurava asilo político no Paraguai, teria perdido interesse nele. Desse modo, o Dr. Pedro Ara, médico espanhol responsável por embalsamar o corpo da primeira-dama, foi impelido a entregá-lo para a mãe de Evita, quem ficou incumbida de sepultá-lo.

O Dr. Ara, que ajudou a corrigir o embalsamamento de Lenin, em Moscou, servindo por algum tempo como adido à Embaixada da Espanha em Buenos Aires, foi contratado para embalsamar Eva, que **vestia o negligé vermelho que usava quando conheceu Perón pela primeira vez.** (Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1955, nº 1.748, p. 23).

De acordo com o professor Peter Stallybrass (2008), a importância da escolha da roupa que se elege para velar um/a morto/a, está no fato de que é ela que, supostamente, o/a

⁵³ Tradução minha para: “I fautori della rivoluzione volevano evitare a ogni costo che la first lady, nel frattempo imbalsamata, diventasse oggetto di venerazione da parte della folla. Leonardi e suoi seguaci non potevano permetterselo. Così Evita fu spedita il più lontano possibile, in Europa, e più precisamente a **Milano**, nel **cimitero Maggiore**, sotto il falso nome di **Maria Maggi**, vedova de Magistris. Prima di finire in uno dei cimiteri più famosi del capoluogo lombardo, la salma venne nascosta nei posti più disparati e impensabili: in un furgone, poi in diversi uffici e anche in un armadio.”

acompanhará pela eternidade. Para ele, as roupas dos mortos consistem no seu resquício material, corroborando tanto a presença que marcou o passado, quanto a ausência e o vazio deixados no presente. O que restou de tangível, serve, assim, para reviver os rastros e as lembranças do físico que não existe mais.

A moda como veículo de comunicação dialoga, entre outras maneiras, por meio dos simbolismos das cores, os quais podem expressar significados e provocar associações. O branco, por exemplo, matiz da mortalha de Eva, costuma ser atrelado às noções de inocência e retidão, assim como às questões espirituais e religiosas (Pina, 2009). As flores realçavam a sua beleza, enquanto o tom claro de suas roupas remetia ao caráter imaculado de uma líder política que, cada vez mais, se aproximava de ideais sacros.

Não era profícuo, no entanto, relacionar Eva à noção de candura, visto que isto impulsionaria ainda mais o vínculo entre Evita e o sagrado. Pelo contrário, o TI, como portavoza dos ideais dos golpistas argentinos no Brasil, buscava contribuir para aniquilar “Os últimos traços físicos da ditadura peronista”, já que “os morais, que custam mais a ser removidos já estão sendo apagados.” (Tribuna da Imprensa, 09 de julho de 1957, nº 2.283, p. 06).

Como dito anteriormente, o jornal em questão reproduzia notícias sem checagem, e, em vários casos, como é possível perceber na citação acima (a qual trata das roupas íntimas usadas por Evita), não oferecia as fontes – nem escritas e nem imagéticas - das notícias. Eva, recorrentemente representada pelos antiperonistas como uma figura ambiciosa, imoral e incivilizada, dado o seu passado relacionado à pobreza e a vida artística, usava uma camisola vermelha antes de ser embalsamada, a mesma que vestiu com Perón. Um detalhe muito íntimo para que o redator de um jornal brasileiro antiperonista tivesse acesso; uma informação que parece muito vulgar e sem sentido para ser reproduzida num periódico de credibilidade.

Sem embargo, tal notícia transmite a mensagem tácita de que Eva representava a devassidão e a promiscuidade, em oposição à ideia de pureza e castidade representadas pela cor branca. Logo, uma mulher como um *negligé* vermelho não poderia ser cultuada como santa.

Com o golpe, a tentativa recorrente de encobrir o nome de Eva e esconder seu corpo, fizeram, contrariamente, que a primeira-dama e seu cadáver ocupassem o centro do debate. Novamente, a religiosidade atuou como uma questão medular para o desenrolar dos acontecimentos. Se ela foi essencial para a queda de Perón, dada a dissociação do peronismo e catolicismo, as reivindicações religiosas abalaram o regime golpista, exigindo que os restos

mortais de Evita fossem tratados com respeito cristão.

Para Martínez (1996), por quase dez anos após ao golpe, houve um silêncio ‘oficial’ a respeito da localização real do cadáver. Por outro lado, pipocavam teorias, hipóteses e especulações que contribuíram para o fortalecimento da narrativa da Evita metafísica, etérea e sacra.

Os militares, sob o comando de Carlos Eugenio Moori Koenig, chefe do Serviço de Informação do Exército, a partir de dezembro de 1955, percorriam Buenos Aires de tempos em tempos na posse do cadáver, buscando não levantar suspeitas sobre sua localização e temendo as investidas peronistas e uma possível sublevação popular: “Era preciso mudar constantemente de lugar para confundir os peronistas que saíram à cata de sua *Señora*. Mas a cada *estación*, segundo Moori Koenig, a vela e as flores ressurgiam como por encanto” (Ortiz, 1997, p. 379).

Evita fora reificada e se convertera num objeto em traslado constante. Deixou de ser apenas a protagonista dos cultos peronistas, passando a ser também a musa de ‘paixões necrófilas’, como a de Koenig e Ara⁵⁴.

Na Argentina, o falecimento de Eva e a consequente dessacralização de seu corpo, ocasionada pelo roubo e desaparecimento dele, fez com que o tabu da morte fosse quebrado de maneira compulsória, já que essa questão foi posta em pauta e virou tema de conversas cotidianas.

Tendo em conta que política e religião se amalgamaram em Eva, dada a sua figura considerada sacrossanta, para os/as peronistas apenas o seu toque já era responsável por abençoar objetos, lugares e pessoas. Nesse sentido, o seu cadáver, perene pelo embalsamento, representava o suprassumo do sagrado, o monumento mais significativo do peronismo. Isso porque esse corpo conseguiu, de certo modo, simbolizar a sua eternidade. Nessa lógica, se seu cadáver não se decompunha, sua história também não.

4.3 Evocar a lembrança, construir um mito: a vida após a morte

Sacra e/ou profana, Eva foi uma atriz, uma primeira-dama e depois um corpo. Um cadáver inofensivo por sua imobilização fúnebre, mas perigoso por sua simbologia. Com seus despojos embalsamados, vivos e mortos voltaram à conviver e dialogar por intermédio da

⁵⁴ Martínez (1996), em *Santa Evita*, relatou em detalhes as relações conturbadas de paixão e fascinação que Moori Koenig e Pedro Ara mantiveram com o corpo morto de Eva Perón.

memória, da mensagem e da construção. Os restos mortais dessa primeira-dama eram monumentais, e os militares perceberam isso. Mas desaparecer com eles não resolveu o dilema dos golpistas, que, paulatinamente, descobriram que o legado imaterial de Evita também já tinha se erguido como monumento.

Se por um lado o golpe militar impôs restrições e censuras, a partir de 1955 se iniciou na Argentina o período denominado de *Resistência*, em que práticas simbólicas, como missas e procissões em comemoração e rememoração às datas de nascimento e morte de Evita, foram desenvolvidas como uma luta em prol da manutenção da memória e do legado dessa primeira-dama.

As ações levadas à cabo em homenagem à memória de Eva Perón constituem uma instância por demais interessante para indagar sobre as dimensões simbólicas que atravessam o político e sobre como a política está impregnada de práticas ritualizadas, que neste caso, adquiriram matizes religiosos. Práticas que também, podem ser observadas como atos de memória e, nesse sentido, são pertinentes para analisar as âncoras materiais e territoriais que adotou a construção da memória no peronismo durante a etapa da Resistência (Gorza, 2016, p. 02).⁵⁵

Por intermédio do casamento, Eva ocupou o posto de primeira-dama da Argentina, se beneficiou da política e transformou-se em um dos símbolos do peronismo. Do mesmo modo que ocorreu com Perón, o seu nome batizou ruas, cidades, auditórios, navios, locomotivas, hipódromos, etc. Assim, dada tamanha simbologia, com o novo regime, para os militares era preciso desassociar a Argentina do passado marcado pelas atuações do ditador caído e de sua falecida primeira-dama rude.

Sem bustos, retratos e óleos de Perón e Evita – Os novos nomes dos barcos da frota do Estado.

Damos a seguir os novos nomes que substituíram os impostos por Perón aos navios da frota do Estado. O ‘Evita’ passou a ser ‘Rio Tunuyan’; o ‘Eva Perón’, ‘Uruguaiá; o ‘Presidente Perón’, ‘Argentina’ e o ‘17 de outubro’, ‘Libertad. (Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1955, nº 1.766, p. 08).

Acreditava-se que o mito Evita era formal e institucional, de modo que a mudança de governo e a transformação da lei reverteriam o seu (re)aparecimento. Não se contava, contudo, com o apelo popular e a evocação dessa figura em meios ‘não oficiais’ ou ‘legais’. Credo que a legislação conteria qualquer manifestação coletiva, o jornal carioca noticiou: “O Ministério do Interior baixou resolução revogando a prestação de homenagem perpétua

⁵⁵ Tradução minha para: “Las acciones llevadas a cabo en homenaje a la memoria de Eva Perón constituyen una instancia por demás interesante para indagar sobre las dimensiones simbólicas que atraviesan lo político y sobre cómo la política está impregnada de prácticas ritualizadas, que en este caso, adquirieron matices religiosos. Prácticas que además, pueden ser observadas como actos de memoria y, en este sentido, son pertinentes para analizar los anclajes materiales y territoriales que adoptó la construcción de la memoria en el peronismo durante la etapa de la Resistencia.”

a Eva Maria Duarte de Perón. Terminou o mito de Evita.” (Fim de um mito. Tribuna da Imprensa, Buenos Aires, 28 de março de 1956, nº 1.899, p. 05).

Em meio à trajetória de vida de Evita, marcada por conturbações e surpresas, o mito foi impulsionado por ingredientes fomentadores: Eva morreu jovem, aos 33 anos, seguindo na esteira da história de grandes personalidades argentinas. “Gardel tinha quarenta e quatro quando o avião em que viajava com seus músicos explodiu em Medellín. Che Guevara ainda não tinha completado quarenta quando um comando do Exército boliviano o fuzilou em La Higuera” (Martínez, 1996, p. 160).

A doença de Eva Perón e todo o sofrimento aparente em seu corpo, ou seja, sua fraqueza, palidez e magreza, aproximou Evita da concepção de martírio, ratificando o seu discurso – reproduzido em vida – de sacrifício.

Nota-se em Eva traços que aludem ao sagrado e ao sobrenatural (no modelo judaico-cristão), os quais a vinculam a expressões de lutas, dores e sacrifícios singulares. Para o cientista político Lucas Gandin (2010, p. 11), seu passado de pobreza e seu trabalho em defesa dos pobres foram basilares para a construção do mito Evita, mas foi a sua morte prematura e aflitiva – e o sumiço duradouro de seu corpo embalsamado – que consolidaram a sua aura de santidade, fazendo eleitores se converterem em devotos.

Nesse sentido, Martínez (1996) ressaltou, também, que a especificidade do caso de Eva encontra-se no sofrimento vindo da doença, o qual despertou uma agonia coletiva, manifestada nas procissões, missas e orações públicas. Evita era cultuada ainda em vida, sendo equiparada aos/às santos/as da Igreja Católica, a quem era atribuído a promoção de milagres.

Figura 21 - Eva Perón doente



Fonte: Ortiz, 1997, p. 233.

Seu corpo e seu rosto, sempre muito expressivos, foram aceitos pela população como meios acalentadores, bálsamos das mazelas político-sociais. E mesmo com o enfrentamento da doença, suas gestualidades e comportamentos exprimiam força e determinação. “E como teimava em acompanhar o presidente em pé nos rigores de um carro aberto, fizeram às pressas um colete de gesso e arame para mantê-la ereta.” (Martínez, 1996, p. 34).

Figura 22 - Ato político em 17 de outubro de 1951, Dia da Lealdade. Eva é segurada pela cintura por Perón enquanto saúda o povo



Fonte: González, 2013, p. 11.

Esse pode ser considerado um trabalho de memória desenvolvido para a trajetória de Eva, ou seja, uma maneira de narrar a sua morte, transformando-a em uma pessoa extraordinária que, além de conseguir suportar dores e sofrimentos, ainda distribuía amor e

afeto àqueles/as que enfrentavam diferentes adversidades.

Mesmo antes de seu falecimento, havia um movimento de legitimação da crença na “Santa Evita”, o qual partia, quase que institucionalmente, do Estado, bem como, de uma ação espontânea que nasceu e vingou em meio ao povo argentino.

Até sua santidade com o tempo foi se tornando um dogma de fé. Entre maio de 1952 – dois meses antes de sua morte – e julho de 1954, o Vaticano recebeu quase quarenta mil cartas de fiéis atribuindo diversos milagres a Evita e exigindo que o papa a canonizasse. (Martínez, 1996, p. 57).

Para Simmel (2014), a imitação é uma prática mais confortável do que a responsabilidade de criação de um novo ser social, à medida que dispensa maiores esforços produtivos e coibe a solidão causada pela excentricidade. Partindo disto, é possível perceber que, concomitantemente às reivindicações para converter Evita em santa e fazê-la ser lembrada e reconhecida como tal, a primeira-dama se multiplicava por meio das imitações que se fazia de sua aparência, e pelas necessidades do ‘fazer parecer’.

Existiram dificuldades para se lidar com a memória de Evita, de modo que para conseguir suportar a falta, criou-se essa resignificação e simbologização da melancolia por intermédio do que Freud (2011) chamou de “trabalho de luto”, que consiste, em termos gerais, no processo de reconhecimento de que o que/quem partiu deve ser compreendido a partir de sua ausência.

Cita-se, nesse caso, a construção do Museu Evita, fundado em 26 de julho de 2002, no governo do presidente Carlos Saúl Menem (1930-2021), durante as comemorações do 50º aniversário de morte de Eva. Ele compõe o Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón (INIHEP), o qual se configura como o único instituto nacional de investigação direcionado à trajetória de vida de uma mulher (Walker, 2022). Em meio a esse processo do ‘fazer lembrar’, a narrativa do museu, por intermédio da expografia, leva o visitante à um tour pelo percurso familiar, político e estético da vida de Evita, demonstrado por meio da apresentação de fotos, objetos, vídeos e roupas sobre/da primeira-dama.

Figura 23 - Museu Evita, Buenos Aires



Fonte: Pé na Estrada, 2022.

A memória coletiva se alimenta do imaginário social para fabricar os mitos, e, então, a morte e os processos memorialísticos que lhe seguem, trazem as pistas das construções mitológicas (Corrêa, 2000). Assim, no caso de Eva, a partir de seu falecimento, o peronismo buscou se apropriar de elementos simbólicos existentes nesse imaginário social, de modo a produzir a narrativa de um percurso que a aproximasse do ideal de heroína.

Para Balarotti (2009), a República brasileira dotou de rosto o aspirante à herói Tiradentes, e a partir de então, construiu monumentos, quadros e narrativas sobre ele, quem ganhou uma imagem que aludia à Jesus Cristo. Esta aproximação do mito com o sagrado, mais especificamente com a religiosidade cristã, também pode ser encontrada na história de Eva Perón, o que explica, de certo modo, a realização de práticas religiosas em seu nome, as quais podem ser consideradas rituais sazonais que invocavam uma narrativa mítica.

A construção do herói (da heroína, nesse caso) é um processo que envolve a criação de elementos simbólicos que permeiam o imaginário social. Essa discussão só pode ser compreendida por meio do conceito de memória coletiva, já que o engendramento de um mito (dado pelas narrativas dos historiadores, ou então, pelas investidas das classes dominantes), entre outras coisas - como a formação das identidades -, visa balizar o que deve ser lembrado. De acordo com o historiador Le Goff (1994, p. 95 *Apud* Balarotti, 2009, p. 208), a memória “Não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada, quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.”

De acordo com os pesquisadores Anita Gonçalves Hoffmann, Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques (2019, p. 04-05), a narrativa mítica, por meio de um

conjunto de componentes simbólicos, possui também um caráter exemplar, ou seja, cumpre o papel de estabelecer – a partir de um modelo de comportamento – códigos de conduta e valores éticos e morais.

Dessa maneira, toda a devoção da população peronista, e o sofrimento público pelo adoecimento e morte de Evita, se deveram, em grande parte, ao papel político-social que ela desempenhou como primeira-dama. Tendo se posto num lugar acessível pelos mais pobres, Eva exerceu diversas funções, como, por exemplo, a de líder espiritual e mãe dos desamparados.

Gandin (2010), que se propõe a desvendar o processo de mitificação de figuras públicas e políticas, entende que as imagens desses sujeitos combinam fábula com a narrativa histórica, confundindo elementos de ambas. Tal construção teria fins políticos a partir da percepção das demandas coletivas e do atendimento delas por parte do/a herói/heroína. O personagem político é sacralizado e, para tanto, é preciso que o povo se reconheça nele. Em Eva, as massas encontraram formas de identificação nas características que a oligarquia considerava ser o desarranjo dessa personagem: era uma mulher “pobre, filha ilegítima e atriz” (Gandin, 2010, p. 11).

Quando falece em 1952, de câncer, o povo veste luto e chora por sua morte, consolidando assim o mito. A ocultação de seu corpo promove um clamor nacional: ‘Ela voltará e será milhões’, ‘Evita ressuscita, voltará da morte!’, ‘Evita vive’, escrevia-se nos muros de Buenos Aires” (Díaz, 2002 *Apud* Gandin, 2010, p. 11).

Sobre essas releituras, é possível dizer que em 1952, o cadáver de Eva poderia ser do Estado Peronista, do embalsamador Pedro Ara ou do cabeleireiro Julio Alcaraz; em 1955, se tornou objeto escuso dos militares; na década de 1970, se converteu numa bandeira revolucionária do movimento da esquerda montonera. Em todos esses anos, o corpo de Eva Perón parece ter sido um pouco de todos, incontestavelmente, menos dela mesma. Entrementes, essas disputas pelo cadáver e, conseqüentemente, pela memória acerca de Evita, acelerou o processo de sua mitificação, de maneira que se criou um magnetismo em torno de sua imagem e uma prece pelo seu nome.

Para Duno-Gottberg (2020), o reavivamento sobre o debate acerca dos restos mortais de um personagem político de destaque, como foi Bolívar, levanta dois flancos importantes: o do Estado, que toma para si o domínio simbólico daquela figura; e da população, que reconhece caminhos identitários, rememora e se manifesta. Todo este debate e as tentativas de interpretação e apropriação desta – e de outras - figura despertam diálogos que têm sido essenciais para o engendramento dos mitos.

A configuração de Simón Bolívar como pedra angular do Estado-nação da Venezuela ocorre algumas décadas após a independência, mas a discussão entre bolivarianos e anti-bolivarianos precede a construção do mito e informa, até certo ponto, os debates contemporâneos em torno do legado do El Libertador (Duno-Gottberg, 2020, p. 280).

Nesse caso, então, a imagem morta de Bolívar ganhou vida à medida que fora tomada como uma bandeira (a do bolivarianismo) que deu tom à política e as ações ideológicas de Hugo Chávez. Algo parecido ocorreu com a figura de Evita, na Argentina, apropriada – como ‘evitismo’ - tanto pela direita quanto pela esquerda, e sendo reivindicada, inclusive, como nome central do movimento Montonero.

Os jovens de esquerda passaram a idealizá-la como a representante principal dos interesses e anseios dos novos segmentos populares, articulados com os movimentos sociais. Símbolo de resistência e mártir de transformações radicais da sociedade, Evita volta, morta, à Argentina de forma apoteótica. Ao ser trasladada, as manifestações foram dignas de um grande líder. Nem a volta definitiva de Perón, em 1973, da Espanha, empolgou tanto as massas, mesmo tendo a presença de mais de um milhão de pessoas (Avelino, 2014, p. 63).

Então, depois do que já foi dito, fica a pergunta: “Por que lembrar de alguém exatamente na passagem do aniversário de sua morte? O que esse fenômeno tem de singular?”, questionou também a antropóloga social Regina Abreu (1994, p. 205). Para ela, o papel ocupado por essas lembranças é o salvaguardar e não esquecer.

A polícia dispersou com gases lacrimogêneos uma coluna de milhares de manifestantes peronistas que intentavam realizar uma demonstração, após uma missa oficiada na ‘Igreja de São Ponciano, em memória de Eva Perón, que faleceu nesta data, há cinco anos. (Tribuna da Imprensa, 27-28 de julho de 1957, nº 2.299, p. 07).

Eva Perón usufruiu de uma vida regada de luxos, advindos de seu casamento com um militar e político de prestígio. Todavia, a narrativa mítica a seu respeito se vale, quase que paradoxalmente, dos atributos e vivências que a humanizam e a tornaram parte do ‘todo’ argentino, ou seja, se utilizam de seu carisma, passado de dificuldades, devoção e amor pelos pobres.

Figura 24 - A proximidade da primeira-dama com as crianças



Fonte: González, 2013, p. 118.

Trata-se de uma mulher loira, bem vestida e pertencente à elite política argentina, que dedicava seu tempo às camadas sociais carentes. E sobre o ideal de beleza, o qual permeia a figura de Eva, é preciso considerar que, segundo o filósofo italiano Umberto Eco (2004), esta concepção não é compacta, nem mesmo numa região onde perspectivas diversas podem coexistir. Porém, numa análise contextual e ampliada, pode-se dizer que o século XX foi marcado pela arte reificada, que teve seu significado pautado no valor de troca, fazendo com que a noção de belo fosse vinculada à grande quantidade do que era produzido – e reproduzido –, o que resultou na perda de uma parcela considerável da importância que antes era dada à singularidade. Então, tal beleza se tornou efêmera, tendo prazo de validade, já que estava destinada ao consumo e, conseqüentemente, ao descarte.

Com a ascensão da arte contemporânea no século XX, percebeu-se, entre outras coisas, a essência da matéria, que já existiria por si só, sem precisar, necessariamente, ser moldada para se configurar como tal. Assim, o modelo ideal seria, contraditoriamente, a inexistência de um modelo propriamente dito, passando a estar contido na valorização da casualidade, das reentrâncias e da informalidade de um material a ser explorado pela arte que está presente, especialmente, na capacidade analítica do/a artista que o escolhe e o significa.

Paradoxalmente, no século XX, também, até pelo menos os anos 1960, ganhou palco a beleza de massa ou de consumo, a qual estabeleceu um referencial a ser imitado. Dessa forma, os sujeitos “[...] penteiam-se segundo os cânones da moda, usam jeans ou roupas assinadas, maquiam-se segundo o modelo de beleza proposto pelas revistas de capas cintilantes, pelo cinema, pela televisão, ou seja, pelos *mass media*” (Eco, 2004, p. 418).

Considerando o contexto supracitado, a pesquisadora Marques (2020) analisa que Eva, por meio do loiro vivo e brilhante de seus cabelos, se inspirava nas atrizes hollywoodianas, uma vez que o cinema desempenhou, principalmente na década de 1950, um papel fundamental no que concerne a disseminação de concepções da moda, as quais foram bastante incorporadas pelas latino-americanas.

Entretanto, é preciso reiterar que este conceito de beleza não era coeso, mas se rompeu em paradoxos e pluralidades, que, conforme apontou Eco (2004, p. 428) abrangia a “[...] orgia de tolerância, de sincretismo total, de absoluto e irrefreável politeísmo da Beleza.” No caso das mulheres, esses tempos ofereceram para elas tanto o modelo de irresistibilidade e exuberância, como era o caso de Greta Garbo (1905-1990), quanto estabeleceu o padrão feminino de doçura e pureza, tendo, dentre outras personalidades, Doris Day (1922-2019) como exemplo. Provavelmente, Evita nadou na crista dessas duas ondas, sendo a mulher fatal, de batom vermelho e vestidos elegantes e chamativos; mas se apresentando, também, como uma mulher bondosa que, assim como uma mãe, escuta e atende as necessidades de seus filhos, sendo estes, os *descamisados*.

Figura 25 - Eva com o cabelo e o sorriso em destaque – Museu Evita



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

Além de demonstrar fascínio, como expressa a imagem acima, Eva também era símbolo de saúde e doação em um governo ativo e promotor de políticas em prol dos menos favorecidos, de modo que, com sua doença, o peronismo se fragilizou já que sua protagonista não podia mais atuar, trabalhar e desempenhar o papel que desenhara para si. O mito Evita, então, não se constituiu apenas de êxitos e conquistas, mas de dores e reveses. Beleza, viço e juventude, por exemplo, marcas registradas de sua figura (especialmente quando é

comparada à de Perón, quem era 24 anos mais velho), se esvaíram com o câncer de útero que a acometeu.

De acordo com o antropólogo Jack Goody (2008), numa perspectiva etnocêntrica, desde o início do século XIX a História vem sendo construída aos moldes europeus ocidentais, em oposição às histórias de outros povos (árabes, indus, chineses, etc.), para as quais se atribuí um caráter mítico. A partir disso, considera-se que a própria ideia de beleza reproduzida por Eva Perón configurou-se como um modelo ocidental, já que obedeceu as categorias explicativas construídas pelo Ocidente, as quais são consideradas pétreas no que se refere a historicidade, ou seja, as mudanças no espaço-tempo.

Para Ortiz (1997), com a doença, Evita abandonou o coque característico nos cabelos e as vestimentas e joias luxuosas, expondo maior humildade e fragilidade, o que pode ter servido para o fortalecimento do vínculo identitário que existia entre ela e as camadas populares. Dessa maneira, Eva Perón teceu para si uma memória que se transformou em recurso ideológico, a qual fora utilizada pelo Estado peronista, mas foi por ela mesma construída.

De forma geral, a narrativa mítica aparece como uma construção teleológica para os sujeitos temporalmente distantes dos acontecimentos que a permeiam, sendo composta por causas e efeitos, o que, segundo Hoffman, Martino e Marques (2019), influencia no modo como os sujeitos interpretam o real, ou ainda, na forma determinista, sequencial e projetada que eles entendem os acontecimentos, negligenciando, assim, as casualidades e espontaneidades.

O mito é fabricado e possui características mutáveis, já que pode ser considerado uma narrativa cognoscível que oferece coordenadas para que os indivíduos possam interpretar dada realidade. Esse real, por sua vez, não é pétreo, mas surgido da “[...] articulação de circunstâncias, situações, intenções, adversidades, infortúnios, fracassos, êxitos e felicidade.” (Hoffman, Martino, Marques, 2019, p. 19).

Já para o historiador Peter Burke (2000), o caráter ‘mitogênico’ de um indivíduo se relaciona com a sua capacidade de ‘preencher’ certos estereótipos vinculados à ideia do herói. A história de Eva Perón, por exemplo, mostra uma mulher nascida na pobreza e alçada à grandeza, e oferece indícios de uma construção mítica que se potencializou a partir de sua aproximação com as populações carentes da Argentina, e por meio da aura de dor e paixão que envolveu a sua morte, processos os quais fizeram dela uma figura que se condensou no imaginário social. Não obstante, é necessário salientar que esses eventos não podem ser

analisados como movimentos totalmente espontâneos, já que a evocação da memória sobre Evita foi um dos “recursos ideológicos” (Burke, 2000, p. 81) utilizados pelo peronismo como método de fortalecimento e coesão de seu projeto político.

Os interesses políticos – como os do peronismo e do antiperonismo - danificam a possibilidade de construção de um conhecimento objetivo acerca do passado, visto que, tratando-se de figuras mitificadas, eles podem exaltá-las ou desqualificá-las. De qualquer modo, essas elaborações partem das demandas e agonias de determinado presente. Além disso, a reconfiguração dos contornos do passado atende às problemáticas de sujeitos e grupos sociais historicizados, e a espinha dorsal desse debate reside não na descoberta da versão histórica ‘verdadeira’, mas nos elementos que fazem com que uma vertente mitificada se solidifique e sobreviva às mudanças trazidas pelo tempo.

Portanto, mesmo que o peronismo tenha instrumentalizado o mito Evita, ele também partiu da sociedade argentina que o reivindicou. Essa ligação intrínseca entre Eva os trabalhadores argentinos ficou evidente, por exemplo, no chamado *Monumento ao Descamisado* (Futuro *Altar da Pátria*), ambicionado e requisitado pela própria Eva, quem buscava homenagear o povo peronista por meio dessa construção.

4.4 Monumentalização sem monumento

Após o falecimento de Eva, já se considerava que o *Monumento ao Descamisado* seria o *Monumento à Evita*. Ela, então, suplantava os vivos e seus desejos, firmando sua imortalidade nas memórias de dor dos argentinos (Ortiz, 1997, p. 368).

Eva Perón, falecida esposa do ex-presidente da Argentina, queria ser enterrada numa cripta ‘semelhante à de Napoleão’ erigida na Plaza de Mayo, em frente ao Palácio do Governo – segundo as relações feitas hoje pela Comissão de Inquérito encarregada de estudar a utilização dos fundos recolhidos para a construção do Monumento.

A comissão declarou que segundo as minutas das reuniões do Comitê Pró-Construção do ‘Monumento a Eva Perón’, esta quando viva, decidira todos os detalhes de edificação do monumento para a ‘Chefe Espiritual da Nação’, monumento que deveria ser o maior do mundo. (Tribuna da Imprensa, 05 de setembro de 1956, nº 2.032, p. 05).

Pela matéria apresentada acima é possível perceber que o antiperonismo interpretava Eva como apreciadora do exibicionismo e da opulência. Com mania de grandeza, ela mesmo teria delineado a amplitude do monumento que abrigaria seu corpo, o qual nada teria a ver com os *descamisados*, como era prometido pelo discurso peronista. A

obra em questão não prosperou, uma vez que o golpe impediu qualquer planejamento que envolvesse a política do peronismo. Independente disso, com o novo regime, já não havia mais corpo para ser enterrado.

Enormes explosões assinalam a continuação dos trabalhos de demolição da base de concreto armado que se destina ao colossal monumento a Eva Perón.

A estrutura, que é de grandes proporções, estava sendo construída nas proximidades da residência presidencial, no bairro de Palermo, e acredita-se que a sua destruição exigirá enormes quantidades de explosivos. (Tribuna da Imprensa, 26 de dezembro de 1955, nº 1822, p. 05).

Esta proposta só voltou a ser colocada em pauta com o chamado *Altar da Pátria*, de 1974, que consistiu num projeto da Secretaria da Imprensa e Difusão, que sob o comando da então presidenta María Estela Martínez de Perón (1931 -), terceira e última esposa de Juan Perón, visava criar um grande Panteão Nacional. Ou seja, tratava-se de um espaço de rememoração das figuras ilustres do país; um lugar turístico que contaria com história, ciência e arte. Tal obra teria 50 metros, e “Como diretriz comparativa em relação à sua grandiosidade, deve-se notar que o famoso Cristo do Corcovado, no Rio de Janeiro, eleva-se a uma altura de 38 metros acima do nível do solo.” (Rega, 1974, p. 10).⁵⁶

Figura 26 - Projeto do Altar da Pátria



Fonte: Rega, 1974, p. 15.

Em um dos sítios desse monumento, seria depositado o cadáver de Eva Perón, plano que não se efetivou devido à instabilidade do governo de Isabelita (como María Estela era conhecida) que culminaria no golpe militar de 1976, responsável por elijar a presidenta do

⁵⁶ Tradução minha para: “Como pauta comparativa com respecto a su grandiosidade ha de señalararse que el famoso Cristo del Corcovado, de Rio de Janeiro, se eleva a uma altura de 38 metros sobre el nivel del suelo.”

poder.

O primeiro projeto, o *Monumento ao Descamisado*, também fracassou, o que fez com que o corpo de Evita, como já dito anteriormente, permanecesse na CGT e lá fosse embalsamado. Ele desapareceu a partir do Golpe Militar de 16 de setembro de 1955, que derrubou Perón do poder e o empurrou para um longo exílio que duraria aproximadamente dezoito anos, dividido em países como Paraguai, Panamá e Espanha (Ortiz, 1997).

Os monumentos estatuários se relacionam à questão da evocação da memória. Majoritariamente, os movimentos de intervenção nessas construções – os quais podem levar à sua destruição -, buscam apagar as memórias de um regime político que deve ser vencido e/ou esquecido (Barbosa, 2021).

Dessa forma, essas edificações podem ser consideradas *locus* de disputas, na medida em que contam histórias que podem adentrar e se fixar no imaginário social. Na atualidade, a derrubada e depredação de tais monumentos são defendidas, segundo a historiadora Liesly Oliveira Barbosa (2021), sob a justificativa de que, se tais construções rememoram sujeitos vinculados à um passado de sofrimento para certo grupo social, logo, elas precisam ser destruídas.

Reproduzindo informações da revista norte-americana NewsWeek, o *Tribuna da Imprensa* noticiou que

Despacho vindo da capital argentina informa que o monumento dedicado à memória da senhora Eva Maria Duarte de Perón será mais alto do que a Estátua da Liberdade dos Estados Unidos. [...] de acordo com o desejo de Evita, a cripta central seguirá o modelo da tumba de Napoleão. E ‘o conjunto terá, no alto, uma estátua de um operário argentino’, cercado de outras 15 figuras, todas feitas em mármore de Carrara, pelo escultor italiano Leon Tomassi (*Tribuna da Imprensa*, 17 de maio de 1955, n.º 1.636, p. 04).

A matéria anterior ressaltou a falta de modéstia de Eva (dadas as dimensões da obra), e deixou subentendido que essa iniciativa de dedicar o monumento ao *descamisado*, buscava, para além de evocar a imagem da Evita perene e majestosa, reavivar o apoio dos/as trabalhadores/as e sindicatos ao peronismo.

Entretanto, Fraser e Navarro (1982) defendem que, apesar de Eva ter desejado a construção de uma estrutura monumental, foi, na verdade, o Senado argentino que, em 07 de julho de 1952, votou em reunião que tal construção tivesse Evita como homenageada. Além disso, estes autores contestam a teoria de que Eva havia pedido para ser embalsamada e decidido aonde o seu corpo seria depositado após a morte. Para eles: “As insinuações de que ela o fez, não são nada mais do que um reflexo da resposta de Perón às muitas críticas

recebidas pelo que ocorreu com seu cadáver depois de sua morte” (Fraser; Navarro, 1982, p. 263).⁵⁷ Por outro lado, Eva teria sim idealizado que seu velório se tornasse um evento público e mobilizador, a ponto de que, com isso, seu nome fosse eternizado na História.

Todavia, roubado, sem paradeiro e sem ser sepultado num túmulo reconhecido, o corpo de Eva não foi enterrado junto daquele monumento. Ele só fora devolvido em 1971, para Perón que estava exilado na Espanha, sendo enterrado no ano de 1976, sob o governo ditatorial liderado por Jorge Rafael Videla (1925-2013). O cadáver permanece até hoje na discreta jazida da família Duarte, no cemitério de *La Recoleta*, em Buenos Aires, em um túmulo que fora construído com 8 metros de profundidade, visando blindar o perigo do fanatismo que envolvia essa figura.

Figura 27 - Túmulo de Evita em Buenos Aires



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

O seu percurso político-social, somado à todo o misticismo que circula sua morte e seu cadáver, foi indispensável para que esse sepulcrário se tornasse um espaço turístico, de visitação e de devoção nacional, confirmando a genuidade de seu apoio popular.

Schmitt (2023) analisou um conjunto de textos medievais, o ‘Ars Moriendi’ (ou a ‘arte de morrer’), que compõe um manual que oferece coordenadas cristãs sobre os procedimentos que devem ser seguidos para o “bom morrer”, isto é, para que a alma seja preparada e possa alcançar a salvação. A partir dele, foi possível perceber que, no século XVIII, como uma solução para o problema sanitário, um novo tratamento foi dado aos mortos, pautado numa

⁵⁷ Tradução minha para: “Las insinuaciones de que sí lo hizo, no son más que in reflejo de la respuesta de Perón a las muchas críticas recibidas por lo que ocurrió con su cadáver, después de su muerte.”

racionalidade iluminista e higienista. Assim

[...] hábitos milenares foram subvertidos, e a principal razão dada pelos contemporâneos para a necessidade dessa mudança foi o caráter infeccioso dos cemitérios tradicionais e os perigos que representavam para a saúde pública. (Ariès, 2003, p. 173-174 *Apud* Schmitt, 2023, p. 51).

As fossas individuais, construídas prezando o reconhecimento, particularidades e subjetividades dos mortos só apareceram no pós Revolução Francesa, substituindo as valas comuns que mantinham o contato direto com o cotidiano dos vivos. Fora do comando da Igreja Católica, os cemitérios passaram a ser projetados como lugares limpos que demandavam silêncio e respeito (Schmitt, 2023).

Dessa forma, a partir do começo do século XIX, priorizou-se pelo afastamento entre mortos e vivos, justificado como uma atitude profilática que individualizou os túmulos, fazendo como que cada morto pudesse ter o lugar de seus despojos reconhecidos, direito que foi retirado de Eva Perón até o ano de 1976.

Esse modelo adotado serviu, por exemplo, no caso do cemitério de *La Recoleta*, em Buenos Aires, onde a elite argentina se vale das construções funerárias para ratificar seu prestígio e poderio político-social, visto que os mortos também se converteram em elementos de diferenciação social, marcada pela estética de suas tumbas (Gayol, Kessler, 2015).

Figura 28 - a arquitetura grandiosa de La Recoleta



Fonte: Figura da autora, jan./2024.

Inaugurado oficialmente em 17 de novembro de 1822, o cemitério de *La Recoleta* passou por grandes remodelações, sendo recriado no ano de 1882. A partir do século XIX, as suas construções funerárias receberam influências estéticas greco-latinas, resultado da chegada de um número expressivo de imigrantes italianos em Buenos Aires, os quais inseriram-se em meio à burguesia portenha (Magaz, Arévalo, 1993).

Nesse período, identifica-se a função da lápide que, entre outras coisas, seria um espaço de singularização do morto - já que destacaria seu status social -, de representação do perfil e dos gostos da família, e de manifestação da estética proposta e executada pelo cemitério, cujo visual estava relacionado com a mentalidade (religiosa, econômica e moral) do período.

Conforme esclarecem as pesquisadoras María del Carmen Magaz e María Beatriz Arévalo (1993), *La Recoleta*, essa necrópole secularizada, consiste, então, num espaço simbólico de Buenos Aires, onde as famílias burguesas têm, historicamente, corroborado sua opulência, ressaltando a existência de uma hierarquia social por meio de lápides luxuosas – de grandes homens e mulheres da Argentina. Não obstante, além disso, é também uma redução de várias manifestações artísticas, tanto argentinas quanto estrangeiras, o que tem feito com que esse cemitério se converta num atrativo turístico e num importante patrimônio histórico e artístico dessa capital, especialmente por abrigar o túmulo de Maria Eva Duarte de Perón.

O cemitério é um dos “lugares de memória”, conceito que o historiador Pierre Nora (1993) entende como os espaços onde as memórias coletivas são salvaguardadas, as quais não são lineares, mas, pelo contrário, travam constante debates entre si. Elas são ingredientes essenciais para o engendramento das identidades individuais ou coletivas, isto é, para a construção do sentimento de pertencimento nos sujeitos e grupos sociais. Segundo Le Goff (1990, p. 477), a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Dessa forma, deve-se trabalhar de maneira que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Nas sociedades modernas, os ‘espaços de memória’ seriam esferas de concentração das memórias, tomadas por alguns sujeitos – e não por todo o tecido social -, os quais trabalham por sua manutenção. Esses lugares podem ser materiais e físicos, ou seja, locais como arquivos, cemitérios e museus; ou imateriais e simbólicos, como é o caso de aniversários, comemorações, eventos fúnebres, etc. Nesse caso, as celebrações à Eva morta também ganha ares de homenagem política, rememorando a importância que tivera a sua

atuação para a coesão do peronismo.

A memória é um espectro que só se corporifica em espaços específicos: “Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (Nora, 1993, p. 07). A memória é dinâmica e fluída, já que existe por intermédio de agrupamentos de sujeitos vivos, os quais tendem a possuir lembranças recortadas, lacunares, tendenciosas, afetivas, identitárias, etc.

A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações excessivas, vulnerável à todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 08).

Para Nora (1993), os lugares de memória, como os cemitérios, por exemplo, são remanescentes reivindicados pela História. Eles surgem da necessidade racionalizada de preservação, organização e comemoração das memórias, o que demanda a existência de espaços, tanto concretos quanto simbólicos, para não serem destruídas, esquecidas e/ou manipuladas. Nesse sentido, a memória sustenta-se sobre referências e registros materiais, tangíveis e exteriores ao sujeito, cuja função é a de evocar a lembrança.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é por isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (Nora, 1993, p. 22).

A concepção e manifestação de culto ao morto são ressignificações postas no século XVIII que resultaram em atos de reverência aos cemitérios e sepulturas. Isto se refere à reivindicação de respeito e à necessidade de homenagear o corpo que simboliza uma trajetória, a qual suplanta a passagem da morte e se torna perpétua por intermédio da construção de um túmulo (Abreu, 1994, p. 207-208).

Lembrar do falecido significa mantê-lo vivo por meio da rememoração de sua jornada terrena. Entre os modos de se evocar o defunto, está a visualidade obtida e mantida por imagens que, entre outras coisas, desenham um estilo e um formato imagético deste morto parecer, ser lembrado e ser fixado no imaginário coletivo (Abreu, 1994, p. 207-208). No caso de Eva Perón, por exemplo, a sua figura – até hoje - é lembrada no auge de sua jovialidade, beleza e saúde. Dessa forma, os seus fortes discursos e belas fotografias, serviram para fabricar sua imortalidade, a qual fora instrumentalizada pelo peronismo como projeto político.

Figura 29 - foto colorida do almanaque da Fundação Eva Perón, 1953



Fonte: González, 2013, p. 33.

Esse movimento de ressignificação resulta no que Abreu (1996) chamou de “fabricação do imortal”, componente o qual é produzido por outros indivíduos que se valem de instrumentos, tanto simbólicos quanto materiais, para, entre outras coisas, legitimar, determinar e distinguir historicamente aquele que já partiu.

As raízes da imortalidade de Eva Perón podem ser encontradas em seu percurso de vida, marcado, entre outras coisas, por reveses e paradoxos: popularidade e aversão; pobreza e sucesso; viço e enfermidade. Transformou-se num ícone do peronismo, especialmente devido à circulação de suas imagens complexas, e, quando morta, personificou o Estado, uma vez que estar em posse de seu corpo significava estar no controle do aparelhamento estatal.

De qualquer modo, todos os processos, inclusive os de apagamento de sua imagem, reavivaram e atualizaram a memória sobre Eva. O vazio de sua partida e a ausência do que não existia mais materialmente, se consubstanciaram na lembrança. Em Evita, a proibição se tornou um mecanismo memorialístico, e o que foi controlado, acabou se tornando pauta de longos debates que não a deixaram ser enterrada na cova do esquecimento.

A rememoração sobre Eva não ocorreu apenas devido ao enaltecimento da trajetória e dos feitos desta personagem, mas também se deu por meio de sua depreciação, movimento que não teve fim com sua morte. Evita faleceu em 1952; Vargas, em 1954, mas a política que eles representavam ainda pulsava, seja pelos movimentos populares, seja por intermédio de outros personagens que defendiam seus ideais.

De todo modo, se mesmo mortos ainda sobreviviam em projetos e princípios, o combate

precisava ser realizado de maneira mais profunda, corrompendo e os enterrando de vez. Considerando o *Tribuna da Imprensa*, jornal brasileiro que contribuiu como fonte deste trabalho, o próximo tópico demonstrará como que, no Brasil, assim como em solo argentino, havia uma luta simbólica (que a partir de 1964 se converteu em violência) para desmontar o que Vargas havia construído em seus governos. Reitera-se, então: se o varguismo ainda não tinha morrido, era preciso matá-lo; se o varguismo se inspirava no peronismo, este segundo também precisava ser aniquilado; se o peronismo tinha em Evita seu esteio, Eva tinha que ser desonrada e esquecida.

4.5 O patrimônio político dos mortos

Eva Perón nunca escondeu seu asco às oligarquias, e seus discursos diretos e agressivos às elites do país abriram brechas para que ela fosse (re)intepretada como uma mulher combativa e nada conciliatória. Para ela, a riqueza da oligarquia seria fruto da exploração das populações marginalizadas, e essa camada social endinheirada só teria galgado à tal esfera social, a partir das suas vastas extensões territoriais (Marques, 2020 *Apud* Díaz, 2005).

Estes discursos serviriam de combustível para os movimentos peronistas de guerrilha da década de 1960, especialmente o que viria a ser os Montoneros, um grupo político-militar que se autodeclarava da esquerda peronista, fundamentados no “[...] extremismo romântico do último ano de Evita, em sua retórica de sacrifício e sangue.” (Fraser; Navarro, 1982, p. 307)⁵⁸, e responsáveis por, entre outras coisas, protagonizar, em junho de 1970, o sequestro e assassinato do general Pedro Eugênio Aramburu, um dos principais responsáveis pelo desaparecimento do cadáver de Eva Perón.

Dessa forma, sob o governo militar que havia derrubado o presidente Perón, os antiperonistas entendiam que Evita, que estava sendo tomada como uma figura revolucionária, e movendo grupos sociais diferentes do que fazia a sua versão ‘clássica’ (de antes do golpe), precisava ser derrotada.

O TI comemorou a derrocada do presidente argentino, saudando uma nova fase de liberdades para o país, as quais suprimiriam a ameaça inconstitucional do domínio *descamisado*.

FIM DO PERONISMO

O ditador se afasta da chefia do Partido Peronista – será iniciada uma fase constitucional, após a liquidação da ‘revolução’ descamisada – restabelecimento

⁵⁸ Tradução minha para: “[...] extremismo romântico del último año de Evita, em su retórica de sacrificio e sangue”

de tôdas as garantias, inclusive a liberdade de imprensa (Tribuna da Imprensa, 16-17 de julho de 1955, nº 1688, p. 07).

Um pouco mais de um ano antes do golpe argentino, Getúlio havia morrido, mas, antes mesmo da ausência do presidente, Carlos Lacerda já denunciava o perigo que significava a atuação do Ministro do Trabalho de Vargas, João Goulart, que, ao importar métodos argentinos, parecia querer ‘peronizar’ o Estado brasileiro (Lacerda, Carlos. Tribuna da Imprensa, 29 de setembro de 1955, nº 1145, p. 04).

Se Eva parecia resistir para além do peronismo, Goulart foi visto como o herdeiro direto de Vargas e suas políticas, e, por isso mesmo, incriminar a sua imagem e retirá-lo da esfera política representava, também, proteger o país da propagação do ideal do trabalhismo. Em pleno contexto de Guerra Fria, com a ameaça nazista sendo substituída pela comunista⁵⁹, o TI interpretava que o comunismo havia se infiltrado no Estado, disfarçando-se de sindicalismo e tendo em Jango a sua liderança: “Cada fase tem os seus totalitários. Os penúltimos foram os da ‘direita’, isto é, os nazifascistas. Os mais recentes são os da ‘esquerda’, isto é, os comunistas. No fundo, tudo a mesma coisa” (Tribuna da Imprensa, 22 de maio de 1961, nº 2.448, p. 04).

Tudo isto para dizer que, enquanto os guerrilheiros peronistas começavam a se organizar na Argentina para fazer justiça à Evita vilipendiada, no Brasil, em 1956, Goulart, o “homenzinho da conspiração com Perón” virava vice-presidente do país (Tribuna da Imprensa, 22 de maio de 1961, nº 2.448, p. 04).

“A ação contra êsse político aliado ao peronismo ditatorial deve ser levada a efeito imediatamente, para que nos libertemos do perigo que seria a sua presença no senado brasileiro como vice-presidente da República” (Tribuna da Imprensa, 03 de novembro de 1955, nº 1780, p. 03). Então, se Jango se inspirava nos acontecimentos argentinos, era certo que o Estado precisaria de proteção para que, por meio do enfrentamento à fantasia legalista do nacionalismo, o comunismo não fosse implantado.

Em 1960, o apoio de Carlos Lacerda à candidatura de Jânio Quadros (1917-1992) à presidência, que ocorreu pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), se devia às pretensões em comuns desses indivíduos em moralizar o país por meio de vieses conservadores. Porém, diferente do que o líder udenista esperava, Quadros adotou uma postura independente em

⁵⁹ Sobre o contexto de Guerra Fria, vale destacar a prática do *macarthismo*, reconhecida como um fenômeno anticomunista que se intensificou na década de 1950, a partir da liderança do senador republicano de Wiscosin (EUA), Joseph McCarthy (1908-1957), quem desenvolveu uma política de perseguição aos comunistas, tidos como os grandes inimigos e traidores da pátria (Rodeghero, 2002).

relação aos Estados Unidos, fazendo o oposto ao desejado, como, por exemplo, condecorando Ernesto Che Guevara, o líder da Revolução Cubana, com a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, em 19 de agosto de 1961, e “[...] com este ato, não buscou nenhum tipo de opinião de seus aliados, fazendo com que Lacerda iniciasse um verdadeiro ataque midiático ao presidente, ao pressioná-lo diante dos programas televisivos, radiofônicos e das declarações na mídia impressa.” (Reis, 2016, p. 58).

Lacerda, que tinha o histórico de defesa de uma ‘limpeza ética’ no cenário político, intensificou a sua aversão à política vigente quando soube das relações estabelecidas entre Brasil e Cuba. Três dias depois “No dia 22, em discurso proferido em São Paulo via TV Excelsior, Lacerda insinuou que havia a possibilidade de golpe” (Gasparini, 2004, p. 620). E, de fato, uma tentativa ocorreu quando Jango (atual vice-presidente), que estava na China, quase foi impedido de assumir a presidência depois da renúncia de Quadros, ocorrida em 25 de agosto de 1951.

Pouco mais de um mês do ocorrido, o TI reafirmava

Ser somente anticomunista é uma forma de favorecer, por negativa, o comunismo. Mas, reclamamos ao Governo que não sirva de veículo a promiscuidade com os comunistas. O comunismo, no Brasil, está fora da lei. Os que respeitam a lei, portanto, não podem prestigiá-lo (Tribuna da Imprensa, 28 de setembro de 1961, nº 2557, p. 01).

Ou seja, neste processo, destacou-se a figura pujante de Lacerda, que disseminou a ideia de que Goulart representava a ameaça comunista para o país. Segundo o pesquisador Carlos Alberto Gasparini (2004), diretamente envolvido pelas paixões e a candência dos acontecimentos, o governador da Guanabara posicionava-se fervorosamente em nome dos valores da burguesia brasileira, o que fora responsável por fazer brotar o termo ‘lacerdismo’ (a política pessoal de Lacerda e de seus apoiadores diretos), que tinha significativa assimilação social.

Nesse sentido, Lacerda não escondida seu viés golpista, declarando em meios de comunicação nacionais e estrangeiros, o seu desejo e ímpeto de que Jango fosse derrubado

Em princípios de outubro de 1963, Lacerda declarou ao *Los Angeles Times* que o governo Jango poderia cair antes do fim do ano, estando os militares discutindo se seria melhor tutelá-lo, patrociná-lo, colocá-lo sob controle até o término de seu mandato ou destituí-lo agora mesmo. (Gasparini, 2004, p. 621).

Numa retórica refinada, Lacerda se valeu do *Tribuna da Imprensa* para questionar a legitimidade do governo de Jango, especialmente a partir da justificativa de que ele seria uma ameaça à Segurança Nacional. Assim, o diretor convocava os/as leitores/as à ação em prol da mudança, que supostamente objetivava a manutenção ou restauração democrática.

Era preciso resolver qualquer problema, e ainda mais os que condicionam o progresso da Democracia, tendo no Gôverno os inimigos dela e os que privam a Nação de tudo o que é autêntico, pondo no lugar tudo o que é falso, a demagogia, o cinismo, a canalhice, eis o que ninguém pode, a sério, dizer-se capaz de resolver (Tribuna da Imprensa, 22 de janeiro de 1962, nº 2652, p. 01).

Isto quer dizer, se o problema estava no Estado, a solução deveria vir de fora dele. A resposta aos seus pedidos surgiu em 31 de março de 1964, quando o golpe civil-militar derrubou João Goulart e implantou uma ditadura no Brasil que durou aproximadamente 21 anos.

A saga golpista não parou por aí, e após a queda de Goulart, Lacerda apoiou a escolha do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1897-1967) para a presidência, defendeu a anulação dos direitos políticos do ex presidente Juscelino Kubistschek (JK), e após perceber que a ditadura prosseguia sem eleições, sem que ele mesmo pudesse se candidatar à presidência, adotou uma postura contrária ao regime (Gasparini, 2004).

Interessante pensar que, em 1966, quando as eleições presidenciais foram transformadas em indiretas, Lacerda buscou a união, em uma Frente Ampla, com JK e Jango, quem outrora perseguira. Porém, com o AI-5, em 1968, os direitos políticos do ex governador da Guanabara foram cassados por 10 anos, e Lacerda faleceu antes mesmo que esse tempo chegasse ao fim, morrendo, também metaforicamente, da serpente que ele mesmo retroalimentou.

Enquanto isso, na Argentina, os Montoneros se colocavam como uma ‘nova esquerda’, ressignificando o peronismo e propondo o restabelecimento democrático por meio da formação de guerrilhas urbanas. O miolo e a bandeira dessa luta eram Evita, tomada como uma personagem radicalizada e revolucionária, construída a partir de seus discursos violentos contra as oligarquias (Marques, 2019).

Antes mesmo desse movimento popular surgir, Lacerda já demonstrava medo do extremismo ‘esquerdista’ do peronismo, e do quão rápido isso poderia chegar ao Brasil por meio do vetor João Goulart.

Agitadores treinados na Argentina, junto à CGT, que é dirigida por elementos marxistas que apoiam Perón, foram vistas nas cidades gaúchas em que se registraram graves perturbações da ordem. “Jango” Goulart, por sua vez, tem feito frequentes viagens a Buenos Aires (Tribuna da Imprensa, 26 de agosto de 1952, nº 811, p. 01).

Isso tudo foi dito para tentar analisar uma coincidência entre Brasil e Argentina, qual seja ela, que mesmo em meio à interpretações, sussurros, planos e conchavos, os países de fronteira dividiam a graça de uns e o infortúnio de outros: seus líderes morreram, mas – feliz

ou infelizmente - deixaram herdeiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em novembro de 2023 o economista Javier Milei derrotou o seu adversário político de tendências peronistas e passou a ocupar o cargo da presidência da Argentina. Porém, se apresentando como uma figura antissistema, o *outsider* declarou a sua admiração por Carlos Saúl Menem (1930-2021), ex presidente argentino que também se autodefinia como um seguidor do peronismo.

Assim como a herança do projeto peronista, o nome de Eva também é banhado nos paradoxos das ressignificações históricas. Entretanto, apesar desses meandros, considerou-se que não se pode perder de vista a concretude dos fatos e das ações reais dessa primeira-dama no seu tempo-espaço. Esta tese examinou alguns de seus feitos, especialmente os realizados em meio à esfera pública e de poder, ou seja, os referentes ao pós 1945, ano de seu casamento com Perón. Embora boatos cerquem praticamente todas as fases de sua vida, buscou-se encontrar a identidade de uma mulher que foi dona de estratégias, mas também filha dos acasos, como, por exemplo, a do seu falecimento prematuro.

Pensando nessas pressões contextuais, no Brasil, em 1951, Getúlio Vargas voltava ao poder por vias democráticas, assustando as forças antigetulistas, exemplificadas nesta tese por meio do jornal *Tribuna da Imprensa*. Eva e Vargas morreram em 1952 e 1954, respectivamente, gerando uma comoção pública que resultou em orações, temores e comemorações, em especial daqueles que acreditavam que a memória de um povo e a vida de um projeto político morrem juntamente de um corpo.

A aversão declarada do TI ao peronismo costurava uma estratégia político-ideológica bem definida das classes dominantes (nacionais e internacionais), a de alavancar o Golpe de Estado, que viria se efetivar no Brasil em 1964. Partindo desse caso e da concepção da História como uma ciência que auxilia na compreensão do presente por meio do passado, é possível dizer que, na América Latina – mas não só nela –, as mídias têm se colocado como forças definidoras para a ocorrência e manutenção de Golpes de Estado.

Voltando-se especialmente para o contexto brasileiro dos últimos dez anos, o fenômeno lacerdista analisado nesta tese, pode ter projeções históricas encontradas em movimentos atuais, como é o caso do bolsonarismo e do antilulismo. Nessa teia de relações político-sociais complexas, direta ou indiretamente veículos midiáticos de renome, sendo o

Folha de São Paulo (à nível nacional) e o Gazeta do Povo (em termos estaduais) dois grandes exemplos, têm justificado – e fabricado, em certos casos - ações antidemocráticas e golpistas, como é o caso do 08 de janeiro de 2023, data que fora marcada pela invasão e vandalismo contra o Palácio dos Três Poderes, em Brasília.

Tudo isso para dizer que a disputa simbólica existe pelo domínio da memória, considerando a lembrança e o esquecimento como armas políticas poderosas, especialmente em regimes de exceção (como o 1955 na Argentina e o 1964 no Brasil), e ela representa outra dimensão da postura combativa daqueles que se enfrentam politicamente nas ruas, como fizeram os Montoneros e os antiperonistas nas décadas de 1960 e 1970. Mas esses elementos não ficaram no passado, nos atressando como indivíduos e sociedade até os dias de hoje, perceptíveis na tentativa de manipulação da opinião pública, na disseminação de *fake news*, e no monopólio das redes de informação por parte das classes dominantes.

O ponto, então, foi o de perceber como os processos memorialísticos tendem a ser complexos e, assim como a tentativa de apagamento e o silenciamento de fatos não significa o fim da rememoração deles, a morte não é o sinônimo do fim. Às vezes, só não é mesmo possível matar um morto.

Entre outras coisas, o trabalho em questão analisou como Evita seduzia pela boa oratória e pelos argumentos em prol do povo, criando familiaridade com ele, mas era também admirada pela sua história e estética de sucesso e prosperidade. Com Eva foi possível perceber que símbolos e mitos podem ser (re)manejados em prol da disputa por poder, a qual geralmente parte dos grupos dominantes, que agem buscando captar subjetividades.

A primeira-dama em questão protagonizou e liderou o peronismo junto de seu esposo, propagandeando o regime e servindo como sua porta-voz nacional e internacional. Sua proximidade com o povo argentino, associada ao investimento peronista na circulação de sua imagem, à altearam para uma dimensão religiosa, cujos sentidos compreendiam a valorização de sua bondade, juventude e seu sacrifício.

Sejam por suas ações, beleza, ou por todo o mistério em torno de seu adoecimento e morte, Eva suplantou o peronismo, existindo, juntamente do povo, para além dele. Se por meio da indústria propagandística do peronismo, o seu nome fora evocado pela santificação, com os veículos midiáticos antiperonistas – e com a *Tribuna da Imprensa*, em específico – sua figura foi, em grande parte, vilipendiada e subestimada. Independente desses maniqueísmos que a partiram e balizaram em ‘sacra’ e ‘profana’, sua morte desvelou a força das narrativas e das disputas político-sociais que reivindicavam seu corpo de variadas

formas.

Pode-se dizer, então, que em cada notícia e produção memorialística, passado e presente se mesclam, se juntam e formam os arsenais da memória dos quais a própria imprensa se retroalimenta, contribuindo para a formação da opinião pública e impactando nos comportamentos socioculturais e posições políticas.

6 REFERÊNCIAS

6.1 Fontes Consultadas

FRASER, Nicholas; NAVARRO, Marysa. **Eva Peron**: la verdad de un mito. Trad: D. Sánchez. Buenos Aires: Editorial Brujuna S.S, 1982.

GONZÁLEZ, Horacio (Org.). **Eva Peron em los libros**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013, 165.

LACERDA, Carlos F. W. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 1949-1964.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. **Santa Evita**. Trad: Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORTIZ, Alicia Dujovne. **Eva Perón**: a madona dos descamisados. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

REGA, José López. Presidencia de la Nacion: Secretaria de Prensa y Difusion. **Altar de la Patria** [Argentina], 1974.

6.2 Referências Bibliográficas

Medio siglo sin Perón. Perfil. Argentina. Actualidade. Disponível em: <https://www.perfil.com/noticias/actualidad/a-50-anos-de-la-muerte-peron-50-personas-claves-en-la-vida-del-general-que-marco-un-siglo.phtml#vf-comments>. Acesso em: 10/02/2025.

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Rev. Estud. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 7, nº. 14, p. 205-230, 1994. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1984>.

ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte**. Trad: Ana Rahaça. Portugal: Europa-América, 2000.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AVELINO, Yvone Dias. La madre dos descamisados. Eva Perón: vida e trajetória política. **Cordis**. Mulheres na história, São Paulo, v. 2, nº. 13, p. 49-65, julho-dezembro, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/22713>.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund [*et.al.*]. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BALLAROTTI, Carlos Roberto. A construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade. **Antíteses**, Londrina, v. 2, nº 3, p. 201-225, jan-jun 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1933/193317383011.pdf>>.

BARBOSA, Liesly Oliveira. **Da memória para a História**: os monumentos estatuários como fontes nas aulas de História. In: ANPUH- 31º Simpósio Nacional de História, 2021, Rio de Janeiro.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 185-212.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BUENO, Gessica de Brito; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; SILVA, Eduardo Mandolim Brandani da. Corpos castos, sangues profanos: mulher, menstruação e medicina na América portuguesa do século XVIII. In: **VIII ReAct – Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, 22-26 de novembro de 2021. Anais da ReAct. São Carlos – SP: 2022, p. 654-672.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Trad: Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A propaganda política no varguismo e no peronismo**: aspectos teóricos-metodológicos de uma análise sobre história política. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v. 14, n. 26/27, p. 196-218, jan./dez. 1997. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/2858>>.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CARVALHO, Jéssica Mayara de Melo. O Grande Lar Argentino: a cidadania feminina segundo Eva Perón. In: **1º Seminário internacional de Ciência Política**: Estado e democracia em mudança no século XXI, Porto Alegre, 2015.

CHALOUB, Jorge. O liberalismo de Carlos Lacerda. **Rev. de Ciências Sociais**. Curitiba, v. 61, n.4, p. 385-428, 2018.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. v. 4, p. 37-47, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761>>. CHAUI,

Marilena. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CIPOLLA, Damian A. **El camino hacia la profesionalización de la enfermeira y la fecunda experiência de la Escuela 7 de Mayo de la Fundación Eva Perón.**

Aproximaciones cuantitativas y cualitativas. *Red Sociales – Revista del Departamento de Ciencias Sociales*, v. 8, n° 2, p. 89-122, 2021. Disponível em: <

<https://ri.unlu.edu.ar/xmlui/bitstream/handle/rediunlu/1731/9.-El-camino-hacia-la-profesionalizacion.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, Natal-RN, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em:

< <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?format=pdf&lang=pt>>.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Renascença às Luzes.** Trad: Lúcia M. E. Orth. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

CORRÊA, Roselaine Casanova. Sinais, imagens e símbolos: a construção do mito na República brasileira. *Revista Sociais e Humanas*, v. 13, n° 1, p. 117-121, 2010. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1187>>.

CRISTOFARI, Loeni de Souza; AGOSTINI, Lenir Cassel. As relações externas entre Getúlio/Brasil e Perón/Argentina (1951-1954). *Disciplinarum Scientia*, Santa Maria, v.6, n.1, p. 43-57, 2005.

CPDOC-FGV, Exposição Virtual. **Princesa Isabel libertou os escravos em 1988; Getúlio Vargas libertará o povo brasileiro em 1950.** 1953. Disponível em: https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/sites/expo-virtual-cpdoc.fgv.br/files/documentos/gv_ce_1950.08.09.00.53_2611162026272829303132354353_e_57.pdf.

DELGADO, Márcio de Paiva. **O “golpismo democrático”:** Carlos Lacerda e o jornal *Tribuna da Imprensa* na quebra da legalidade (1949-1964). Juiz de Fora-MG, 2006, 154 f. (Dissertação) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2006.

DÍAZ, Martha Susana. **Mulher e poder:** o caso de Eva Perón na política argentina. Salvador- BA, 2005, 227 f. (Dissertação) – Universidade Federal da Bahia, 2005.

DÍAZ, Martha Susana. O mito de Eva Perón – Evita: uma mulher imaginada. In: FERREIRA, S.L.; NASCIMENTO, E.R. (Orgs.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea.** Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p. 165-178.

DI TELLA, Torcuato. **História Social da Argentina Contemporânea.** 2ª ed. Rev. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2017.

DUARTE DE PERÓN, Maria Eva. **La razón de mi vida.** Traducción de Gabriela Maltempo Perez: Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Asociación Museo Evita, 2016.

DUNO-GOTTBERG, Luis. Disputando o corpo de Bolívar, e os usos do bolivarianismo na política contemporânea venezuelana. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n° 59, p. 273-291, dez./jan. 2020. Disponível em: < <https://rice.academia.edu/LuisDunoGottberg>>.

ECO, Humberto (Org.). **História da Beleza**. Trad. Eliana Aguiar, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Trad: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

EVITA Perón: conheça sua história e visite os lugares em Buenos Aires. **Pé na Estrada**, 2022. Disponível em: <<https://www.penaestrada.blog.br/a-cidade-de-evita-peron/>>. Acesso em: 14/08/2023.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-92.

FERRERAS, N. A sociedade de massas: os populismos. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald. (Org.). **História das Américas: Novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 213-240.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREITAS, André Luiz Ranucci. **Quebra de estátuas: possibilidades de uma (re)escrita decolonial e pública da História**. 2021, 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2021.

FREUD, S.; KEHL, M. R.; PERES, U. T.; CARONE, M. M. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GANDIN, Lucas. A Sacralização do Político. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, set. 2010.

GASPARINI, Carlos Alberto. Carlos Lacerda e o Golpe Militar de 1964. **Proj. História**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 619-626, 2004.

GAYOL, Sandra; KESSLER, Gabriel (orgs.). **Muerte, política y sociedade en la Argentina**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Edhasa, 2015.

GOMES, Francisco Alexandre; OLIVANDO, Francisco. O evangelho segundo Perón: uma análise das relações entre a Igreja Católica e o peronismo – 1946 a 1955. **Ameríndia**, Fortaleza v. 4, n. 2, p. 1-15, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14850>>.

GONÇALVES, D. L.; GONÇALVES, K.F. Propaganda do regime peronista: o uso dos meios de comunicação para a divulgação do governo de Juan Domingo Perón (1946-1955). **Rev. de Artes e Humanidades**, n. 05, p.42-57, nov-abr 2010. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n5/pdf/d7_PERON.pdf>.

GOODY, Jack. Quem roubou o quê. In: _____. **O roubo da História**: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23- 36.

GORZA, Anabella Evangelina. Los homenajes a Eva Perón como prácticas de memória em tiempos de la Resistencia peronista (1955-1963). In: **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, v.16, nº. 1, p. 1-22, 2016. Disponível em: <
<https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/101089>>.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Trad: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política**: tempos de Vargas e Perón. 1992, 324 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

HOFFMAN, Anita Gonçalves; MARTINO Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Possibilidades e limites do conceito de “mito político”: aspectos genealógicos e operacionais da noção nos estudos de comunicação. **Revista Eco-Pós**, Belo Horizonte, v. 23, nº 1, p. 512-534, 2020. Disponível em: <
https://revistaecopos.eco.ufjf.br/eco_pos/article/view/27550>.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Trad: Paulo Menezes. 7ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1996.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa carioca nos anos 50: os “anos dourados”. In: ABREU, Alzira Alves (Org.). **A imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro dos anos 50. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, 200p.

LA Tomba di Evita Peron. **storie dimenticate**, 2022. Disponível em: <
<https://storiedimenticate.it/la-tomba-di-evita-peron/>>. Acesso em: 22/05/2023.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Trad: Sônia M. S. Fuhrmann. 2ª ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad: Bernardo Leitão [et.al.]. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MAGAZ, María del Carmen; ARÉVALO, María Beatriz. **El Cementerio de La Recoleta**. Atractivo turístico de la ciudad de Buenos Aires. Revista de la Universidad del Salvador, v. 12, n. 24, p. 27-42. Disponível em: <<https://p3.usal.edu.ar/index.php/signos/article/view/2621>>.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 126-147.

MAUAD, Ana Maria. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. **Rev. Maracanan**, v. 12, n. 14, p. 33-48, jan./jun. 2016.

MARANHÃO, Ricardo. **O governo Juscelino Kubitschek**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MARQUES, Ivana Aparecida da Cunha. **Eva Perón e a moda na política**: revista Mundo Peronista (1951-1952). 2020, 118 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

MEDEIROS FILHO, João. Quintino. Moda e gênero: o vestuário sexualizado do New Look de Christian Dior (anos 1950). **Mneme- revista de humanidades**, Caicó, v. 16, n. 37, jul/dez. 2015, p. 10-36.

MELO, Mônica Cristina Batista de; BARROS, Érika Neves de. Histerectomia e simbolismo do útero: possíveis repercussões na sexualidade feminina. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 12, nº 2, p. 80-99, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582009000200008>.

MENDO, Valme Montero. **Relaciones publicas y diplomacia**: la etiqueta em la visita a España de Eva Perón (1947). Sevilla, 2017, 58 f. (TCC) – Universidad de Sevilla, 2017.

MENEZES, Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de. Mulher, poder e subjetividade. **Rev. Mal- Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 59-85, set., 2002. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000200004.

MOTT, Maria Lúcia. Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945). **Cad. Pagu**, Campinas, v.16, 2001, p. 199-234.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. **A canção no feminino**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011, p. 1-24.

NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 7-28, dezembro 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>.

PALERMO, Silvana A. Quiera el hombre votar, quiera la mujer votar: género y ciudadanía política en Argentina (1912-1947). In: **Programa de Estudos de História del Peronismo**- Instituto de Estudos Históricos, agosto, 2007.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica, **História**, São Paulo, v. 24, n. 01, 2005, p. 77-98.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Rev. Bras. de Hist.**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14.

PINA, Liliana Maria Gonçalves. **A cor e a moda**: a função da cor como suporte para o Design de Moda e personalidade dentro de um público jovem. 2009, 116 f. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <
https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 103-130.

REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria (1947-1955). **Diálogos DHI/UEM**, v. 8, n. 1, p. 189- 208, 2004.

REIS, Carla Darlem Silva dos. O poder das forças “terríveis”: a renúncia de Jânio Quadros e o ensaio para o golpe civil-militar de 1964. **Boletim Historiar**, n. 15, p. 56-71, 2016.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSENWEIN, Bárbara H. **História das emoções**: problemas e métodos. Trad: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SANT’ANNA, Sabrina Mara. **A boa morte e o bem morrer**: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721-1822). 2006, 128 f. Dissertação (mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. **A construção da ameaça justicialista**: antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). 2015, 230 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. Uma missiva contra o peronismo tupiniquim: Carlos Lacerda, Tribuna da Imprensa e a carta Brandi (1955). **Antíteses**, Londrina, v. 10, n. 19, p. 137-164, jan./jun. 2017.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção**: Borges, Eva Perón, Montoneros. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, São Leopoldo-RS, v. 8, n.10, 2004.

SCHMITT, Juliana. **Três lições da história da morte** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora UFPR, 2023.

SEBRELI, Juan José. **Los Deseos Imaginarios del Peronismo**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

SILVA, Ana Carolina Ferreira. **Santa Evita e suas aparições**. 2004, 144 f. Monografia – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SILVA, Bruno Sanches Mariante; MARQUES, Ivana Aparecida da Cunha. La razón de mi vida: Eva Perón e o protagonismo político por meio do discurso da coadjuvação. **Antíteses**, v. 14, n. 27, p. 450–480, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/41679>.

SILVA, Dilossane Vargas da Silva. A imprensa como integrante da oposição política a João Goulart: o ministro do trabalho 1953-1954. **Estudios Historicos**, Uruguay, año 6, n. 12, diciembre 2014.

SILVA, Dilossane Vargas da Silva. Getúlio Vargas e João Goulart: mestre e discípulo. In: **X Encontro Estadual de História**. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o Regional e o Nacional. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, jul. 2010.

SILVA, Gislene. Imaginário, o sensível e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo (Org.). **Mídia e Imaginário**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 127-144.

SILVA, Paulo Renato da. Memória e História de Eva Perón. **Rev. Hist.**, São Paulo, n. 170, janeiro- junho, p. 143-173, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/82568>>.

SILVERO, Florencia Amado. **La estética mediante el peronismo y el antiperonismo**. Uma aproximación a la obra de la Fundación Eva Peron (1948-1952). In: n. Inst. Arte Am. Investig. Estét. Mario J. Buschiazzo, 2021, v.51, nº 1, p. 1-14.

SILVERO, Florencia Amado. Vivienda y justicia social para mujeres trabajadoras. El caso del Hogar de la Empleada de la Fundación Eva Perón em la Ciudad de Buenos Aires (1948-1952). **Registros**, Buenos Aires, v. 18, nº 1, enero-junio 2022. Disponível em: <<https://revistasfaud.mdp.edu.ar/registros/article/view/531>>.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SIMILI, Ivana Guilherme. A primeira-dama Maria Thereza Goulart e o costureiro Dener: a valorização da moda nacional nos anos 1960. **Rev. História e Cultura**, Franca-SP, v. 03, n. 1, p. 276-298, 2014. Disponível em: <
<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/993>>.

SIMMEL, George. Da psicologia da moda: um estudo sociológico. In: **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2ª edição, 2014, p.159- 168.

SOIHET, Rachel. Alguns comentários a partir do artigo de Marta Zabaleta: o Partido Peronista feminino: História, características e consequências. (Argentina 1947- 1955). **Diálogos**, DHI/UEM, Maringá, v.4, n. 4, 2000, p. 41-47. Disponível em: <
<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/37601>>.

SOIHET, Rachel; COSTA, Suelly Gomes. La manzana de la discordia. **Repositorio Institucional UNAL**, Colômbia, v.6, n.2, 2011, p. 7-25.

SOUZA, Fabiano Farias de. **Conjuntura política e econômica no Brasil (1950-1964)**. História e Cultura, v.2, n. 1, p. 189-204, 2013. Disponível em: <
<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/799>>.

SOUZA, Renata Melki de. **A imagem de Eva: o governo peronista (1939-1955)**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2023.

SOTANA, Edvaldo Correa. Agências internacionais de notícias, telegramas e políticas. **Dimensões**, v. 41, 2018, p. 252-278.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Trad: Tomaz Tadeu. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

STAWSKI, Martín Esteban. **Asistencia social y Buenos negocios: política de la Fundación Eva Peron (1948-1955)**. 2008, 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidad Nacional de General Sarmiento, Buenos Aires, 2008.

STAWSKI, Martín Esteban. El populismo paralelo: política social de la Fundación Eva Perón (1948-1955). In: **X Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Universidad Nacional del Litoral, Rosario, set. 2005.

TEIXEIRA, Luciana Medeiros. Essa mulher: as múltiplas representações de Eva Perón. A construção do mito e as disputas políticas em Santa Evita de Tomás Eloy Martínez. **Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, v.3, nº 1, 2013.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**. Trad: Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WALKER, M. A. F. **“Mi vida, mi misión, mi destino”**: um análisis de la narrativa expositiva del Museo Evita de Buenos Aires, Argentina. 2022, 199 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

ZICMAN, René Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Rev. do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUCSP**. São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.

ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e gênero: repensando o feminino. **Rev. de História Regional**, v.1, n. 9, p.31-44, 2004.